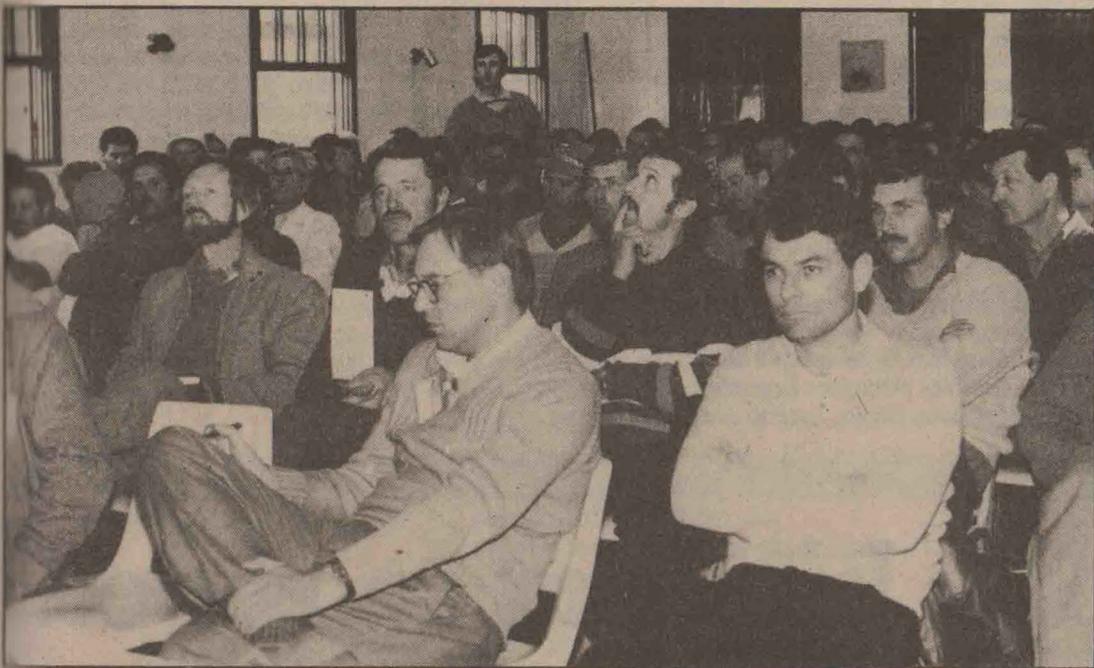


## ALTERNATIVA DE PRODUÇÃO



Debate: em busca de uma nova postura em relação a terra

Em reunião ampla com representantes, conselheiros e associados, a direção da Cotrijuí e a equipe agrotécnica discutem as propostas de verticalização da produção diversificada, aliando à análise técnica a dimensão econômica resultante da reordenação do sistema produtivo na região.

— 4 e 5

# A RENDA DA DIVERSIFICAÇÃO

## LEITE

Programa para elevar a produtividade e a rentabilidade da atividade na região

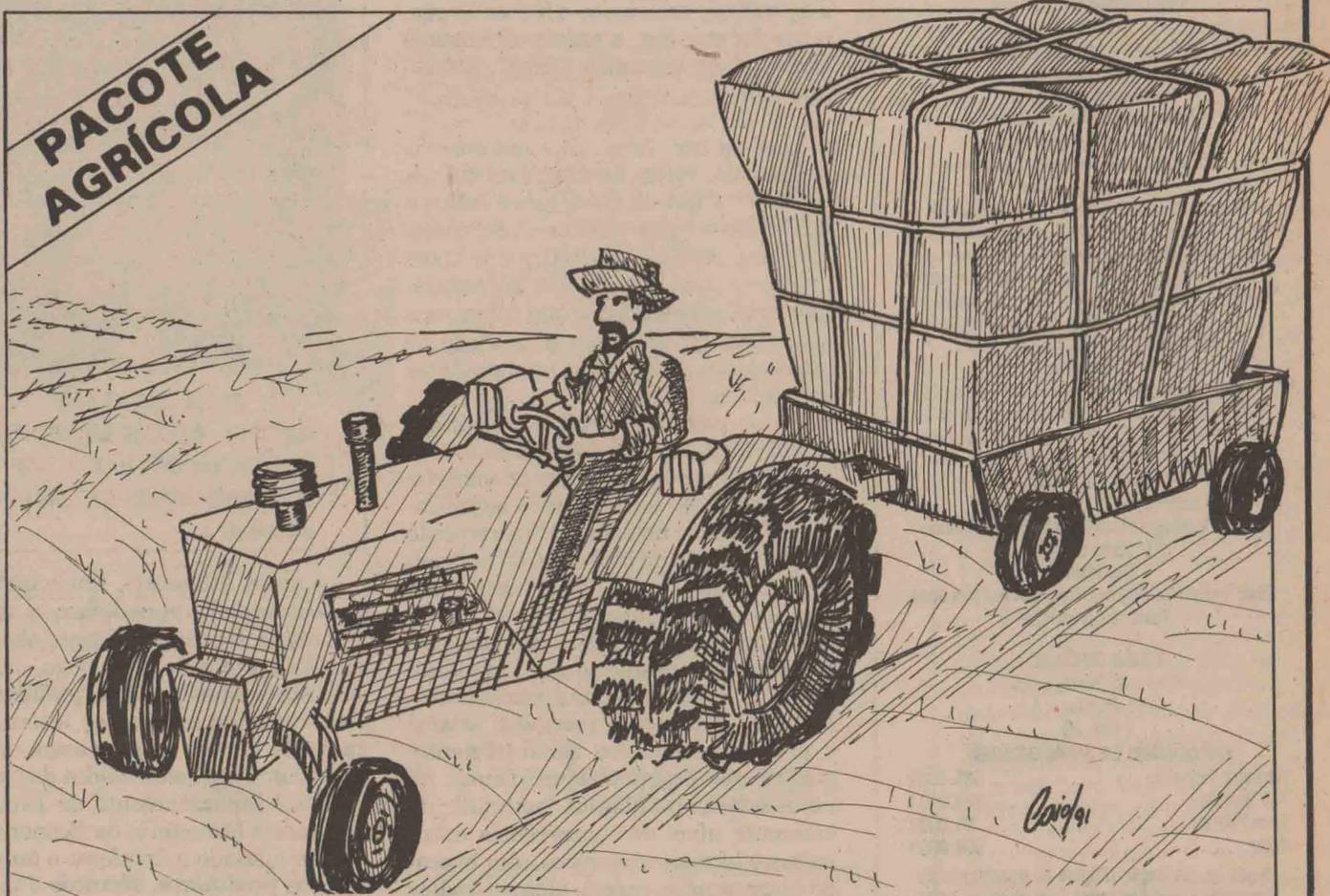
— 6

## MILHO

### A reação da lavoura

Com o incremento da suinocultura e da pecuária de leite e às exigências de rotação de culturas, o milho ganha maior espaço

— 8 e 9



## O desafio de continuar produzindo

O anúncio da liberação de Cr\$ 1,2 trilhão de cruzeiros para a próxima lavoura de verão não diminui a desconfiança do produtor em relação as intenções do governo. O volume de recursos é insuficiente e muitas das medidas anunciadas precisam, antes de festejadas, serem colocadas em prática

— Páginas centrais

**COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.**



Ijuí — Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 11  
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400  
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161  
CGC ICM 085.0007700  
Inscr. INCRA nº 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Carlos Gomes, 111  
10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44,  
Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Granelero - 4ª Seção  
da Barra - CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122  
Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450  
Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

**SUBSIDIÁRIAS**

— Cotriexport Cia. de Comércio Internacional  
Av. Carlos Gomes, 111  
10º andar - CEP 90030 - Fone (0512) 37-26-44,  
Fax 41-44-66 - Telex 511433 CTXT

— Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.  
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS  
CEP 90030 - Fone (0512) 28.00.23

— Cotridata - Processamento de Dados Ltda.  
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700  
Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.  
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700  
Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO

— IRFA - Instituto Riograndense de  
Febre Aftosa Ltda.  
Bairro Lami — POA

**ADMINISTRAÇÃO  
DIRETORIA EXECUTIVA**

**Presidente**  
Ruben Ilgenfritz da Silva

**Vice-presidente**  
Euclides Casagrande

**Superintendente/Pioneira**  
Celso Bolívar Sperotto

**Superintendente/Dom Pedrito**  
Abu Souto Bicca

**Conselho de Administração (Efetivos)**  
João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral,  
Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto,  
José Rieth de Oliveira, Floriano Breitenbach,  
Waldir Domingos Zardin, Erno Schneider,  
Juarez Padilha, José Dalisio Marchese e  
Antônio Carlos Nunes Campos.

**Suplentes:**  
Enor Carmiel, Arlindo Valk, Luiz Fernando  
Löw, Ezió Barzotto, João Pedro Lorenzon,  
Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas,  
José Moacir da Conceição, Ari Göergen e  
Florício Barreto.

**Conselho Fiscal (Efetivos)**  
Otaliz de Vargas Montardo, Amário Becker  
e Ingbert Döwich.

**Suplentes**  
Elbio Gorostide Galarza, Rudí Bönmann e José  
Atalides Conceição.

**LOJAS COTRIJUI**

Regional Pioneira. 26  
Dom Pedrito 3  
Total. 29

**CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM**

Regional Pioneira.....	585.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Total.....	896.800 t

Órgão de circulação dirigida ao quadro social,  
autoridades, universidades e técnicos do setor,  
no país e exterior.

**COTRIJORNAL**

Associado da ABERJE

**REDAÇÃO**

Dária C. L. de Brum Lucchese, editora;  
Carmem Rejane Pereira; Raul Quevedo, Porto  
Alegre; e Lucilene Zafalon, Rio Grande

**REVISOR**

Sérgio Corrêa

— Impressão em Off-Set rotativa  
Solna, na "A Tribuna Regional",  
Santo Ângelo/RS.

**A** proposta de reordenação do sistema produtivo, através de uma produção em escalas mínimas começa a sair a campo, ganhando um espaço de discussão com todos os associados da Cotrijuí. No meio desse debate que iniciou oficialmente no dia dois de maio e foi complementado agora em julho, por meio de um encontro amplo com representantes, conselheiros e associados, está uma questão definitiva para todo agricultor interessado em fazer da sua propriedade um conjunto de atividades, que, com uma integração planejada, proporcione eficiência e consequentemente rentabilidade. De forma alguma isso significa a exclusão de alguma atividade ou cultura ou a adoção de novos modelos. Pode até ser, se o produtor, na sua individualidade optar por este caminho. Mas basicamente, o que as propostas de verticalização da produção diversificada propõem é uma nova postura com relação a propriedade, apoiada em um gerenciamento de todos os recursos ali existentes. É preciso pensar com seriedade no solo, nos investimentos a serem feitos e na mão-de-obra aplicada. Todos estes aspectos aliados a aptidão de cada um deverão indicar qual a melhor integração para a propriedade, ou seja, qual a que pode garantir maior rentabilidade ao agricultor. As razões e a dimensão econômica dessas integrações, estão nas páginas 4 e 5.

**A** poucos dias do mês de agosto, muitos produtores já começam a se preparar para fazer uma lavoura de milho. Neste ano, por causa da frustração da última lavoura de verão, e pelas necessidades de aumentar os níveis de alimentos produzidos na propriedade, a área de cultura promete uma pequena reação, fazendo com

que as previsões girem em torno de um aumento de 15 por cento. Alguns até já pensam no milho como uma forte lavoura comercial. É certo também que, pelo menos de forma modesta, já começa a ser semeado com o intuito de regenerar o solo, iniciando assim a rotação de culturas no verão. A reação da lavoura e a opinião dos produtores estão nas páginas 8 e 9.

**A** pretensão do governo Collor de recuperar a produção de grãos aos níveis obtidos na safra 88/89, quando foram colhidos 17 milhões de toneladas de grãos passa por um outro desafio: o de recuperar a credibilidade entre os produtores. Se o barulho produzido em Presidente Prudente para o anúncio do pacote agrícola levou a pretensão, deu com os burros na água. A surpresa do anúncio do montante de recursos, na ordem de 1,2 trilhão de cruzeiros, foi substituída pela desconfiança de sempre. Além de insuficiente, o dinheiro, a exemplo do que já ocorreu em safras passadas, pode nem chegar em tempo aos bancos. Algumas medidas são boas e estão dentro da filosofia da lei agrícola, só que entre a promessa e a prática existe uma distância que vai da lavoura a percepção do governo de que a agricultura está descapitalizada e num beco sem saída. Uma amostra é a questão do acesso ao crédito. Só terá direito a pegar financiamento aquele agricultor que liquidar ou recompor suas dívidas junto ao Banco do Brasil. O produtor deve ter esquecido que o agricultor, principalmente o gaúcho está cansado de uma safra que foi colhida, em mais de 50 por cento, pela estagnação. Uma avaliação do novo pacote agrícola e as principais medidas estão nas páginas centrais.

DO LEITOR

**Trigo: a história se repete**

Valdir Bisotto

*"Perde-se na noite dos tempos a origem do trigo, acreditando muitos povos ter sido ele um presente do céu. Foi dedicado à deusa Ceres, d'onde se deriva a denominação cereal. Na época da pedra polida, quando o homem já se entregava à agricultura, encontra-se o fabrico do pão, o que faz crer que, n'aquela remotíssimo tempo, já era conhecido o trigo". Aldebaram-1912*

**E**m um artigo que escrevemos em julho de 1988, intitulado "O que se deve saber sobre a qualidade do trigo nacional", defendíamos uma posição nacionalista de apoio à triticultura. Na ocasião apresentamos uma série de fatos que colocavam nosso cereal, dentro de uma visão de médio-longo prazo, como produto de segurança nacional.

A partir de 1986, o Brasil e o Rio Grande do Sul experimentaram ganhos de produtividade e de qualidade do trigo de forma muito significativa. Tivemos, no país, um incremento de rendimento da ordem de 35 por cento e, no Estado, de 65 por cento, em relação ao quinquênio anterior, configurando-se tal situação como algo extraordinário, mesmo ao nível mundial.

A qualidade das variedades, lançadas pela nossa pesquisa, estatal e privada, melhorou sensivelmente, pois nossos pesquisadores, cientes da nova ordem econômica mundial, do crescente nível de concorrência entre países e blocos econômicos, têm buscado incorporar ao cereal, além do maior potencial produtivo, a qualidade tão desejada, que se refletirá nos produtos derivados. Neste aspecto, ainda temos um caminho árduo a seguir, mas já estamos no rumo certo e em constante aceleração para vencê-lo.

Entendemos que a agricultura, e particularmente a triticultura nacional têm que se tornar mais eficiente, mais competitiva. Mas para aumentar esta competência não podemos errar, estabelecendo medidas políticas que possam desestruturar o setor. Para citar apenas um exemplo entre muitos

Foto: André Chassot



*... "ainda temos um caminho árduo a seguir, mas já estamos no rumo e em constante aceleração para vencê-lo".*

— acordos bilaterais, financiamentos de custeio da lavoura defasado, volume de crédito insuficiente, preço abaixo do custo de produção —, o trigo, que evoluiu em produtividade e qualidade, sofreu reduções nos preços internos em mais de 20 por cento nestes últimos cinco anos, conforme dados da Companhia de Financiamento da Produção, do próprio Ministério da Economia. Isto tem ajudado a arrefecer o ânimo de muitos produtores, técnicos e interessados em defender o nosso cereal. Mas não de todos.

Muitos também dirão que hoje as cotações internacionais estão baixas — alguns empresários do setor moageiro estão, numa afronta ao esforço de nossos triticultores e, em função de preços artificializados externamente, entabulando negociações com países que subsidiam tanto a produção como o comércio do cereal — e que o produto nacional deve receber tratamento semelhante em termos de preços internos, para acelerar a busca da eficiência

e da competitividade.

Lembremo-nos, entretanto, que na década de 80 os preços internacionais estiveram, por sete safras, em torno ou acima de 150,00 dólares a tonelada, valor superior àquele que hoje nossos produtores recebem pelo seu trigo. De uma hora para outra, os preços internacionais devem mudar e aí nos pagam desestruturados.

Outrossim, é bom salientar que, na atualidade, a maioria dos produtores defende a produção subsidiada do cereal, entendendo que o trigo é pão e pão é algo sagrado, alimento básico que qualquer nação quer e deve ter.

Por outro lado, estamos certos de que nossa triticultura está ameaçada, os produtores com o coração saltar-lhes do peito e a importação aumentando incontrolavelmente, cobrindo pouco a pouco com nosso cereal numa sangria lenta, contínua e massiva.

Em 1989 fomos quase autossuficientes, importando apenas 16 por cento de nossas necessidades totais.

Como relembrar é viver acontecimentos, lembremo-nos de um bastante antigo. Já em 1966, F. Schilling, secretário da Associação dos Agricultores de Encruzilhada de um município gaúcho, escrevia em seu livro "A Operação Trigo" que "numa audaciosa tentativa de vencer a batalha do trigo vendem-nos, os americanos pela primeira vez na história, trigo para ser pago em cruzeiros e pagamos com 76 por cento do valor da transação financiados, com prazo de 40 dias". "Conhecendo a fundo nossa mentalidade imediatista, os americanos não ter refletido: com essa os brasileiros abandonam de vez a sua triticultura antieconômica, passando a comprar o trigo que necessitam... mas assim a triticultura brasileira".

Com muitas semelhanças e algumas ressalvas, a história se repete agora com mudanças de personagens locais e interesses.

**Valdir Bisotto é engenheiro químico e coordenador de assistência técnica da Fecotri.**

## ICMS/IJUÍ

## Cotrijuí em primeiro lugar

A Cotrijuí continua sendo a empresa ijuiense que mais Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços tem arrecadado para o município. Este ano volta a ser apontada como a primeira entre as 100 empresas que se destacaram, conforme dados apurados pelo levantamento das Guias Informativas do ICMS, referentes ao exercício de 1990.

Em segundo lugar aparece a empresa Texaco do Brasil S/A; em terceiro a Indústria de Máquinas Agrícolas Fuchs S/A - Imasa -; em quarto a Petrobrás Distribuidora S/A. Em seguida, seguindo a ordem de classificação ainda aparecem, com destaques, as seguintes empresas: a Avicultura e Pecuária - Avipal; a

Cooperativa Central Gaúcha de Leite, Posto de Recebimento e Resfriamento de Ijuí; a Prefeitura Municipal de Ijuí; a Fábrica de Balas Soberana; a Brasdiesel e a Cooperativa de Eletrificação Rural - Ceriluz. O valor total adicionado de ICMS gerado pela Cotrijuí no município, em 1990, é de Cr\$ 1.670.788.682,00, oriundos da comercialização de produtos agrícolas - soja, trigo, milho, suínos, leite, hortigranjeiros, entre outros - e das vendas feitas através de suas lojas e mercados. Parte desse valor retorna ao município para ser aplicado, pela Prefeitura em obras públicas - construção de escolas, calçamentos e asfaltamentos de ruas, construção de creches, entre outros.

**FUNDAÇÃO** - O engenheiro agrônomo Sérgio Morosini é o novo presidente da Fundação de Pesquisa Agropecuária, entidade que engloba todas as Estações Experimentais e Institutos de Pesquisa do Rio Grande do Sul. Como diretor técnico assumiu o engenheiro agrônomo Carlos Antônio Saraiva. A diretoria administrativa está sendo ocupada por outro profissional da área, Sérgio Correa de Oliveira.

**LIVRO** - A primeira questão que se colocou como fator de convergência entre todos os analistas da vida social e dos usos e costumes populares nos países do bloco socialista, em todos os tempos, esteve relacionado com o problema político. E, na atualidade, evidenciados pela Perestroika nascida na era Gorbachev, os graves problemas econômicos. O enfoque inicial preferencial de todo o visitante é, sem exceção, a crise política gerada pelos problemas econômicos que se abateram sobre o regime socialista, seja na URSS ou em qualquer outro país do bloco. O jornalista Camilo Simon, esteve 100 dias na Rússia, fazendo estágio na área de cooperativismo, a convite do governo soviético, mas teve o cuidado de não enveredar por essa trilha. Em seu "Ah, os Soviéticos estão mudando", narra os graves problemas pelos quais passa a Rússia, sem entrar no terreno comum do unilateralismo pró-capitalismo.

**COOPERATIVISMO** - Mesmo com uma política agrícola que até os dias de hoje não conseguiu provar grandes benefícios ao pequeno produtor rural, os assentamentos de colonos sem terra no Rio Grande do Sul conseguem driblar aos poucos os percalços impostos ao setor agrícola, principalmente pela capacidade de organização de uma incipiente produção. Agora, além das quatro primeiras cooperativas de produção - Coopanoor, Coopail, Cooptil e Cooptar -, foi criada no dia 30 de maio passado, a Coopac, Cooperativa de Produção Agropecuária de Charqueadas, integrada por 46 famílias de colonos. A nova cooperativa foi anunciada pelo órgão de divulgação da Coopanoor-Cooperativa dos Pequenos Agricultores da Nova Ramada, em Júlio de Castilhos, através da sua 18ª edição.

**VISITA** - O Cotrijournal recebeu, em fins de junho, a visita do gerente de Propaganda e Promoções da empresa Ciba-Geigy, sediada em São Paulo. Luiz Antônio Recchi esteve em Ijuí acompanhado pelo gerente regional da Ciba-Geigy, escritório de Passo Fundo, o engenheiro agrônomo Carlos Oberdan Luiz Vieira e por Ênio Soares, também engenheiro agrônomo e titular de área na região. Além de conhecer a Cotrijuí, os representantes da Ciba-Geigy vieram a Ijuí para fazer o lançamento do programa de monitoramento Tilt para o trigo.

## LOJAS COTRIJUI

## Servindo melhor o consumidor



Na Cel Dico  
Área triplcada ...



... e maior qualidade no setor de hortigranjeiros, carnes e panifício.

... e maior qualidade no setor de hortigranjeiros, carnes e panifício. A obra totalmente montada pelos funcionários do setor de manutenção da Cooperativa, a nova Loja Cotrijuí está proporcionando maior conforto aos consumidores e um serviço de maior qualidade na área de hortigranjeiros, carnes e panifício. A quarta Loja Cotrijuí na cidade de Ijuí conta ainda com amplo espaço de estacionamento junto à entrada do mercado, de forma a facilitar o carregamento das mercadorias.

## De pães, biscoitos e telecomunicações

Os dados fornecidos pela Presidência da República e remetidos ao Tribunal de Contas da União são reveladores da insignificância dos recursos destinados à agricultura em 1990. Pelos dados referidos, ficou-se sabendo que o setor agrícola foi o que teve menos recursos de investimentos do governo Collor de Mello. Apenas 9,4 bilhões de cruzeiros foram destinados ao setor agrícola. Em contraposição, apenas para citar uma rubrica, foram destinados 154,3 bilhões para o setor de telecomunicações.

O fato parece sintomático e nos lembra um acontecimento histórico ocorrido na França. Bem menos racional que a rainha Maria Antonieta que ordenou dar biscoitos ao povo em lugar de pães, o governo do Brasil insiste em dotar-nos com a mais moderna rede de telecomunicações do mundo. E isso, evidentemente, não se come.

## A 10ª Feira de Produtos Coloniais

A Feira já tem tradição em Ijuí e, neste ano, também acontece em Ajuricaba, marcando os 34 anos de aniversário da Cotrijuí

Qualidade e bons preços. Essa é a tônica da 10ª Feira de Produtos Coloniais da Cotrijuí que no dia 10 de julho marcou o 34º aniversário da Cooperativa. Além de trazer para o consumidor produtos de qualidade, a Feira tem por objetivo mostrar ao público consumidor o que se produz de culturas diversificadas na propriedade. Com o conhecimento que não se perde com o binômio trigo e soja", observa Noemi Huth, educadora em co-

operativismo da Cotrijuí na unidade de Ijuí.

A Feira deste ano contou com a participação de 22 produtores, provenientes dos núcleos de Aracy Serves, Rincão do Tigre, Alto da União, Vila Santo Antônio, Linha 11 Oeste, Linha 6 Oeste, Linha 2 Oeste, Linha 4 Leste, Linha Base Sul, Povoado Santana, Linha 10 Oeste, Linha 7 Leste e Dr. Bozano. Com tradição formada no município de Ijuí, a Feira de Produtos Coloniais já é um sucesso garantido. "O pessoal acorda cedinho para vir comprar salames, copa, linguiças e derivados do leite", lembra a Noemi na expectativa de uma grande Feira neste ano, não só em volume de negócios, mas também em volume e

número de produtos colocados à disposição do consumidor da cidade.

**AS FEIRAS DA REGIÃO** - As unidades de Ajuricaba e Tenente Portela também estão marcando o aniversário da cooperativa com Feiras de Produtos da Colônia. Em Ajuricaba a Feira abriu às 8:00 horas e encerrou ao meio-dia, com a participação de 35 produtores. Em Ajuricaba muito salame, mel, melado, frutas, verduras, artesanato e produtos derivados do leite, e da carne foram trazidos pelos representantes dos núcleos do Pinhal, Pranchada, Formigueiro, Linha 29 São Jorge, Linha 15 Tuiuti, Linha Carovi - Princesa Isabel -, Linha 13, Linha 27 Souza Doca e da Linha 21 Espinilho.

## Programa para 10 anos

Um dos melhores retratos da situação agropecuária regional pode ser visto através da pauperização dos solos que abrangem toda a área de atuação da Cotrijornal. De 1585 amostras de solo coletadas apenas 1 por cento delas apresentaram teores de MO considerados altos. Os outros 99 por cento apresentaram teores de médio e baixo. Esta realidade, aliada a outros fatores, indicam um forte empobrecimento do solo justificando o lançamento do Programa de Racionalização da Agropecuária e Exploração Preservacionista do Solo e do Ambiente na Região Pioneira da Cota, elaborado pelo engenheiro agrônomo Rivaldo Dhein e pelo economista rural Luiz Ilgenfritz.

Toda a fertilidade química, biológica e física dos nossos solos está comprometida, afirmou Rivaldo antes de apresentar os projetos e sub-projetos que compõem o programa projetado para 10 anos. O primeiro deles é o projeto de ocupação racional do solo, que pretende distribuir as culturas sobre os solos, de acordo com a sua capacidade de uso e visando a recomposição do solo. O restante da área de 20 por cento de uma fazenda agrícola calculada em 454 mil hectares, depois dele, o projeto de correção da acidez da fertilidade do solo, o projeto de conservação do solo e da água em bacias hidrográficas, o projeto de alternativas poupadoras de energia na agricultura e projeto de recuperação e controle ambiental.

Para execução total do programa seriam necessários 224 milhões de dólares, sinaliza ainda Rivaldo ao falar sobre o encaminhamento do documento a órgãos financeiros, e da participação não somente da Cotrijornal, mas também do setor público municipal, estadual e federal. Ao mesmo tempo, alguns aspectos poderão ser desenvolvidos, como é o caso da adubação do solo de forma natural mediante o incremento que está sendo projetado a suinocultura local. Somente com esta atividade a região pode ganhar em um ano um milhão 575 mil metros cúbicos de esterco líquido.

"É uma quantidade significativa de adubo orgânico", admite o pesquisador traduzido em números o percentual de matéria orgânica que representa - cinco mil toneladas de nitrogênio, 13 mil toneladas de uréia, quatro mil e 500 toneladas de fósforo, 10 mil toneladas de superfosfato triplo e cinco mil e 200 toneladas de Cloreto de Potássio.



Rivaldo Dhein

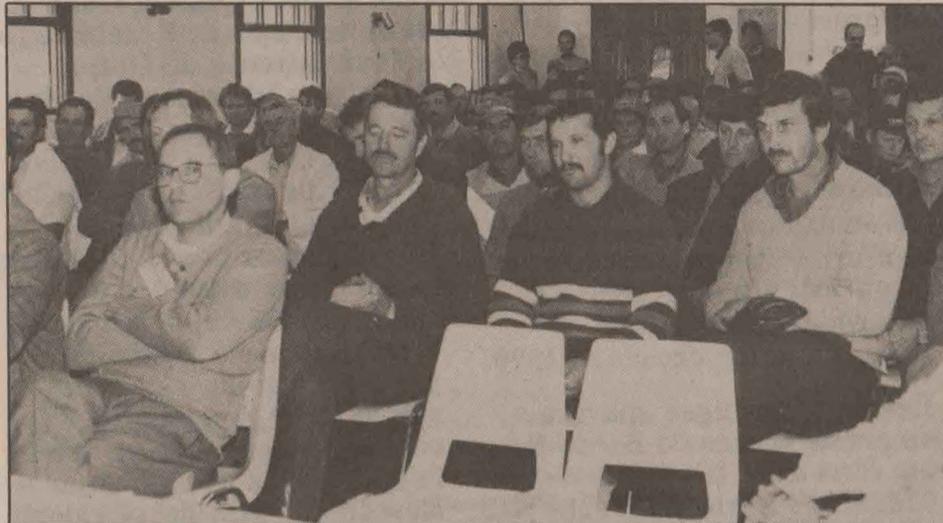
comercial de 16 hectares com outras culturas próprias para adubação verde e pastagens.

Já nas propriedades médias e maiores que giram ao redor de 20 hectares, apresentam-se três opções de terminação de bovinos/grãos, bovinocultura de leite/grãos ou terminação de suínos, bovinos/grãos. Em cada uma delas, a mesma relação para a produção comercial, permanente da agricultura de subsistência. No primeiro caso, por exemplo, calcula-se a terminação de 180 bois ao ano, com a manutenção de uma área de pastagens perenes de 10 hectares no verão e no inverno e de 100 hectares de pastagens anuais no inverno e 38 hectares no verão.

**A RENDA** - Mas por que mudar, reorganizando melhor a produção? A melhor resposta buscada quase sempre pelo produtor que acompanha com precisão a rentabilidade de suas atividades pode ser observada pela receita econômica dos vários tipos de integração. Na propriedade de 25 hectares, o potencial de receita líquida de integração leite/grãos vai para 4,4 milhões de dólares, em suínos/grãos para 7,14 milhões de dólares e fica somente em 3.045 dólares ao mês para quem persistir na monocultura soja/trigo. Nas propriedades maiores, o potencial de receita líquida para a integração bovinos/suínos/grãos sai na frente, obtendo 51,8 milhões de dólares ao mês, em bovinos/grãos 40.066 dólares, em leite/grãos 47,2 milhões de dólares e com a monocultura, baixa para somente 25.332 dólares.

# Prioridades na diversificação

A agricultura passa por um momento de transição forte, onde a produção regional fica na obrigação de reagir e implementar mudanças significativas no seu sistema produtivo. Mais do que um alerta, a frase sintetiza o conteúdo de uma proposta lançada pela Cotrijornal ao seu quadro social no dia 15 de julho, em Ijuí, em reunião com o conselho de representantes, de administração, técnicos, comunicadores e gerentes. O assunto vem complementar o seminário sobre alternativas de produção realizado no dia dois de maio passado, quando se discutiu pela primeira vez a necessidade de reformular o sistema de diversificação, através de um melhor gerenciamento tecnológico da propriedade



Reunião na Afucoitl  
Discussão ampla com representantes



Ruben Ilgenfritz  
Uma nova relação  
com a terra

Nessa segunda etapa de discussão, as propostas de distribuição do uso do solo e da verticalização da diversificação de culturas e atividades juntou ao caráter técnico, uma dimensão econômica. Isso para comprovar de forma individualizada, o quanto se ganha com um hectare de determinada cultura ou um plantel de animais e ainda a receita bruta e líquida de cada um dos tipos de integração das atividades produzidas em escalas na propriedade.

**PROVOCAÇÃO** - Sem representar a imposição de novas atividades ou modelos exóticos, a proposta de verticalização da produção diversificada é na verdade a indicação de uma nova postura no comportamento da agricultura regional. As médias de produção, apesar de todo o trabalho de pesquisa e incremento à produção são desalentadoras e registram um retorno cada vez mais desalentador, principalmente frente a inúmeras frustrações climáticas e incompatíveis com o momento econômico atual.

Essa estagnação na produção regional e a necessidade de tomar definitivamente uma nova postura dentro da propriedade como um todo, foi muito bem salientado pelo pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijornal, Luiz Volney de Mattos Viau, que enumerou mais uma vez, os vários aspectos que podem contribuir para essa mudança. "É preciso uma nova lógica de administração na propriedade, onde o produtor mais organizado e gerenciando melhor os seus recursos tecnológicos, sejam eles naturais, de capital ou humanos - venha a superar os níveis de ineficiência produtiva", frisou o pesquisador.

Para espelhar melhor essa ineficiência, Volney se serviu de dados referentes a uma década da produção regional, pelos quais se ficam registrados que tanto as culturas de maior ou menor expressão econômica não chegam nem à metade da sua potencialidade produtiva, constantemente comprovada pela pesquisa. O milho, por exemplo, que deve sustentar a maior parte da produção animal, tem uma média de 12 toneladas por hectare

na experimentação, mas nas lavouras comerciais, esse potencial fica pouco mais de 20 por cento. A soja, por sua vez, chega somente a 31 por cento da sua potencialidade, enquanto o feijão a apenas 20 por cento. Tirando o trigo, que conseguiu grandes avanços nos últimos cinco anos da década de 80 e de algumas culturas de inverno, como a aveia, o restante das culturas apresenta uma média de produtividade de desafiadora para a sobrevivência do agricultor.

Potencializar estas culturas, portanto, é uma das medidas apontadas pelo pesquisador, baseando-se em práticas bastante conhecidas pelos produtores, como a cobertura de solo durante os 365 dias do ano, a adoção de um completo esquema de rotação de culturas, a adubação verde e/ou orgânica e o uso de leguminosas no sistema produtivo. "Ou o produtor administra com seriedade todas estas práticas ou ele não terá condições de produzir nenhuma cultura de expressão em escala, avisou Volney.

**MAIOR PRODUTIVIDADE** - "Se repetirmos em 90 o que foi produzido em 80, não se pode prever o que sobrar na região", alertou em conformidade com o Volney, o pesquisador e gerente de produção agropecuária da Cotrijornal, João Miguel de Souza, enfatizando aqui os patamares de produtividade da produção animal local em relação a outros países, como a Argentina, grande parceiro e concorrente brasileiro, além do acompanhamento dos processos de desenvolvimento tecnológico.

Começando pela produção de grãos, sejam cereais ou oleaginosas, para os quais a Argentina já prevê, em 1995, o volume de 47 milhões de toneladas, João Miguel lembrou ainda com destaque, as grandes diferenças principalmente na área de leite. "Temos o maior rebanho de gado leiteiro do mundo - 18 milhões de cabeças -, mas produzimos somente 13 milhões de litros de leite ao ano, enquanto a Argentina com 2,9 milhões de animais produz seis bilhões e se prepara para produzir nove bilhões de litros em 1995.

É bem verdade que a média regional de produção está à frente da estadual, assim como está da nacional, mas nem por isso a média gaúcha se aproxima da dos argentinos. Enquanto a média local de comercialização se espreme em 23 litros ao dia por produtor, naquele país, o produtor alcança nada menos do que 277 litros por dia. "Precisamos nos adequar a esta concorrência, aplicando tudo o que sabemos fazer", disse João Miguel citando a necessidade da implementação de planos forrageiros e exemplos nacionais de algumas empresas cooperativas que estão conseguindo dobrar a produção.

**VALORES DA MUDANÇA** - E é justamente com este objetivo que hoje o corpo técnico, mais a direção da Cotrijornal estão colocando a campo a proposta de diversificação organizada, inclusive dimensionando economicamente a sua implantação. Não é uma proposta acabada, mas como afirma, convicto, o presidente Ruben Ilgenfritz da Silva, é a chance de concretizar uma nova forma de relação com a terra", e por isso se exige fundamentalmente o estabelecimento de metas e de objetivos claros para que se possa usar melhor a tecnologia disponível. Não se exclui com ela, a produção de nenhuma cultura ou atividade, mas exige um aproveitamento racional do solo para se obter maior retorno em produtividade. Todos os fatores que compõem o sistema produtivo, e em especial o de solo e do meio ambiente estão relacionados, não apenas pelo aspecto ecológico, romântico, mas porque, obrigatoriamente, é um bom negócio econômico, explica ainda Ilgenfritz.

Respeitando as características de cada propriedade e a inclinação de cada produtor, a proposta de verticalização da produção diversificada, através da integração em escalas mínimas coloca várias opções ao associado. Tomando como exemplo uma propriedade com área em torno de 25 hectares, pode se trabalhar com leite/grãos, suínos/grãos ou ainda optar por uma suinocultura com ciclo completo. Para todas elas corresponde uma série de atividades agregadas num setor de agricultura comercial, área de ocupação permanente e ainda na parte de agricultura de subsistência. Como exemplo, pode-se citar uma propriedade que optar pelo primeiro tipo de integração. Ela deverá partir de um plantel de 10 matrizes e por isso terá que fazer obrigatoriamente uma lavoura de 10 hectares de milho. Além disso, pode contar com uma área de soja de quatro hectares e meio. No inverno, o trigo cultivado em seis hectares deve dividir a área

# Nova mentalidade

Lançadas em maio, as propostas de verticalização da diversificação, através de escalas mínimas de produção já estão sendo discutidas a camargo do quadro social. As opiniões são variadas, mas a receptividade às propostas tem sido expressiva, já que para muitas, elas representam um ponto de partida para antigos questionamentos.

É dessa forma que o representante por Ijuí, Senio Kirst, avalia as propostas de verticalização da produção diversificada, dizendo que desde o seu primeiro mandato vem questionando o assunto, mas sem encontrar um suporte efetivo para estruturar a diversificação.

Citando a própria indústria de cereais como exemplo de suporte, Senio vê as propostas com bons olhos pois representam segundo ele, alternativas: a primeira é que o produtor deve buscar com criatividade uma maior produtividade na lavoura, a fim de superar um empolamento crescente, causado por frustrações, preços e ineficiência. "Ele precisa atuar de forma mais racional nos recursos da propriedade", afirma Kirst. Essa postura complementa a segunda alternativa, coordenada pela cooperativa, que ao atuar a verticalização pode

barganhar melhores preços para os nossos produtos".

**INCREMENTO** - A mesma situação atualmente pelo produtor, é destacada por outro representante, Amauri

Antonio Scher, da localidade de Esquina Gaúcha em Augusto Pestana, ao justificar as propostas de verticalização da produção como uma saída para a estagnação da monocultura. Junto aos vários tipos de integração apresentados pela Cotrijuí, Amauri vê ainda com grande interesse o Programa de Solos, que deve ser implementado como um complemento da diversificação, principalmente no que diz respeito ao projeto de reflorestamento. "A propriedade que realmente se integrar a esta proposta tem condições até de se antecipar, cobrindo os 20 por cento de florestas exigidos em cinco anos", pensa o representante.

Para atingir estes objetivos, Amauri considera no entanto, que a cooperativa assim como o produtor começou a criar um outro tipo de mentalidade. É preciso, segundo o agricultor, planejar investimentos de longo prazo. "Não



Senio Kirst



Amauri Soher



Jorge Sperotto

adianta só ter socorros anuais para uns e outros, porque se não todo mundo afunda junto", ressalta Amauri.

"Nós estamos vendo que a maneira como vínhamos produzindo até hoje, seja pela baixa produtividade ou porque produzíamos um grão para ser mandado embora, não vem trazendo nada de positivo para o produtor". A constatação é do conselheiro Jorge Sperotto, de Santo Augusto, para quem esta nova tomada de reorganização das propriedades, lançada pela Cotrijuí, começando da pequena, média e grande propriedade, faz com que a agricultura desperte novamente para um estado de sustentação do agricultor". Junto a isso, Sperotto observa ainda a oportunidade de se alicerçar uma união mais forte, principalmente na luta pela aquisição de melhores tecnologias. "Agora temos que levar esse trabalho a todas as comunidades para aprofundar a discussão".

## O aval dos representantes

A Cotrijuí finalizou mais uma etapa no processo de implantação da sua indústria de cereais, a partir do momento em que por decisão unânime do Conselho de Representantes, aprovou a contratação do financiamento junto ao BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social. A votação aconteceu em assembléia geral extraordinária realizada no dia 15 de julho no auditório da sede da Cooperativa em Ijuí.

De maneira rápida mas minuciosa, os representantes assistiram uma explanação sobre a capacidade, funcionamento e faturamento da indústria, feita pelo responsável técnico pelo projeto Robin Bahr. Das 54 mil toneladas de cereais a serem beneficiadas pela cerealista, 44 mil serão oriundas do milho e 10 mil da unidade de aveia, que abrange também a transformação de centeio, cevada, arroz, trigo, painço e ervilhaca. A indústria com funcionamento previsto para o final de 1992, deve ter um faturamento global em torno de 24 milhões de dólares, quando em capacidade plena.

Utilizando a melhor tecnologia existente a nível mundial, a indústria de cereais vai exigir qualidade também na produção de matéria-prima. A ressalva foi feita pelo vice-presidente da Cotrijuí,

Euclides Casagrande, que não deixou de manifestar tranquilidade com relação ao fornecimento de cereais, "já fizemos o mais difícil que foi o fomento a pesquisa e a produção", disse. "Agora é hora de agregar valores".

Orçado em aproximadamente 10 milhões de dólares, o projeto tem parte dele a ser financiado pelo BNDES e Finaf através de banco comercial. A outra metade será viabilizada em recursos próprios. A tramitação do contrato de financiamento iniciou em setembro do ano passado e deve ser encerrada nos próximos trinta dias, após o enquadramento definitivo junto ao Fundo de Operações Empresa, Fundopen, órgão destinado a fornecer incentivos financeiros a expansão e implementação de indústrias no Estado, conforme explicou o assessor de planejamento, Alfredo Pasquali.

Com juros subsidiados, o projeto ganha maior viabilidade econômica com a sua inclusão no Fundopen, já que poderá transferir parte de sua arrecadação tributária para amortização dos financiamentos. "Se o enquadramento permitir até 50 por cento do total gerado pela nova indústria, grande parte ou o total do empreendimento poderá ser coberto pelo Fundopen", calcula Pasquali.

## "SCEPTER NO CHÃO E MUITA SOJA NO BOLSO. HÁ CINCO ANOS COMIGO É ASSIM."

Declarações comó essa são muito comuns.

No controle de folhas largas na soja, Scepter está presente em mais da metade da área tratada do nosso país.

Scepter hoje é o líder absoluto do mercado. E essa liderança não apareceu por acaso.

Scepter trouxe tranquilidade para o agricultor: a soja cresce livre das ervas

daninhas e a colheita é feita no limpo. Scepter pode ser usado como PPI ou pré-emergente.

Controla Amendoim-bravo/Leiteiro, Picão-preto, Poaia-branca, Carrapichinho, Guanxuma, Trapoeraba, Maria-pretinha, Corda-de-violão, Caruru e Beldroega.

Por isso, aplicar Scepter é um investimento que dá retorno. Você colhe de volta "o verdinho" mais bonito da soja.

**ATENÇÃO** Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc).

Consulte um Engenheiro Agrônomo.

VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

**SCEPTER**

5 ANOS PRODUZINDO LUCRO.

**CYANAMID**  
DIVISÃO DEFENSIVOS AGRICOLAS

**ANDEF**

# Novo perfil para a produção

**Cotrijuí lança Programa de Recebimento Mínimo de Leite**

Traçar um novo perfil para a atividade leiteira na região. Esta a meta da Cotrijuí ao lançar seu Programa de Recebimento Mínimo de Leite. Além de provocar uma grande mexida na atividade, o Programa pretende promover um salto de qualidade na produção de leite na região. Essa preocupação da Cotrijuí em lançar propostas alternativas de sobrevivência e de crescimento da renda de seus associados, que é em síntese o que a cooperativa busca, tem pela frente dois fatores relevantes e que talvez ainda não tenham sido percebidos na sua plenitude pelos produtores gaúchos: a conjuntura econômica nacional e a integração dos mercados entre os países do Cone Sul.

O fato de que ainda hoje um número considerável de produtores de leite associados da Cotrijuí entregam menos de 10 litros de leite/dia no período de outono/inverno e a necessidade de redimensionamento da propriedade levaram a Cotrijuí a estabelecer uma meta mínima de produção: 100 litros de leite/dia. "Uma atividade só se torna economicamente viável, se tiver uma escala mínima de produção", diz o gerente do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, o agrônomo Léo Góti apontando para a necessidade da atividade oferecer re-

tornos econômicos.

Esse novo perfil na atividade vai ter que acontecer de qualquer forma, "pois hoje, mais do que nunca, devemos alcançar maior produtividade a custos de produção compatíveis", deixa claro. Ao destacar a necessidade de aumentos de produção e produtividade, o Léo cita dados de produção da Argentina e do Uruguai. Na Argentina, uma vaca produz em média 2.102 litros de leite por lactação. No Uruguai essa produção anda ao redor de 1.700 litros e no Rio Grande do Sul em 1.250. Na região de atuação da Cotrijuí, essa média situa-se em torno de 1.590 litros de leite por lactação. "Portanto, para convivermos e competirmos com nossos vizinhos, não só devemos produzir mais como também aumentar a produção por propriedade", alerta o Léo, insistindo na questão da especialização da atividade e do proa or.

Mas o que a Cooperativa deseja, "agora de imediato", segundo o gerente da área técnica, é elevar a produção desta faixa de produtores que ainda continuam entregando menos de 10 litros de leite/dia no período de outono/inverno. Neste sentido está colocando à disposição dos produtores de leite um intenso programa de treinamento envolvendo cursos, reuniões grupais e dias de campo, "para melhor instrumentalizá-los". O apoio continua ainda através de programas de financiamentos para a criação de terneiras, de expansão e interiorização de inseminação artificial, de tro-

ca-troca de sementes ou distribuição de mudas de forrageiras - capim elefante, bermuda, via CTC -; de máquinas - fenação e silagem - e de equipamentos. Para o Léo todo esse envolvimento da cooperativa tem por finalidade criar oportunidades para que todos - estejam eles organizados ou não na atividade - possam crescer e alcançar a rentabilidade desejada.

**ETAPAS** - A meta de 100 litros/dia só poderá ser atingida depois que o produtor estiver minimamente organizado na sua atividade. O pontapé inicial começa com novas normas de recebimento que entram em vigor, numa primeira etapa, a partir de 1º de setembro. Seguindo o estabelecimento, os produtores de Ijuí, Santo Augusto, Ajuricaba, Chiapetta, Jóia e Augusto Pestana deverão entregar no mínimo 10 litros de leite/dia ou 300 litros/mês. Os produtores de Tenente Portela e Coronel Bicaco, mais novos na atividade, têm essa média mínima de recebimento reduzida para oito litros/dia ou 240 litros/mês.

A Cotrijuí quer que todos os produtores, mesmo aqueles que entregam leite eventualmente, mas que desejam se organizar, tenham oportunidade de continuar na atividade, complementa ainda o Coordenador da Área de Leite da Cooperativa, o médico veterinário Orlando Boher. Só que essa permanência na atividade fica atrelada a dois pontos fundamentais: a profissionalização da atividade e a eficiência.

O Programa está sendo lançado agora em fins de julho, - os produtores deverão, dentro de alguns dias, receber folhetos explicativos - mas só deverá entrar em vigor a partir de setembro. "O produtor está ganhando um espaço de tempo para repensar sua atividade e melhor se organizar", diz ainda Orlando.

**PRODUÇÃO MÍNIMA** - De acordo com as normas do Programa, a partir do mês de setembro, todas as Unidades e Postos de Recebimento de Leite não deverão mais cadastrar, recadastrar ou readmitir produtores com produção inferior a 15 litros de leite - caso de Ijuí, Santo Augusto,

Jóia, Ajuricaba e Augusto Pestana. A exceção fica para produtores de Tenente Portela e Coronel Bicaco, onde a litragem mínima estabelecida é de 12 litros/dia. Nos outros casos, a litragem mínima para recadastramento só terá validade para o período em que não houver formação de lotes, - de agosto a fevereiro. Os produtores que desejarem retornar para a atividade poderão fazê-lo no primeiro dia de cada mês "e não somente antes, a qualquer dia do mês". A cada início de ano o programa voltará a ser discutido e estabelecido as quantidades mínimas de recebimento de leite, a entrar em vigor no 1º de setembro.

## Rio Grande já é sede do Deprc

Consolidando uma antiga reivindicação dos empresários e trabalhadores da orla portuária de Rio Grande, o governador Alceu Collares assinou no último dia primeiro de julho, o ato de transferência da direção geral do Departamento Estadual de Portos, Rios e Canais (Deprc). A autarquia, que gerencia por concessão do governo federal - contrato vence em 1994 -, todo o sistema hidroportuário do Rio Grande do Sul, funcionava até então no capital do estado, a 360 KM do porto marítimo gaúcho.

Alceu Collares destacou durante a solenidade, que a decisão não se trata de um ato do governador, mas da consciência do povo gaúcho. Mesmo enfrentando dificuldades e pressões, Collares revelou que manterá sua posição, cumprimentando os trabalhadores e empresários por lhe darem a oportunidade de tomar este ato de coragem.

Com a medida, o segundo porto brasileiro na movimentação de containers, terceiro colocado no país em movimentação geral de mercadorias, sendo responsável por mais de 10 por cento. Da receita cambial da Nação recebe o reconhecimento reivindicado pela comunidade marítima de Rio Grande. Para Jorge Leônidas de Mello Pinho, que discursou em nome desta comunidade, o porto mais importante do Cone Sul, no lado Atlântico, pelas suas condições naturais de calado, não admite que idéias centralizadas tentem subestimar sua importância no contexto nacional.

**AUTONOMIA** - A simples transferência da autarquia é considerada apenas como um primeiro passo pelos representantes do setor portuário. Tanto trabalhadores como empresários querem agora a autonomia administrativa-financeira do Porto de Rio Grande, que movimentava anualmente em torno de 11.200.610 toneladas - média dos últimos 10 anos -. Deste montante, a média de importação está em 4.968.814 toneladas, sendo os principais produtos importados, fertilizantes, trigo, milho e ácidos. A média de exportação, principalmente carga geral - calçados, fumo, polietileno e tanino -, farelo de soja, soja em grão e óleo de soja, situa-se em 6.231.796 toneladas.

A autonomia é considerada como a condição ideal para viabilizar um nível de receita que possa cobrir os custos e melhorias do Porto Rio-Grandino, oportunizando serviços eficientes pelo menor custo. Ainda dentro deste objetivo, está sendo veiculada nos órgãos de comunicação, uma campanha estadual de valorização do Porto de Rio Grande.

Durante o evento, o governador Alceu Collares nomeou os engenheiros responsáveis pela direção geral do Deprc, sub-direção e administração do porto local. São, respectivamente, Oílson Reinbrecht, Ewerton Vasconcelos e Alberto Gonçalves. Vasconcelos presidia até sua nomeação ao cargo, o Sindicato dos Trabalhadores Portuários do município. Reinbrecht, por sua vez, revelou o tripé de sua administração à frente do Deprc, cargo que estava sendo ocupado interinamente desde a posse de Collares. Segundo o diretor geral do Deprc, tratará da recuperação dos equipamentos portuários, da descentralização e a caracterização do Porto de Rio Grande como o mais importante do Cone Sul.

## A informatização à disposição do associado

A informatização nas empresas já não é mais nenhuma novidade. Na Cotrijuí o processo andou por partes e recém agora está sendo colocado em contato direto com o associado. A instalação de dois terminais de processamento de dados ligados ao Computador Central IBM, operando na Cotridata e funcionando ainda em caráter experimental, está facilitando em muito o trabalho do pessoal que atende os associados da Cotrijuí em Ijuí.

Os dois terminais instalados - um na entrada da Unidade e outro em um dos balcões de atendimento ao associado - estão equipados com impressora e podem, nesta primeira etapa, mostrar a posição das contas dos associados interessados - conta corrente, conta produto e posição de entrega de produção dos últimos cinco anos. "O associado, seja ele de Ijuí, ou de qualquer outra Unidade, pode chegar no balcão de atendimento e, com o

número de sua matrícula, pedir um extrato de sua situação dentro da Cooperativa", explica o gerente administrativo da Cotridata, Carlos Alberto Walter. Fica a seu critério levar o extrato para casa ou apenas conferir as informações no terminal. "Os extratos, de agora em diante, serão tirados na hora, com a informação que o associado desejar", afirma o gerente da Unidade de Ijuí, Alcino Schneider, citando como vantagens a economia de tempo e de espaço, já que os extratos não necessitarão mais ficar arquivados.

**AMPLIAR** - Numa segunda fase, "isso para daqui uns 60 dias", explica Antônio Gobo, analista de sistemas da Cotridata, a unidade de Ijuí já poderá ampliar seus serviços via terminal, agilizando suas operações com os associados. Além do extrato, poderão ser feitas liquidações de produtos ou contratos na hora, direto no terminal. "Então, explica

Walter, em vez do funcionário trabalhar com o boleto do associado, ele vai trabalhar com o terminal na frente, tendo, inclusive, condições de, logo em seguida, atualizar a ficha do produtor." A própria impressora vai emitir na hora o boletim ou romaneio, no qual será autorizada a liquidação de um produto ou qualquer outro tipo de operação com a cooperativa, completa ainda Verner Züge, também analista de sistemas da Cotridata.

Este mesmo tipo de serviço informatizado que está sendo implantado na Unidade de Ijuí, embora ainda em caráter experimental, deverá se estender às demais Unidades da Cotrijuí. "Dentro de no máximo 30 dias, deveremos instalar um terminal semelhante em Santo Augusto, agilizando ainda mais o atendimento ao associado daquela Unidade", observa Walter.

# Conhecendo melhor a cooperativa

Conselheiros de administração e fiscal encerram curso de aperfeiçoamento apontando algumas prioridades para a Cotrijuf

Instrumentalizar o conselheiro para facilitar o desempenho de sua função. Este o ponto básico do curso de aperfeiçoamento para os conselheiros efetivos e suplentes - da Cotrijuf, realizado nos dias 8 e 9 de julho, na Afucotri de Ijuí. A coordenação do curso ficou a cargo da Secretaria-Geral e da Assessoria de Comunicação e Educação da Cotrijuf e do psicólogo Olavo Fritzen, mas contou com a participação de gerentes e assessores da cooperativa nas mais diversas áreas. A abertura do curso foi feita pelo vice-presidente Euclides Casagrande e encerramento pelo presidente Ruben Ilgenfritz da Silva.

Esse aprofundamento do conhecimento da Cotrijuf em seus mais diversos ângulos aconteceu via discus-

são do contexto sócio-econômico em que a cooperativa está inserida, passando por uma melhor compreensão da cooperativa como instrumento econômico. Os planos e ação da Cotrijuf e sua organização como associação cooperativa também somou no melhor entendimento da função do conselheiro.

O melhor entendimento da estrutura, funcionamento e planos da Cooperativa levaram os conselheiros a elegem, no final dos cursos, alguns pontos prioritários. A viabilização da cooperativa e do associado, a questão da conservação de solos e comercialização dos produtos foram apontados como fundamentais.

Na área da agroindústria, entenderam que a Cotrijuf deve buscar a

auto-suficiência da cerealista via fomento da produção e ainda dar maior atenção a questão da qualidade da produção primária.

**DESAFIO** - Ruben Ilgenfritz da Silva encerrou o curso falando aos conselheiros do desafio de, "numa época difícil pela qual passamos", repensar posturas. "Não queremos despersonalizar a nossa Casa e nem o nosso sistema", disse ele apontando para a necessidade da Cotrijuf criar a sua própria filosofia. Disse que é hora do associado levar mais à frente a discussão de que a cooperativa é um ente econômico, "com uma relação muito estreita com o social. Só que essa relação, segundo Ilgenfritz, tem alguns limites que vão determinar a opção pelos bons associados de soja, de milho, de

leite, de suínos, de hortigranjeiros, entre outros.

Ilgenfritz encerrou o encontro insistindo na questão da profissionalização do produtor e das atividades. "A prioridade número um da Cotrijuf é a de viabilizar o seu quadro social", reforçou, dizendo ser hoje impossível continuar em frente produzindo 30 sacos de milho por hectare. "Desta forma não vamos chegar a lugar nenhum. Precisamos dar um salto de qualidade nas nossas vidas", disse ainda colocando a questão da agroindústria como segunda prioridade. Deu por encerrada a fase de construção física da Cotrijuf e colocou como fundamental a verticalização da diversificação, "que deve acontecer a partir do próprio produtor".

## Na avaliação, elogios a iniciativa

**Antônio Carlos Nunes Campos** - conselheiro de administração pela Regional de Dom Pedrito: "Este trabalho que realizamos aqui em Ijuí, durante dois dias, é uma grande iniciativa desta nova diretoria da Cotrijuf. Ela está semeando as primeiras sementes de uma colheita futura. Como conselheiro, eleito pela primeira vez, acredito que, de agora em diante, vamos poder dar seguimento ao nosso trabalho com maior segurança, porque o grupo está melhor informado sobre a cooperativa. O curso nos deu uma visão muito boa sobre a estrutura e funcionamento da cooperativa, mas acho que não podemos parar por aí. Precisamos, se quisermos fazer um bom trabalho frente ao Conselho de Administração, continuar aprimorando".



Antônio Campos

**Floriano Breitenbach** - conselheiro de administração pela Cotrijuf unidade de Ajuricaba: "Apesar de ter sido representante da Cotrijuf durante vários anos, ainda não me sentia inteirado do funcionamento da Cooperativa como um todo. Esses dois dias de troca de idéias, de muita informação e conversa com os responsáveis por cada setor da cooperativa, nos deram uma outra visão da Cooperativa e isso vai facilitar, inclusive, o nosso trabalho como conselheiros de Administração. Tenho certeza de que estamos melhor instrumentalizados para tocar o trabalho adiante. Até acho que este tipo de curso deveria se estender também aos representantes".



Floriano Breitenbach

**Rubem Marcos Fiad Bressan** - conselheiro de Administração da Cotrijuf por Dois Irmãos: "Já fui

milho/91

representante e sou um conselheiro novo, mas confesso que não tinha noção da responsabilidade que esse cargo realmente representa. O curso vai melhorar o nível dos Conselhos de Administração e Fiscal. Ele serviu para dar uma sacudida no pessoal, no sentido de melhor entender todo o complexo, mostrando um pouco de tudo da Cotrijuf. O Conselho de Administração é o órgão de cúpula da Cotrijuf, portanto, precisa andar muito bem instrumentalizado para poder realizar um bom trabalho frente a cooperativa. A: é penso que outros cursos deste tipo devem vir para deixar o pessoal na ponta da pirâmide, para melhor conscientizá-los da importância da sua função".

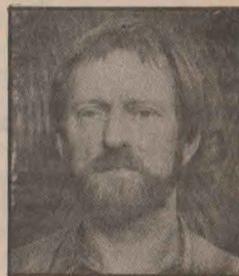


Ruben Bressan

**Lulz Fernando Löw** - Suplente do Conselho de Administração pela Unidade de Coronel Bicaco: "Avalio o curso para conselheiros como de extrema importância. Eu, que sou principiante, estava sentindo necessidade de conhecer melhor a cooperativa. Até agora, e isso já havia comentado com colegas, vinha participando das

reuniões sem conhecimento do todo, apenas dando o meu aval para a presidência. Já estava intuindo que a complexidade era muito grande. O curso me deu uma outra visão da cooperativa e até acho que o êxito do nosso trabalho vai depender do entendimento da base sobre toda essa complexidade. A diretoria está fazendo um jogo claro e aberto, permitindo que o conselheiro participe democraticamente. Ela está colocando, de forma transparente, a idéia de que o conselheiro também tem de assumir a responsabilidade de administrar a Cotrijuf. Até antes deste curso, achava que conselheiro era aquele associado que tinha de lutar pelo seu setor, pela sua Unidade e, ao mesmo tempo tradu-

zir o anseio dos associados daquela Unidade. Hoje entendo que o conselheiro deve ver a cooperativa como um todo, buscando a viabilização do todo, independente de Unidade ou setor. Esse entendimento permite que o conselheiro se sinta mais embaçado para trabalhar".



Lulz F. Löw

**O TRIGO BEM ACOMPANHADO**

# O crescimento na lavoura

Em meio a frustração de verão, baixa expectativa com o trigo, e principalmente com uma demanda maior para a produção animal, a lavoura de milho reage e deve dar início a uma rotação de culturas para o verão

Ao se aproximar o mês de agosto, melhor época de semeadura para o milho, começam a se confirmar previsões iniciais para uma reação na lavoura da cultura em toda a região. A confirmação acontece em meio a ressaca pela frustração da safra de verão e uma baixa expectativa com a lavoura de trigo, registrando ainda uma tendência no crescimento da demanda do produto para os próximos anos. "A área de milho nesta próxima safra necessariamente vai aumentar", afirma o pesquisador do Centro de Treinamento da Cotrijuf, engenheiro agrônomo Roberto Carbonera, ao apontar em primeiro plano o estímulo na área de suinocultura e pecuária leiteira da região.

Junto a estes dois fatores bastante imediatos e irreversíveis, Carbonera cita ainda o incremento que vem sendo trazido pela Cooperativa no momento em que se prepara para a instalação de uma indústria de cereais, onde o milho será o carro-chefe através da transformação de 45 mil toneladas por ano. Um volume que representa mais que o dobro do recebimento tradicional do milho na cooperativa, destaca o agrônomo.

**15 POR CENTO A MAIS** - O potencial do milho como efetiva opção para a região não pára por aí. Apoiados nos últimos dados de intenção de plantio coletados em todas as unidades da Região Pioneira da Cotrijuf, Carbonera prevê para a próxima safra um aumento de 15 por cento na área ocupada pela cultura, que tradicionalmente não tem ido além de 70 mil hectares. Para essa mudança no perfil da lavoura regional, o agrônomo enume-

TABELA 1 — RENDIMENTO DO MILHO PRECOZE NO CTC 1989/90

VARIETADES	MÉDIA
XL 560 T.....	7463
G 32-S.....	6719
XL 520.....	6579
P 3230 T.....	6312
G 5555 T.....	6195
AG 122.....	6127
HD 21.....	6093
G 74-C.....	6066
AG 129.....	6030
C 505.....	5784
AG 112.....	5704
CONT 322 T.....	5672
AG 120.....	5559
AGN 010.....	5474
C 425.....	5373
BR 202.....	5302
AG 110.....	5250
CEP 871.....	5060
C 701.....	4976
AG 127.....	4973
A 1250.....	4864
AGN 2012.....	4700
BR 201.....	4608
AGN 2001 T.....	4599
SAV 394 T.....	4583
AG 104.....	4568
EMP152 T.....	4540
AG 113 T.....	4329
AG 303.....	4261
CEP 304.....	4146
GO 874.....	4071
XB 6018.....	4005
	3572

Coefficiente de variação: 14.973%  
Média geral: 5259

TABELA 2 — RENDIMENTO DO MILHO NORMAL NO CTC 1989/90

VARIETADES	MÉDIA
XL 604.....	7548
GO 1049.....	7243
P3232.....	7169
P3210.....	7141
AG 6601.....	6944
AG 212.....	6788
G 60-C.....	6729
XL 678.....	6649
G 5888.....	6332
AG 106.....	6206
SAVE 469.....	6196
XL 603.....	6094
SAVE 342.....	6061
G 5775.....	5926
CMS 39.....	5912
C 484 A.....	5841
XB 7018.....	5793
CONT 533.....	5742
G 88-C.....	5567
AG 28 C.....	5501
AG 302 A.....	5290
AG 6641.....	5258
A1340.....	5157
AGN 1022.....	5018
AG 403 B.....	4469
AGN 1030.....	4091

Coefficiente de variação: 10.498%  
Média geral: 6026



Roberto Carbonera

ra, uma das grandes vantagens que o milho dá pela necessidade urgente de se iniciar a rotação de culturas no verão, onde ele se apresenta como a principal cultura para a realização desse esquema de melhoramento do solo. Essa exigência, muitas vezes frustrada pela pesquisa, pode ser comprovada pelo trabalho desenvolvido por Carbonera a respeito da evolução de grãos regional nos últimos dez anos. "Nesse período, o produtor passou por quatro frustrações de soja, colheita de uma produção inferior a mil e 200 quilos por hectare", salienta o agrônomo, observando que um rendimento como este de forma alguma viabiliza a produção nos dias de hoje, quando nenhum sistema produtivo suporta perdas de 40 por cento.

**EXIGÊNCIAS DA TERRA** - As frustrações de que fala Carbonera são causadas em parte pelas seguidas estiagens, mas também possuem um agravante que hoje não podem mais ser desconsiderados pelo produtor: os problemas fitossanitários provocados por doenças como o cancro da haste e podridão parda da haste. Embora não tenham se manifestado de forma mais expressiva na nossa região, essas doenças já têm ocorrência generalizada no Paraná e na região de Passo Fundo e Carazinho, respectivamente. "Em maior ou menor grau, aonde aparecem as enfermidades, o produtor forçosamente deverá fazer rotação com outras culturas como o milho, finaliza Carbonera.

ra outros pontos que vêm contribuindo para uma reação favorável à cultura. Um deles é a demanda do Estado, cada vez mais crescente, mas até hoje dependente de importações internas e externas. "O Rio Grande do Sul tem importado até um milhão e 500 mil toneladas, volume que poderia tranquilamente ser abastecido pela produção própria, calcula Carbonera, dizendo que somente isso cria uma boa margem de segurança para o mercado com preço compensador, sem pro-

vocar uma temida saturação desse mercado. "O mercado estadual suporta um crescimento na área de milho em volta de 10 por cento", avalia o agrônomo, considerando as limitações de disponibilidade de sementes recomendadas para esta safra, as quais são apresentadas na tabela ao lado.

Mas se o porco, as vacas e as aves estão exigindo mais milho, assim como a própria indústria também já oferece, a médio prazo um canal de escoamento para a produção da cultu-

## Preparando a safra

Todas as questões que envolvem o mercado de milho, a sua utilização nas atividades de produção animal e principalmente os aspectos técnicos exigidos pela cultura estão sendo reforçados novamente através de uma segunda edição do Curso sobre Atualização em Milho, desta vez voltado aos produtores e que está sendo realizado em todas as unidades da Cotrijuf. Além dos pesquisadores do CTC, Roberto Carbonera e Luiz Volney de Mattos Viau, participam dessas reuniões, o médico veterinário e analista de mercado da Companhia Nacional de Abastecimento em Porto Alegre, Carlos Cogo e o professor e engenheiro agrônomo da Universidade de Ponta Grossa no Paraná, Roberto Jasper.

Com mais esta rodada de discussão pretende-se detalhar as recomendações técnicas e práticas sobre a cultura, desde o preparo correto do solo, por meio da utilização de uma prática de interação entre as plantas. Exemplo disso é plantio de leguminosas na área que será destinada ao milho, a fim de se obter um maior percentual de nitrogênio no solo e se reduzir o custo da lavoura de milho com

a diminuição das aplicações de uréia.

Como poucas culturas, o milho é ainda muito exigente na precisão de distribuição das plantas na lavoura. A população adequada, segundo os pesquisadores, é aquela que chega ao redor de 50 mil plantas por hectare, com perfeita distribuição entre as filas e entre as plantas. Por isso, é imprescindível que o produtor de milho se antecipe ao máximo na regulação das plantadeiras, principalmente quem está preparando lavouras maiores. "A maior parte dessas máquinas não possui alta precisão para o plantio de milho e sim para outros grãos", salienta Carbonera, advertindo o agricultor para que ele, fazendo uma regulação antecipada possa testar e observar o seu funcionamento, evitando assim, problemas diversos de desajustes na hora do plantio.

"A falta de peças prejudica o plantio adequado do milho", reforça ainda o pesquisador para lembrar que, em milho, a semeadura de uma semente a menos por metro linear pode significar a redução de até dois mil e 500 quilos por hectare. No caso de áreas de plantio menores, como lavouras de até uns seis hectares, a máqui-

na é dispensável e a semeadura com bico de saraquá garante uma boa distribuição de sementes. Mesmo assim, é bom utilizar no máximo três sementes por cova, com espaçamento entre uma cova e outra de até 40 centímetros e um metro entre as linhas de fileiras.

**A SEMENTE** - Para todos estes cuidados em relação ao plantio, corresponde uma escolha acertada nas sementes. Sementes redondas, por exemplo, possuem o embrião nas extremidades, enquanto nas mais chatas ele está bem mais protegido, proporcionando maior vigor à planta. "Aquisição correta da semente já é um grande passo para fazer uma boa produção de milho", enfatiza Carbonera.

Como já se disse de início, o preparo da lavoura de milho começa pela



Segunda etapa...  
... do curso de atualização

escolha da área, devendo ser feita lá no início do inverno com o plantio de uma leguminosa. Esse é o melhor caminho para se ter uma lavoura mais econômica e rentável, contudo, se a adubação verde não foi possível, a escolha da área sempre deve ser por solos férteis, adubadas de acordo com análise de solo. "A cultura do milho responde a solos com altos teores de matéria orgânica ou adubação nitrogenada em cobertura", diz Carbonera, lembrando que no caso da adubação artificial, ela deve ser feita 30 dias após a emergência das plantas. Adubação muito tardia perde eficiência", diz, sem precisar detalhar muito o quanto isso traria de prejuízo para o bolso do agricultor.

# Para encher os cochos e melhorar o solo

Em maior ou menor grau, muitos produtores estão mexendo com a tradicional lavoura de milho. A área aumenta, e o preparo da lavoura também preocupa

A reativação da suinocultura e da pecuária leiteira tem empurrado muito produtor para a busca de uma lavoura de milho, não apenas maior mas melhor conduzida. Aos melhores resultados na espiga muitos agricultores também estão aliando o resgate de condições físicas e biológicas do solo, através de uma rotação de culturas para o verão, que possibilite melhores produtividades para as culturas subsequentes ao milho.

**ALIMENTAÇÃO** - "Se aumenta o porco também se aumenta a alimentação", resume o suinocultor Darci Tiecher, do distrito de Bozano, interior de Ijuí, que trabalha com oito matrizes próprias e mais 36 de seu pai. Ciente dessa regra hoje colocada à atividade, Darci diz que vai semear oito hectares de milho contra os quatro que manteve no ano passado. Mas isso é só o começo, pois fala ainda em ampliar essa criação nos próximos meses. "Quero chegar a 15 ou 18 matrizes," afirma o produtor, que é também integrante da Apsat União Centenária, a primeira do município de Ijuí e que também participa do programa cooperado de suínos da Cotrijul.

Por causa do crescimento na suinocultura e pela preocupação com o solo desgastado na área de soja, o produtor, proprietário de apenas 25 hectares vem destinando as áreas melhores para o milho, sem dispensar toda a adubação recomendada. "Fiz análise este ano e não foi constatado nenhuma necessidade de NPK", conta Darci, satisfeito com os benefícios da rotação de cultura. Por outro lado, Darci não descuidou em nada para conseguir uma produtividade acima da média regional, e em razão disso sempre faz um plantio de leguminosas como ervilhaca, sincho e tremoço, na área que vai ser ocupada pelo milho. "Para plantar milho a gente tem que

decidir uns seis meses antes", costuma dizer o produtor, lembrando da possibilidade de se gastar menos com uréia.

Quando a época de semeadura, o produtor vai um pouco contra a maioria que dá preferência pelos primeiros dias de agosto, mas garante que sempre colheu igual a quem faz plantio no cedo. A planta, só não sai melhor porque falta até uma plantadeira de boa precisão, lamenta Darci, dizendo que hoje até em conjunto com outros agricultores fica difícil de adquirir uma máquina eficiente.

**SEMPRE NO CEDO** - Em em Santa Lúcia, interior de Ijuí, o produtor Euzébio Zanetti, que trabalha junto com o pai e mais dois irmãos em 100 hectares próprios e mais 100 arrendados, discorda um pouco de Tiecher no que se refere a época de semeadura. Ele sempre plantou milho no cedo e neste ano pretende seguir o mesmo calendário da safra passada. "Quero ver se planto no dia 1º de agosto," porque "planta do cedo dificilmente dá mata".

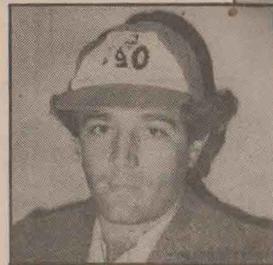
Como grande parte dos produtores da região, Euzébio também está expandindo sua lavoura neste ano, passando de 10 hectares no ano passado para 25 hectares. Esse aumento, se explica, segundo o produtor, pela estagnação da lavoura de soja e pela reativação na sua propriedade, ainda incipiente, da criação de suínos e gado leiteiro. "Não se pode depender muito do concentrado", afirma Euzébio, salientando vantagens em produ-

zir o alimento na propriedade, mas destacando em seguida a sua maior renda obtida com o milho, através da comercialização feita até os últimos anos para outros produtores.

Mas se o milho traz uma série de vantagens à propriedade, também exige uma certa estrutura, principalmente para quem está mais ligado à sua comercialização. Zanetti sabe bem disso, pois ainda é obrigado a levar o milho até Pejuçara para fazer a secagem. Para acabar esse passeio, ele já se prepara para construir um secador meio artesanal, com modelo projetado pela Emater. "Talvez no futuro se faça tudo o que for preciso", prevê o produtor lembrando ainda da indústria de cereais a ser implantada pela Cotrijul.

**MENOR CUSTO** - Em Tenente Portela, o produtor Rosalino Francisco Denardin, proprietário de 364 hectares em Derrubadas, confirma os benefícios trazidos pelo milho através da rotação de culturas, fazendo desse serviço a prioridade com o cultivo da cultura. "Planto milho para tratar e melhorar a fertilidade da terra para a soja", responde Denardin, que embora não caracterize o produtor comum da região, dá bem uma mostra do crescimento do milho numa região tradicional da cultura. De 24 hectares plantados no ano passado, Denardin vai passar para 60 hectares neste ano, planejando um primeiro plantio para o dia 15 de agosto.

Com toda a produção voltada a comercialização do grão, Denardin não deixa de reconhecer que se transformasse todo esse grão em carne tornaria o produto mais rentável. A sua criação de suínos, no entanto, que já foi a segunda maior do município, está totalmente desativada nos últimos anos, e por isso, o produtor tempora-



Darol Tiecher

Euzébio Zanetti

riamente, só pensa no milho como melhorador do solo. "É um grande negócio, dá menos serviço e até tem menos custo em defensivo, avalia, para dizer em seguida que o milho também proporciona uma diversificação do trabalho e dá muita palha". Com praticamente todo o equipamento necessário ao preparo da lavoura e armazenagem do grão, Denardin também não deixa de lado as recomendações técnicas mais importantes, alcançando em média, uns 125 sacos por hectare de milho.

**NECESSIDADE** - Uma das melhores opções para fazer rotação de culturas no verão", confirma em outro ponto da região o produtor Bráulio Martins da Rocha, proprietário de 300 hectares no interior de Coronel Bicaco. Planejando uns 30 hectares de lavoura para este ano, a serem semeados ainda em agosto, "se o tempo deixar", seu Bráulio diz ainda que com uma área dessas ele sempre tem o alimento para porco e vaca, no inverno e no verão.

Calculando um pequeno aumento na área de milho, o produtor, que possui estrutura parcial à cultura - tem plantadeira mas não tem secador -, estima uma redução na lavoura de soja, mas não significativa porque "já estamos estruturados para produzir isso", explica Bráulio. Pensar com seriedade sobre o milho, contudo, é uma obrigação para todo o colono, pensa o produtor ao colocar o produto, segundo sua própria opinião, em primeiro lugar dentre todas as opções de culturas para melhorar o solo na entressafra. "Ele é uma cultura com um dos maiores volumes de massa", defende o produtor, que vem tirando uns 70 sacos por hectare.



Rosalino Denardin



Bráulio da Rocha

## Média exemplar

"Nos anos 70 a gente mudou só para o trigo e a soja, agora nos 90, a gente precisa de mudança de novo". Quem faz esta avaliação é o produtor Lino Vicenzi, proprietário de 80 hectares na localidade de Nossa Senhora da Saúde, Tenente Portela, ao falar sobre a expansão da sua lavoura de milho nesta próxima safra, que de seis hectares no ano passado deve pular para 24 hectares em 91.

Antigo criador de suínos, Vicenzi se prepara para recomeçar esta atividade através de sua participação em uma Apsat, e por isso vê a necessidade de produzir um dos alimentos principais da ração. "Também estou ampliando a produção de leite", completa o produtor que já conta com um estábulo bem feito, com abrigo para 18 vacas onde está acoplada a esterqueira. Tanto capricho se justifica, segundo Vicenzi, porque hoje, "investir em automotriz não dá pé, a gente tem que pegar outros rumos", diz o produtor.

**MELHOR RESPOSTA** - Mas o crescimento e o interesse pelo milho não é recente para Vicenzi. O produtor

que já tem a propriedade como demonstrativa na área leiteira, também participou, no ano passado, de um trabalho experimental para o milho, coordenado pela Unidade de Tenente Portela. Na sua propriedade foram cultivados seis hectares de milho, usando-se toda a tecnologia adequada, e de onde o produtor, servindo de exemplo ao município, colheu oito mil e 200 quilos por hectare ou 133 sacos. "Deu para mostrar que é possível colher mais milho e ter uma resposta com a cultura".

Só esta safra serviu para entusiasmar ainda mais o produtor que este ano está destinando área com terra forte e em pouso para o milho. "O melhor seria ter essa área cultivada com ervilhaca", analisa Vicenzi, mas como faltou semente na época de plantio da leguminosa, a lavoura de milho, conforme Vicenzi, vai acabar saindo um pouco mais cara. "Vou precisar de adubação mais pesada e carregar na uréia", diz o produtor calculando uma média um pouco mais baixa neste ano e enfatizando a necessidade de produção própria



Lino Vicenzi  
Melhor resposta  
com milho

de semente da leguminosa.

Esses detalhes embora afetem a produtividade da lavoura, ainda podem ser considerados pequenos, de acordo com o produtor de Tenente Portela. O plantio sempre feito a bico de máquina, por exemplo, exige agora numa área maior, uma plantadeira eficiente, uma máquina cara que somente poderá ser adquirida em conjunto com o grupo da Apsat. Além disso, existe o entrave do armazenamento. A maior parte da produção é toda guardada em espiga num antigo galpão e o resto em grão, guardado na cooperativa. "Sempre tem um custo, diz ele, pensando nos roedores e nas taxas, "mas a gente não tá equipado", conclui Vicenzi, antes de anunciar os seus planos de construir logo, logo, um paiol do tipo Cha-

pecó, onde será feito o expurgo do caruncho e "o rato não entra mesmo".

**PRIMEIRO O CONSUMO** - O interesse de Vicenzi pelo milho também é sentido por alguns vizinhos seus e companheiros da Apsat, conta o produtor, lembrando que "depois desta frustração com a soja, o pessoal está preocupado em achar outra alternativa". Ele mesmo já faz isso com o milho, para atender num primeiro momento o consumo próprio e Apsat. Mas com o tempo também pensa em comercializar o grão, aproveitando para fazer duas safras. E isso sem deixar de lado qualquer recomendação provada por ele mesmo. "Nesta safra quero me adiantar no plantio", diz ele, tentando fazer com que o milho se escape dos tempos mais quentes na floração.

# Mais uma avaliação

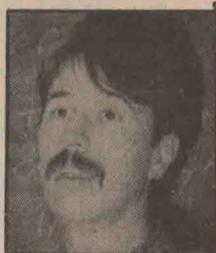
A segunda etapa do Curso sobre Suinocultura tratou especificamente de alimentação, sanidade e melhoramento genético

Alimentação balanceada, higiene completa e utilização de animais com bom potencial reprodutivo, através do melhoramento genético foram os três recados deixados pela segunda etapa do Curso sobre Suinocultura, promovido pelo departamento agrotécnico da Cotrijuí Pioneira no dia 19 de junho, em Ijuí. Mais de 45 pessoas, entre produtores e técnicos participaram do encontro aberto pelo gerente agrotécnico José Leo Goi, que depois de fazer um breve relato a respeito da redefinição do processo de diversificação destacou a importância do evento para a estruturação da suinocultura como uma atividade efetivamente econômica.

O primeiro assunto do curso foi abordado pelo médico veterinário e ex-professor da UFRGS Eli Martins, que reafirmou a necessidade de se buscar alternativas de alimentação para o rebanho de suínos. "O custo da alimentação é o componente mais caro da atividade - em torno de 70 por cen-



Eli Martins



Claudio Cetowski

to do custo total), sendo o componente de energia o mais caro dele", justificou o veterinário dizendo que se o custo da alimentação não for amenizado, a atividade se torna inviável.

A observação de Eli, repetida inúmeras vezes durante sua palestra, não significa a exclusão dos tradicionais componentes da ração, o milho e a soja, mas serve para lembrar ao produtor que ele pode ganhar de maneira significativa, a partir do momento em que for diminuindo percentuais desses elementos mais caros por produtos obtidos na propriedade, como

o triticale, a aveia, a alfafa, etc.

**PROGRAMA** - Após a explanação sobre substituição alimentar, o supervisor da fábrica de ração da Cotrijuí, engenheiro agrônomo João Khlon apresentou o funcionamento do programa de formulação com custo mínimo, implantado pela cooperativa no mês passado. Através dele o produtor que utiliza os concentrados para recria e terminação da Cotrijuí fica sabendo exatamente qual o valor econômico do uso de alimentos alternativos e também do milho, num curto espaço de tempo. Para fazer o balanceamento da ração, o produtor deve apenas entrar em contato com o departamento técnico da sua unidade.

De sanidade animal falaram os médicos veterinários Gerson Madruga, supervisor de suinocultura da Cotrijuí e Cláudio Cetowski da unidade de Ajuricaba. Madruga se encarregou de apresentar as origens e os efeitos das doenças multifatoriais, isto é, aquelas que tem vetores sempre pre-

sentes no meio ambiente, mas que dependem de alguns fatores para se manifestar. Os efeitos dessas doenças, sejam elas respiratórias ou gastrointestinais, como especialmente a diarreia, sempre afetam o desempenho dos animais. Para evitar a sua ocorrência é preciso cuidar alguns pontos básicos como a aquisição de animais livres de doenças, manter boa ventilação nas instalações, manejar adequadamente os dejetos, adoção do sistema tudo dentro tudo fora na maternidade e na creche, controlar a presença de roedores, cães e gatos e, certamente, seguir rigidamente todo o calendário de vacinação.

Estes mesmos pontos foram destacados por Claudio Cetowski que falou sobre a influência das doenças fatoriais no tamanho da leitegada, principalmente aquelas de maior gravidade, causadas por agentes que não se encontram no meio ambiente, como a Leptospirose, Brucelose, doença de Aujeszky e a peste suína clássica.

## Para chegar a um bom suíno

Os sistemas de produção de suínos devem procurar conciliar e ao mesmo tempo maximizar as vantagens da seleção e dos cruzamentos

O melhoramento genético é um processo fundamental para se assegurar a quantidade permanente ao rebanho. Quem diz isso é o médico veterinário Jorge Luiz Paiva Severo, da Cotrijuí, com mestrado em melhoramento genético pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A importância desse processo na produção e a forma como ele é realizado foram detalhadas pelo veterinário durante palestra no curso sobre suinocultura.

Para se chegar a um bom suíno - um fenótipo com qualidade em conformação, ganho de peso, espessura de toucinho, conversão alimentar, etc. -, é necessário se obter um perfeito equilíbrio entre o genótipo - herança transmitida de pais para filhos - e o ambiente, que engloba a nutrição, a sanidade, as instalações, o manejo e a administração de todos esses segmentos.

Esse objetivo do melhoramento genético começa pelo processo de seleção dos melhores animais, quando se aumenta a frequência dos gens desejáveis para uma determinada característica em um rebanho ou população, provocando mudanças permanentes e cumulativas através das gerações. Portanto, diz Severo, identificar os suínos geneticamente superiores é a meta de qualquer programa de melhoramento genético, bastando para isso, testá-los em condições de ambiente padrão.

**TESTES** - Dos testes que acontecem em estações especializadas ou em granjas particulares, os suínos vão sendo selecionados com o objetivo de se buscar uma eficiência de produção, isto é, reduzir a quantidade de alimento por quilo de carne magra produzida e consequentemente o custo final. E para isso, de acordo com Severo, se considera basicamente os fatores de:

maior eficiência reprodutiva; maior taxa de crescimento, maior eficiência na conversão alimentar; maior qualidade e rendimento da carcaça. Isso significa, continua Severo, que nesta etapa precisamos observar a precocidade das fêmeas, que aos 11-12 meses já tenham produzido a primeira leitegada, que produzam mais de dois partos por ano e também que se conte com 18 leitões terminados por porca ao ano.

Os animais selecionados devem ainda apresentar um Gpd - Ganho de peso médio diário - que lhes permita alcançar os 90-100 quilos de peso vivo aos 150 dias de idade, com conversão alimentar de 3:1, espessura de toucinho de 2,5 centímetros e rendimento de carcaça superior a 75 por cento. Esse desempenho dos animais selecionados vão ser transferidos a outros animais através do emprego da inseminação artificial, promovendo então o ganho genético em características determinadas a um custo mínimo. É possível também, acrescenta Severo que alguns animais transmitam um ganho genético de até 30 gramas por geração para Gpd, o que possibilita maior rapidez no processo, ou seja, não são necessárias mais do que três gerações de seleção para que o potencial genético para idade aos 90 quilos seja redu-



Jorge Severo

EVOLUÇÃO DOS TESTES EM E.T.R.S. NO PAÍS, 1985/1990

ANO	G.P.D. (g)	C.A. (t)	E.T. (cm)	Nº DIAS P/ 90 KG	Nº ANIMAIS TESTADOS	OBSERVAÇÕES
1985	881	2,78	2,12	—	922	
1986	881	2,77	2,10	—	1.287	
1987	917	2,71	2,04	147	1.152	
1988	933	2,69	1,85	147	1.208	
1989	944	2,62	1,73	146	1.379	
1990	954	2,62	1,72	144	1.079	52,29% (*)

Fonte ABCS, Estrela, 1990

\* Total de aprovados

EVOLUÇÃO DOS TESTES A NÍVEL DE GRANJA (TG) NO PAÍS, 1985/1990

ANO	G.P.D. (g)		E.T. (cm)		Nº ANIMAIS TESTADOS		TOTAL	OBSERVAÇÕES
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea		
1985	561	561	2,19	2,19	*	*	14.329	* Os dados de
1986	546	546	2,08	2,08	*	*	23.101	1985 e 1986
1987	577	535	2,00	2,02	10.539	15.601	26.140	são resultantes
1988	583	545	1,93	1,95	12.624	18.591	31.215	do somatório
1989	616	572	1,85	1,86	17.461	20.529	37.990	de machos e
1990	648	601	1,82	1,84	20.414	24.660	45.074	fêmeas

Fonte: ABCS, Estrela, 1990

zido em três semanas. O animal que está acima do padrão, alcança, tranquilamente, 90 quilos em 140 dias.

**ORGANIZAÇÃO** - Explicada a importância e o método da seleção em suínos, Severo tratou ainda de mostrar a organização desse processo que vem proporcionando uma expressiva melhoria nas características de desempenho e carcaça dos animais, tanto aqueles testados em ETRS - Estações de Testes de Reprodutores Suínos ou nos TGs - Testes de Granjas -, conforme demonstram as tabelas acima.

Graças a este trabalho os animais, machos e fêmeas do rebanho de seleção - os núcleos - são repassados ao rebanho multiplicador ou diretamente, no caso dos machos, ao rebanho comercial. Uma boa parte do rebanho de seleção, contudo, segue o processo normal, passando primeiro pelo rebanho multiplicado para depois chegar ao rebanho comercial em condições de F1.

A organização estratificada do processo de melhoramento acontece porque cada uma dessas fases possuem funções distintas, explica o veterinário, citando o primeiro rebanho como o maximizador do processo genético, "através de uma testagem de seleção intensiva e um reduzido intervalo entre as gerações". Já os rebanhos de multiplicação recebem os reprodutores melhorados pela seleção, reproduzindo-os por meio de cruzamentos capazes de incorporar o vigor híbrido ao material genético que está sendo multiplicado. Os rebanhos comerciais, por sua vez, vão utilizar o material genético disponível para obter, através dos cruzamentos, um produto final mais rentável. Com isso, o produtor acaba especializando a sua atividade, elevando, por um lado, a produtividade do rebanho e por outro, mantendo a dependência entre os estratos, já que o fluxo de gens ocorre somente de cima para baixo.

# Método próprio para a região

Jorge Luiz Paiva Severo

A proposta da Cotrijuí Pioneira em melhoramento genético diferencia-se do que hoje é feito em suínos, basicamente na metodologia de avaliação dos futuros reprodutores e no universo de suinocultores envolvidos ativamente no processo de seleção, melhoramento e cruzamento com suínos. Para encaminarmos esta proposta é necessário que se defina mais uma vez alguns conceitos como o do objetivo da seleção em aumentar na população a frequência de gens que afetam as características de interesse econômico, através da seleção de animais superiores, ou seja, aqueles que estão acima da média em mérito genético.

O valor de um reprodutor julgado pelo valor médio de suas progênes chama-se valor genético (VG) e pode ser estimado pela capacidade que o suíno tem em se acasalar com um grande número de matrizes ao acaso na população. A metade do VG é a diferença esperada na progênie (DEP), o índice que nos informa quanto produzirão os filhos de um determinado reprodutor ou

reprodutora, mesmo antes de terem nascido. Ou ainda é o índice que mede o acréscimo na geração futura em quilos.

As avaliações de reprodutores são uma forma de estimar o seu VG, sendo um problema básico nesta etapa, a realização de comparações corretas. O método de avaliação que pretendemos adotar é chamado metodologia dos modelos mistos, corrigido por L.A. Fries (professor da UFRGS), que nada mais é do que um método matemático para predição da DEP dos reprodutores.

**IDENTIFICAÇÃO** - Como então identificar estes animais? Basicamente é necessário:

- ajustar as "respostas" para influências ambientais conhecidas;
- estimar o efeito ambiental (não conhecido);
- dispor de uma metodologia que realize comparações corretas e objetivas entre reprodutores.

O que se pretende através desse processo é utilizar uma metodologia que estime os valores da DEP dos reprodutores para as características de Gpd, ET e poste-

riormente número de leitões por porca, da maneira mais correta possível a fim de identificar os reprodutores geneticamente superiores.

Até a década de 60, a teoria dos índices de seleção era o melhor procedimento conhecido para estimar o valor genético dos reprodutores. Apesar de ser um método quantitativo e objetivo (nunca inferior aos métodos subjetivos) esta metodologia (ainda muito usada no país) apresenta sérias restrições:

- exige a pressuposição de que não existem diferenças genéticas entre rebanhos, anos, grupos contemporâneos (GC), etc... Ou seja, pressupõe que diferenças fenotípicas entre GC, por exemplo, são derivadas exclusivamente de diferenças ambientais;
- as informações dos reprodutores não se acumulam. Informações para os cachos cuja progênie está sendo controlada não é utilizada de forma cumulativa, cada cacho é avaliado de novo com dados de cada produção e apenas uma produção;
- A média das relações do rebanho é sempre 100. Pressupõe que todos os GC têm o mesmo mérito genético médio;

- não se faz conexões entre rebanhos, nem se utiliza cachos referência; não se utiliza informações de parentes, o que é importante no caso de reprodutores jovens que ainda não têm progênie;

- no teste de progênie dos cachos, pressupõe que as matrizes são uma amostra aleatória da população.

Ao contrário da metodologia que propomos, não apresenta nenhuma das limitações citadas anteriormente. Exige sim, o uso intensivo da inseminação artificial nos rebanhos participantes do programa. Porque um mesmo cacho deve ser usado em vários rebanhos, a fim de estabelecer laços genéticos entre eles e melhor estimar o VG dos reprodutores.

A outra diferença da proposta da Cotrijuí é que ela envolve um grande número de produtores, e rebanhos, tornando uma população única, uma vez que os dados coletados serão informatizados e centralizados e alguns reprodutores de uso comum na população toda. Desta maneira se aumenta a base genética onde é possível explorar a variabilidade genética existente. Esta situação (grande número de ani-

mais envolvidos) vem ao encontro da própria metodologia de avaliação que trabalha com seleção massal e desta maneira proporcionando grandes progressos genéticos.

**FUNCIONAMENTO** - A população será dividida em dois segmentos, o primeiro chamado de granjas de seleção e multiplicação e o segundo de granjas comerciais. Nas granjas multiplicadoras (da Cotrijuí e de alguns associados) será feita a seleção e a multiplicação de reprodutores para desempenho, o Gpd e qualidade da carcaça (ET), numa população projetada de mais de mil matrizes. Estes reprodutores (puros ou cruzados) abastecerão as granjas comerciais produtoras de suínos para o abate.

Nestas últimas granjas serão coletadas informações sobre a produtividade das matrizes (número de leitões produzidos por ano) com a finalidade de identificar matrizes com prolificidade acima da média, e fazer com que ela venha a produzir reprodutores.

**José Luiz Paiva Severo é médico veterinário da Cotrijuí com mestrado em melhoramento genético na UFRGS**

## Os cruzamentos

Definido como o acasalamento entre machos e fêmeas de raças ou linhagens diferentes, o cruzamento merece atenção especial do produtor, principalmente daquele que produz comercialmente, pois fica sob sua responsabilidade a realização correta dessa última etapa do melhoramento genético.

Usado inicialmente em suínos para o abate e posteriormente em reprodutores, o cruzamento permite ao produtor explorar as vantagens da heterose ou vigor híbrido e explorar as vantagens de uma raça e encobrir as desvantagens de outras através do chamado efeito complementar. Conforme explica Jorge Severo, os suínos cruzados, também denominados de mestiços ou híbridos se classificam em quatro tipos de acordo com a sua geração, como mostra o exemplo citado pelo veterinário. Machos Duroc (DR) X fêmeas Landrace (LD) produz mais LW - LD = F1. Cruzando machos DR-LD X fêmeas DR-LD, obtêm-se animais também DR-LD que formam a F2. Pelo retrocruzamento se faz um retorno ao cruzamento com uma raça inicial (dos progenitores): Machos LD X fêmeas F1 (Landrace X Large White).

Numa etapa posterior pode-se obter ainda o animal de três cruzas ou "Three-cross", que como o próprio nome diz, é o cruzamento de três raças. Machos DR X Fêmeas F1 (LD X LW). E por último os animais de quatro cruzas, quando se envolvem quatro raças: machos F1 (DR X LW) X fêmeas F1 (Landrace X Wessex).

**VANTAGENS** - A atenção reivindicada ao cruzamento se traduz pelas pró-

prias vantagens deste método, que ao explorar a heterose proporciona superioridade aos animais cruzados em relação a média dos pais de raça pura. Esse fator, segundo Jorge Severo, acontece em três níveis: o individual, a heterose materna e a heterose paterna. O primeiro, definido como a diferença de desempenho de suínos cruzados em relação a raça pura, criados por fêmeas puras, resultando em maior Gpd nos cruzados. Já o segundo é a diferença de fêmeas F1 cruzadas com as de raça pura, criando leitões mestiços, em maior número e com maior peso ao serem desmamados pelas fêmeas F1. Por fim a heterose paterna, que é a diferença de desempenho entre

machos e cruzados e puros acasalados com fêmeas puras, tendo como resultado um maior rendimento de carcaça na progênie de machos cruzados.

Uma segunda vantagem proporcionada pelo cruzamento é o chamado efeito de complementariedade, que explora a complementação de características entre as raças diferentes. Como exemplo, Severo cita um cruzamento entre machos LD com excelentes qualidades de desempenho (Gpd) e carcaça (E.T.) X fêmeas WS com excelente produção de leitões, desempenho de carcaça inferiores, resultando em leitões F1 com boas característi-

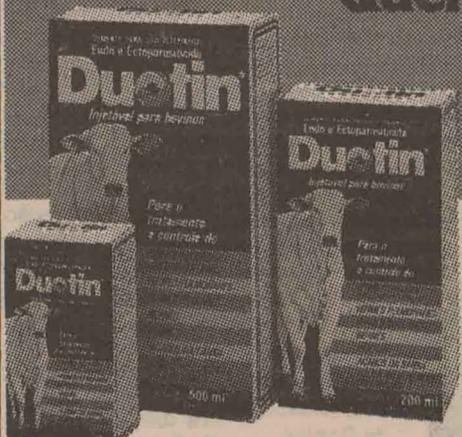
cas de desempenho, carcaça e produção de leitões. Quanto maiores forem as diferenças entre as raças em características de desempenho e reprodutivas, maior o efeito de complementariedade, explica Severo lembrando que nas raças mais prolíferas deve se dar preferência às fêmeas e nas raças com bom desempenho e carcaça deve-se usar os machos.

**ATENÇÃO** - Tanto interesse em esmiuçar as condições do cruzamento em suínos se justifica pelo fato de que, ao fazer o cruzamento, o produtor deve levar em conta as raças disponíveis e a maneira correta do processo, para que no final tudo não acabe

numa simples mistura. Esse cruzamento pode ser feito de três formas: o simples, que explora a heterose somente no indivíduo, com três raças, que explora a heterose no indivíduo e na mãe e com quatro raças, que explora a heterose no indivíduo, na mãe e no pai.

Utilizar várias raças significa maiores custos, avisa o veterinário, ressaltando, no entanto, que não existe receita única para todos os tipos de suinocultores. As respostas devem ser estudadas com técnico responsável, mas o produtor deve sempre ter em mente, que o cruzamento não substitui a seleção, e que ele precisa continuar usando reprodutores testados.

### Quem dá um boi para experimentar Duotin,<sup>®</sup> dá uma boiada para ficar com ele.





**Duotin<sup>®</sup>**  
Injetável para Bovinos

Controla parasitas internos e externos, inclusive o berne.

**Agente de Vendas Coopers**

**Pitman-Moore**  
Para Merck Sharp & Dohme Farmacêutica e Veterinária Ltda.

90-CD-B-DP

\* Trademark Abamectin é comercializado no Brasil sob a marca "DUOTIN". Licenciada de Merck & Co., Inc., Rahway, N.J. - U.S.A.

VC-11/90



# O anúncio da falta de dinheiro

Governo anunciou a liberação de 1,2 trilhão de cruzeiros para a próxima safra, tentando garantir uma produção de 70 milhões de toneladas

"Na verdade o que o presidente Collor anunciou em Presidente Prudente não foi a liberação de recursos, mas a insuficiência de recursos para a próxima safra". A preocupação é do presidente da Fecotrig, deputado Odacir Klein, manifestada durante reunião de avaliação do Pacote Agrícola, realizada na Fundacep, em Cruz Alta. Mais de 100 representantes de cooperativas estiveram presentes à reunião tentando deglutir os pontos mais contraditórios do pacote de medidas destinados à agricultura.

O anúncio de liberação de apenas 1,2 trilhão de cruzeiros destinados ao financiamento da próxima safra é um dos pontos do pacote que mais levantou preocupações entre os dirigentes das cooperativas. Essa quantia, segundo avaliação feita por Odacir Klein, representa 3,6 bilhões de dólares, "quando no início da década de 80, o governo chegou a investir 16,4 bilhões de dólares na agricultura", queixou-se. A descrença aumenta ainda mais quando se compara com o dinheiro destinado para a agricultura na safra passada: 4,3 bilhões de dólares. "Esse é o menor volume de recursos da história do crédito agrícola no país", disse ainda Klein aos dirigentes de cooperativas, mostrando preocupação inclusive com a liberação desse volume de recursos.

**ORIGEM DAS FONTES** - Tão sério quanto a insuficiência de recursos a serem aplicados na próxima safra é a questão da origem deste dinheiro, alertou o assessor econômico da Fecotrig, Paulo Roberto da Silva. A experiência de anos anteriores tem mostrado que a definição da origem dos recursos po-

de representar uma garantia de que o dinheiro não vai ficar apenas no discurso. Do total de recursos anunciados, 482 bilhões de cruzeiros sairão do Tesouro, emprestados à taxa de juro de 9 por cento, mais a TR. Metade desse dinheiro deverá ser oriundo da devolução de financiamentos rolados pelos agricultores. "Isso significa, então que, otimisticamente, a agricultura deverá contar com pouco mais de 300 bilhões de cruzeiros", disse Paulo Roberto lembrando do endividamento do agricultor brasileiro e da falta de capital para pagar, inclusive, a suas dívidas.

A segunda parte do dinheiro, 382 bilhões de cruzeiros, deverá sair da Poupança Verde do Banco do Brasil, emprestado aos agricultores à taxa de 18 por cento ao ano e mais a TR. Deste total, 250 bilhões são recursos oriundos de suplementação orçamentária, "um dinheiro que o governo não tinha". A terceira parte dos recursos deverá sair de uma fonte extra - 331 bilhões de cruzeiros. Esse dinheiro deverá sair de bancos privados e chegar até a lavoura do agricultor a juros de mercado. Então, na realidade, a taxa de 9 por cento ao ano, mais a TR não passa de uma miragem promovida pelo governo, "pois na realidade, a taxa média destes recursos a serem emprestados ao agricultor deverá ficar na ordem de 22,18 por cento mais a TR, mostrou o assessor econômico da Fecotrig. Isso é juro para o agricultor partir de safra para um inadimplência".

**OPERACIONALIDADE** - Além da insuficiência de recursos para a próxima safra, os dirigentes manifestaram preocupação com a questão da operacionalidade nas novas regras implanta-

das pelo governo. A situação do produtor que estiver em condição de acerto com o Banco do Brasil, em função de dívidas passadas foi levantada durante a reunião como mais uma preocupação. Como vai ser o acesso desse produtor ao crédito?, quiseram saber os dirigentes sem encontrar uma resposta satisfatória. "Essa é uma grande incógnita", disse Paulo Roberto lembrando um episódio ainda recente: o do crédito de manutenção. Na hora de pegar o VBC, o produtor teve descontado a parcela do crédito de manutenção. "Então, além da insuficiência dos recursos, ainda nos preocupam as normas de operacionalidade deste pacote", alertou.

A desindexação dos preços mínimos e VBCs e a indexação dos débitos - TR mais 9 por cento ao ano - também foram levantados com preocupação. Outro ponto contraditório, analisado pelo assessor econômico da Fecotrig diz respeito às regras de intervenção no mercado. Disse que a desova de estoques ou a importação de produtos quando no mercado o preço mínimo vai representar o preço máximo, além de um ponto extremamente contraditório, não passa de mais uma intervenção do governo no mercado. Também lembrou que as taxas compensatórias são



Mais de 100 representantes de 50 cooperativas... estiveram presentes à reunião avaliando o Pacote Agrícola.

rio, não passa de mais uma intervenção do governo no mercado. Também lembrou que as taxas compensatórias são

muito interessantes... prática... confisco a...

## Um outro tratamento

As dúvidas do vice-presidente da Cotrijuf, Euclides Casagrande em relação ao novo pacote agrícola do governo não diferem em muito das levantadas pelos demais dirigentes de cooperativas durante a reunião de avaliação das medidas. Da mesma forma que os demais dirigentes, espera que, diante do volume de produto importado neste ano, o governo cumpra a sua promessa de liberar recursos para a próxima safra. Acredita que a falta de produto no mercado interno, "obrigando o governo a importar grandes volumes", vai levar a nova equipe econômica a dispensar um outro tratamento para a agricultura.

Casagrande também não tem dúvidas de que o dinheiro anunciado pelo governo para a próxima safra é pouco, mas faz uma ressalva: bem administrado pelo agricultor, ele pode ajudar. A garantia de que o governo não está contando com os recursos que tem em haver com os agricultores de safras anteriores é, segundo o vice-presidente da Cotrijuf, um bom indicio, "até porque esse dinheiro soma um grande volume".

**AVALIADO** - O Proagro é um dos pontos do pacote que precisa ser muito bem avaliado no entender de Casagrande, já que o governo está deixando bem claro que só vai socorrer a agricultura em caso de perdas ocasionadas por alguma calamidade. Não estarão sob a cobertura do Proagro, "transformado em um Fundo e com recursos limitados", prejuízos por falta de adubo ou ataque de pragas e muito menos em função de plantio de variedades não recomendadas pela pesquisa.

Os preços mínimos, "embora eles representem apenas um preço de garantia", também não estão no agrado do vice-presidente da Cotrijuf, mas elogiou a decisão do governo de estabelecer um preço básico para o trigo, ten-

do por parâmetro São Paulo. Considera a política de adoção de VBCs maiores para quem é mais eficiente, como uma faca de dois gumes, pois aqueles que não estão produzindo bem, vão re-

ceber uma... sos. "Estes... lhorar a sua... rar", diz, ach... que o bom produ...

COTAS-PARTES/RECURSOS

## Promessa de libera

Mas a tarde na Fundacep não foi só de avaliação do pacote agrícola do governo. O melhor do dia veio com a notícia, transmitida pelo presidente da Fecotrig, Odacir Klein, de que o governo estaria prometendo, para fins de julho, a liberação de 30 bilhões de cruzeiros para as cooperativas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Esse é um dinheiro que vinha sendo reivindicado pelas cooperativas para cobrir despesas feitas com o financiamento de programas troca-troca com seus associados na safra de verão passada. A notícia da liberação dos 30 bilhões de cruzeiros chegou até o presidente da Fecotrig via presidente do Banco do Brasil, Lafaiete Coutinho Torres.

"Não é a liberação ideal desejada pelas cooperativas para financiar projetos de recuperação de solos ou formar capital de giro", disse Odacir. É um dinheiro que vem para estancar uma hemorragia que está consumindo grande parte das cooperativas que no verão passado financiaram a lavoura, repassando aos seus associados todos

os insumos... está sendo... utilizado... par um buraco... do de suplement... tada em carbo... Congresso Nacio... prio Odacir Klein...

O financ... Banco do Brasil... zado apenas... cooperativas... ca-troca. "O... mediante estab... xou claro Odacir... que ele não... pagamento de... outras instituiçõ...

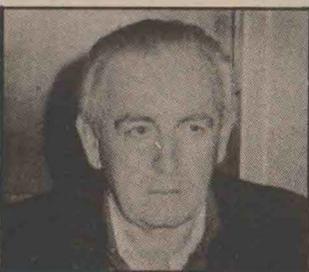
Uma... agricultores, ... um pouco... de contato... Rural do Ban... nio Fayet; está... te dos recursos... da lavoura de... que o governo... nanciar a safra...

## Seminários para discutir a

A possibilidade de vir a faltar dinheiro para a próxima safra de verão levou a Fecotrig a decidir, em conjunto com as demais cooperativas presentes à reunião pela realização de seminários regionais envolvendo as comunidades na discussão do problema. As propostas levantadas nestes pequenos seminários seriam levadas para um grande seminário estadual.

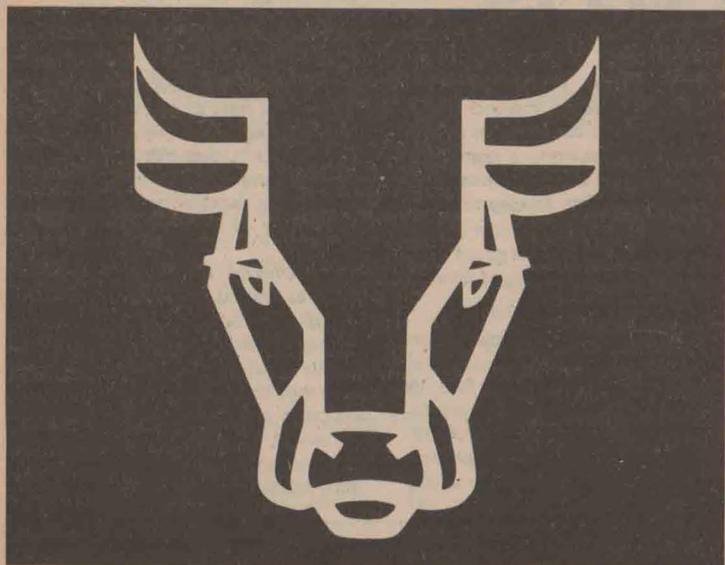
Pela proposta amplamente discutida e aprovada, estes seminários regionais deverão envolver os diversos setores das comunidades - poder público, sindicatos, indústria, comércio, entre

outros. "Vamos... sões com as comu... mas de viabiliz... ma safra", just... Fecotrig Odacir... com a possibilid... da dos associa... em busca de... exemplo do... sado. A idéia é... des numa situaç... nas sobre os... cooperativas... chamadas a... do rumo que... mar neste momen...



Euclides Casagrande Vice-presidente da Cotrijuf

## USE A CABEÇA.



## USE IVOMEC\*.

IVOMEC é líder de mercado, com resultados demonstrados na pesquisa e no campo. IVOMEC pode ser usado com ampla margem de segurança

em bezerras (mesmo com menos de 4 meses) e em animais debilitados.

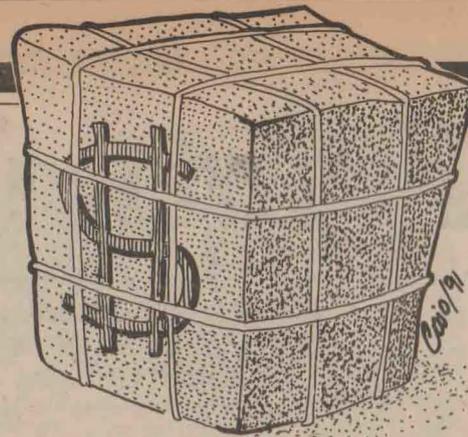
Para ajudar a ter mais lucro por cabeça, use a cabeça. Use IVOMEC.



MSD AGVET MERCK SHARP & DOHME, FARMACÉUTICA E VETERINÁRIA, LDA. R. Big. Faria Lima, 1815, 2 andar. CEP 01451-101. Tel. (011) 814-0266. São Paulo, SP.

BR 91-IVK-52 \*IVOMEC é Marca Registrada de Merck & Co. Inc., Rahway, N.J., U.S.A.

# O QUE MUDA NA AGRICULTURA



- 1 PREÇOS MÍNIMOS** - Os preços mínimos para o feijão, o arroz, a mandioca, o milho e o trigo - produtos que compõe a cesta básica - terão reajustes reais, sempre acima da inflação calculada pela Fundação Getúlio Vargas.
- 2 REGRAS DE INTERVENÇÃO NO MERCADO** - O governo cria o Preço de Liberação de Estoques - o PLE -, o teto máximo do preço. Sempre que um produto ultrapassar o PLE, o financiamento será cortado, o imposto de importação será zerado e o governo venderá seus estoques.
- 3 VALOR BÁSICO DE CUSTEIO - VBC** - Reajustado pelo IPC. Os maiores reajustes serão concedidos a produtos que compõe a cesta básica e os pequenos produtores receberão cobertura completa. Pequenos produtores de soja, por exemplo, terão 100 por cento de cobertura em VBC; os médios 80 por cento e os grandes 60 por cento. Os agricultores com maior nível de eficiência também receberão VBCs mais altos. Ou seja, quanto maior o grau de tecnologia e a produtividade alcançada, maior o acesso a recursos do crédito rural.
- 4 TAXA COMPENSATÓRIA** - Será cobrada uma taxa compensatória sobre os produtos agrícolas importados subsidiados em seus países de origem. A taxa será calculada pela diferença entre o preço de exportação para o Brasil e o preço estimado do mesmo produto sem subsídio.

- 5 PROAGRO - Seguro Rural** - Todos os agricultores - inclusive aqueles que plantam com recursos próprios - terão direito ao Proagro. O Tesouro Nacional será o responsável pela indenização do seguro. O governo cria também um grupo de trabalho para estudar a entrada das seguradoras privadas no ramo do seguro rural.
- 6 RECLASSIFICAÇÃO DOS PRODUTORES** - O critério de renda bruta usada até ano anterior é deixado de lado, passa-se a trabalhar com estimativa da renda bruta futura com base nos preços mínimos. A renda agrícola anual dos pequenos produtores terá seu valor atualizado, passando dos atuais Cr\$ 3,6 milhões para faixa entre Cr\$ 10 milhões e Cr\$ 14 milhões. Os médios ficarão entre Cr\$ 14 a Cr\$ 70 milhões e os grandes com valor acima disto.
- 7 CARGA TRIBUTÁRIA** - Decretado o fim do Imposto sobre Produtos Industrializados - IPI - da máquinas e implementos agrícolas e do Finsocial dos produtos agrícolas.
- 8 LIBERAÇÃO DO CRÉDITO RURAL - SAFRA 91/92** - O governo está prometendo liberar Cr\$ 1.196 trilhão para a safra 91/92. A cada 10 dias, uma comissão interministerial da Agricultura e Economia deverá apresentar relatórios sobre a liberação dos recursos.
- 9 SECRETARIA NACIONAL DE POLÍTICA AGRÍCOLA - SNPA** - Será criada para formular a política agrícola do governo.

- 10 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CNA** - Sai do Ministério da Economia e volta para o da Agricultura.
- 11 ZONEAMENTO AGROECOLÓGICO** - O país foi dividido em 64 regiões produtoras. O objetivo deste zoneamento é fazer um direcionamento técnico da liberação dos recursos.
- 12 COMERCIALIZAÇÃO** - O governo está criando o mercado futuro dos produtos alimentícios, pelo qual o produtor pode realizar adiantamento de câmbio para a produção da safra.
- 13 BANCO RURAL PRIVADO** - Um grupo interministerial formado pelos Ministérios da Agricultura e Economia estuda a criação do Banco buscando aproveitar as cinco mil contas de produtores do extinto BNCC.
- 14 TRIGO** - Reajuste de 21,7 por cento - A equivalência do financiamento em produto será regulamentada. A autorização vale para mini e pequenos que produzem alimentos da cesta básica - arroz, feijão, milho e mandioca. Para alguns Estados poderá ser feita a equivalência na cultura do trigo.

## VALOR BÁSICO DE CUSTEIO (Safras das Águas - 1991/92)

Produto e área de abrangência	Faixa de produtividade (kg/ha)		Valor Básico de custo (VBC) Cr\$/ha	Calendário de Liberações									
	De	Até		1ª Parcela		2ª Parcela		3ª Parcela					
				%	A partir Cr\$/ha	%	A partir Cr\$/ha	%	A partir Cr\$/ha				
<b>ARROZ IRRIGADO MECÂNICA</b> Regiões Sul e Sudeste	2,600	3,000	126,984,00	45	Ago	57,097,80	45	Out	57,097,80	10	Fev	12,688,40	
	3,001	3,500	148,251,00			66,712,95			66,712,95			14,825,15	
	3,601	4,200	166,487,00			74,919,15			74,919,15			16,648,70	
	4,201	5,000	187,520,00			84,384,00			84,384,00			18,752,60	
	5,001	6,000	205,835,00			92,625,75			92,625,75			20,583,50	
	acima de	6,000	243,259,00			109,466,55			109,466,55			24,325,90	
<b>IRRIGAÇÃO MECÂNICA SISTEMA ELÉTRICO</b> Regiões Sul e Sudeste	2,600	3,000	117,369,00	45	Ago	52,816,05	45	Out	52,816,05	10	Fev	11,736,90	
	3,001	3,500	135,369,00			60,916,05			60,916,05			13,536,90	
	3,601	4,200	151,341,00			63,103,45			63,103,45			15,134,10	
	4,201	5,000	169,158,00			76,120,20			76,120,20			16,915,60	
	5,001	6,000	187,472,00			84,362,40			84,362,40			19,747,20	
	acima de	6,000	221,558,00			99,701,00			99,701,00			22,165,80	
<b>IRRIGAÇÃO NATURAL</b> Regiões Sul e Sudeste	2,600	3,000	112,601,00	45	Ago	50,670,45	45	Out	50,670,45	10	Fev	11,260,10	
	3,001	3,500	127,401,00			57,366,45			57,366,45			12,740,10	
	3,601	4,200	143,258,00			64,466,10			64,466,10			14,325,80	
	4,201	5,000	163,593,00			72,266,85			72,266,85			16,259,30	
	5,001	6,000	178,910,00			80,509,50			80,509,50			17,891,00	
	acima de	6,000	211,437,00			95,147,55			95,147,55			21,143,90	
<b>ARROZ SEQUEIRO</b> Todo território nacional	-	1,000	36,831,00	70	Ago	25,760,70	20	Out	7,360,20	10	Fev	3,680,10	
	1,001	1,300	46,939,00			32,857,30			9,387,80			4,693,90	
	1,301	1,600	59,225,00			41,457,50			11,845,00			5,922,50	
	1,601	2,000	69,350,00			48,545,00			13,870,00			6,935,00	
		acima de	2,000	84,761,00			59,332,70			16,952,20			8,476,10
<b>BATATA SEMENTE</b> Todo território nacional	10,000	12,000	741,629,00	75	Ago	556,221,75	15	Set	111,244,35	10	Nov	74,162,90	
	12,001	15,000	874,052,00			655,539,00			131,107,80			87,405,20	
	15,001	18,000	979,896,00			734,922,00			146,984,40			97,989,60	
		acima de	18,000	1,001,871,00			751,403,25			150,280,65			100,187,10
	<b>FEIJÃO</b> Todo território nacional	-	400	28,737,00	55	Jul	15,805,35	25	Ago	7,184,25	20	Out	5,747,40
401		600	56,797,00			31,238,35			14,199,25			11,359,40	
601		800	65,705,00			36,137,75			16,426,25			13,141,00	
801		1,100	83,841,00			46,112,55			20,960,25			16,768,20	
1,101		1,600	102,319,00			67,275,45			25,579,75			20,463,80	
		acima de	1,600	133,541,00			73,447,55			33,385,25			26,703,20
<b>SOJA</b> Todo território nacional	-	1,250	49,387,00	75	Ago	37,040,25	15	Out	7,408,05	10	Fev	4,938,70	
	1,251	1,500	52,783,00			39,587,25			7,917,45			5,278,30	
	1,501	1,750	62,856,00			47,142,00			9,428,40			6,285,60	
	1,751	2,000	67,093,00			50,319,75			10,063,95			6,709,30	
	2,001	2,400	79,698,00			59,773,50			11,954,70			7,969,80	
	acima de	2,400	83,349,00			62,511,75			12,502,35			8,334,90	
<b>SORGO</b> Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste	1,400	2,000	36,635,00	65	Ago	23,812,75	25	Out	9,158,75	10	Jan	3,663,50	
	2,001	2,500	49,395,00			32,106,75			12,348,75			4,939,50	
	2,501	3,000	56,137,00			36,489,05			14,034,25			5,613,70	
		acima de	3,000	63,739,00			41,430,35			15,934,75			6,373,90
<b>MILHO</b> Todo território nacional	-	900	22,775,00	55	Ago	12,526,25	30	Out	6,832,50	15	Fev	3,416,25	
	901	1,300	29,915,00			16,453,25			8,974,50			4,487,25	
	1,301	1,700	38,422,00			21,132,10			11,526,60			5,763,30	
	1,701	2,100	46,872,00			25,779,60			14,061,60			7,030,80	
	2,101	2,500	53,577,00			29,467,35			16,073,10			8,036,55	
	2,501	3,000	63,176,00			34,746,80			18,952,80			9,476,40	
	3,001	3,500	68,954,00			37,924,70			20,686,20			10,343,10	
	3,501	4,000	79,975,00			43,986,25			23,992,50			11,996,25	
	4,001	5,000	91,001,00			50,050,55			27,300,30			13,659,15	
	5,001	6,000	104,223,00			57,322,65			31,266,90			15,633,45	
	6,001	7,000	123,173,00			67,745,15			36,951,90			18,475,95	
		acima de	142,122,00			78,167,10			42,636,60			21,312,30	

## PREÇOS MÍNIMOS DE GARANTIA Safra de Verão 1991/92

Produtos	Unidade	Vigorar a partir	Preços mínimos propostos Cr\$/unidade
Arroz Irrigado, em casca (1)	80 kg	Fev/92	3,401,00
Arroz sequeiro, em casca	80 kg	Fev/92	
Sul, Sudeste e NE (exceto MA)			3,001,80
MS, GO e DF			2,735,40
Sul do MT, TO e MA			2,326,80
Norte MT, RO, AC, AM, PA, RR e AP (2)			1,076,00
Feijão Cores	60 Kg	Nov/91	9,419,40
Preto	60 Kg	Nov/91	9,419,40
Mandioca (raiz)	1 T	Jan/92	9,810,00
Milho	60 kg	Fev/92	
Sul, Sudeste e BA-Sul			2,259,00
MS, GO e DF			1,963,20
Sul do MT e TO			1,663,20
Norte do MT e RO			1,318,20
Soja	80 Kg	Fev/92	
Sul, Sudeste, BA-Norte e NE (3)			2,761,20
MS, GO, DF, MA e BA-Sul			2,535,80
Sul do MT e TO			2,310,00

(1) Vigência a partir de 01.09.91 para Roraima

(2) Preço mínimo válido também para as áreas irrigadas das regiões Nordeste e Centro-Oeste, com início de operações a partir de 01.09.91.

(3) Exceto Maranhão

## ALTERNATIVAS PARA ATUALIZAÇÃO DOS PREÇOS MÍNIMOS Em %

Índices	INPC		IPP		TR	
	Mês	Acumulado	Mês	Acumulado	Mês	Acumulado
Fev	20,20	-	19,89	-	7,00	-
Mar	11,79	34,37	7,87	29,32	8,50	16,10
Abr	5,01	41,10	5,72	36,72	8,93	26,46
Mai	6,68	50,53	7,86 (*)	46,79	8,99	37,83
Jun	8,50 (*)	63,32	10,42 (*)	62,08	9,40	50,79

Elab: CNA/DIPLA/DEPOS/DINFO  
EL 12,3./ATUALPM,UKI

## LIMITES DE FINANCIAMENTO

### 1. Produtos com diferencial de produtividade (em %)

Produtos/Faixa de produtividade	Categoria		
	Mini/pequeno produtor	Médio produtor	Grande produtor
<b>MILHO</b>			
- Região Sul			
Até 900	70	70	50
De 01 a 1,300	70	70	50
De 1,301 a 1,700	80	80	60
De 1,701 a 2,100	90	90	70
De 2,101 a 2,500	100	100	80
De 2,501 a 3,000	100	100	90
Demais faixas de produtividade	100	100	100
<b>SOJA</b>			
- Região Sul			
Até 1,250	60	40	30
De 1,251 a 1,500	70	50	30
De 1,501 a 1,750	80	60	40
De 1,751 a 2,000	90	70	50
De 2,001 a 2,400	90	80	60
Acima de 2,400	100	90	70

# Frigoríficos páram

É a maior crise na pecuária. Abates clandestinos, tributação elevada, congelamento de preços, recessão, baixos salários e redução no consumo estão inviabilizando os frigoríficos da Campanha. Só a Cotrijuí/Dom Pedrito ainda resiste a tantos percalços

Caldeiras apagadas, bretes vazios, martelotes em repouso e silêncio nos imensos espaços das praias de matança, é este o retrato dos frigoríficos, hoje, em toda a região da Campanha gaúcha. Está certo que é inverno, época de entressafra, mas nunca a pecuária esteve em situação de tanta desvantagem, como agora.

É o setor da atividade que mais reflete as crises da pecuária, é o frigorífico. Quem diz é o vice-presidente da Cotrijuí Regional Dom Pedrito, Abu Souto Bicca, que ainda resiste a crise que se abateu sobre esse setor, e teima em manter em atividade, mesmo que precária e eventual, o frigorífico da Cotrijuí no município.

A fragilidade do mercado interno, agravado pelo congelamento de preço da maioria dos cortes nobres da rês, sem privilegiar o consumidor de menor recurso nos cortes de menor categoria, os tributos cobrados regularmente dos frigoríficos, especialmente dos estabelecimentos vinculados a cooperativas, tende a inviabilizar o setor, de maneira radical, como está acontecendo, adverte Abu Bicca.

**CARNE, ALIMENTO NOBRE?** - Parece chegada a hora de saber, de esclarecer, se carne é produto de natureza nobre, portanto, caro, e destinado a grupos diferenciados da sociedade, ou se é um alimento comum, que pode estar na mesa de todos, sem qualquer diferenciação? A pergunta é do agropecuarista Rogério Zart, proprietário da estância Alvorada, em Dom Pedrito.

Ele chama a atenção para o comportamento que os países ricos têm para a carne bovina, a chamada proteína vermelha, cujos preços ao consumidor assumem proporções bastante diferenciadas das demais carnes. Mas no Brasil, prossegue Zart, quando nem sempre há alimento de origem agrícola disponível na mesa das pessoas pobres, pretende o governo que tenha carne, forçada por um tabelamento que acaba inviabilizando a produção. Essa, em grande parte, é a causa dos problemas nacionais em relação ao campo, adverte o produtor.

**ABATE CLANDESTINO** - O médico-veterinário Otalíz de Vargas Montardo, do conselho fiscal da Regional, argumenta com o problema do abate clandestino. Essa concorrência desleal, que prejudica o Estado, porque não paga tributos, e os frigoríficos legalmente instalados, que são tributados e mantêm quadros de funcionários estáveis que gozam de todas as garantias das leis trabalhistas, é que está liquidando os frigoríficos. Não é possível concorrer enfrentando todos os revezes dessa estrutura econômica que desvirtua todos os prin-

cípios dinâmicos da economia de livre mercado, diz Otalíz Montardo.

**F A T O R CONJUNTURAL** - O vice-presidente Abu Souto Bicca considera que o problema é inteiramente conjuntural. Sem que o governo se conscientize do problema, nada vai mudar. E apela para o bom senso do governo para que inicie a correção de rumos em relação à pecuária e ao campo, de maneira mais ou menos geral.

Ele aponta os seguintes fatores como os mais graves e que emperram esse importante setor da economia, devendo ser estudados.

Em primeiro lugar, a elevada tributação da empresa bem estruturada, em especial, as cooperativas, que não têm como sonegar, sem a correspondente atenção do fisco para evitar a concorrência desleal relativamente aos que sonegam impostos.

Em primeiro lugar, a elevada tributação da empresa bem estruturada, em especial, as cooperativas, que não têm como sonegar, sem a correspondente atenção do fisco para evitar a concorrência desleal relativamente aos que sonegam impostos.

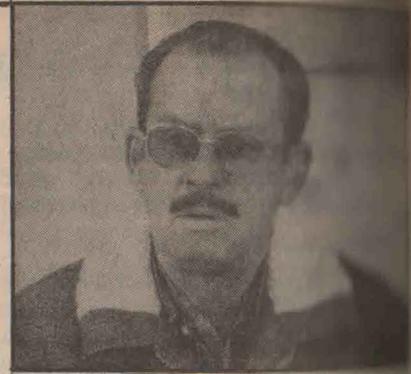


Os bretes vazios...

... uma característica da triste situação

É público e notório que os abates clandestinos, principalmente nos municípios do interior, são os grandes abastecedores de carne verde às populações das cidades. Enquanto isso, os tributos, somados e acumulados, na produção, chegam a quase 40%. É muito imposto em cima do produtor, reclama Abu Bicca.

**TERMINAÇÃO É MAL FEITA** - Mas ele não reclama só do governo. Também têm críticas a fazer ao comodismo de muitos dos nossos pecuaristas, que permanecem insistindo numa pecuária atrasada de mais de meio século. Com esse



Abu Souto Bicca

criatório atrasado, diz ele, não se pode esperar muita coisa, em termos de produtividade.

Compara com o exemplo de São Paulo, um Estado que não é tradicional em pecuária, e mostra como se deve terminar bem o gado para a obtenção do melhor rendimento. Eles estão obtendo o semi-confinamento e um muito bom resultado, enquanto nós permanecemos com a pecuária extensiva, de terminação a longo prazo e de baixo rendimento. Esse comportamento nos leva, também, às entressafras, devido ao rigorismo de nossos invernos.

Em face a isso, devemos considerar que para acelerarmos a dinâmica de nossa economia pecuária temos que partir para a adoção de uma modernização em nosso criatório. E o processo mais adequado, segundo os técnicos, é o melhoramento dos campos com pastagens cultivadas e a terminação em regime de semi-confinamento. Aqui, diz Abu Bicca, já tem quem adote esse sistema, mas é necessário que haja maior conscientização para assegurar uma produção permanente e garantida. Assim, seguramente, teremos carne o ano inteiro. E, é claro, se o governo também fizer a sua parte, diz Abu Bicca.

## LÃ Cai o preço

O mercado internacional da lã nunca esteve tão baixo. Os estoques de produto são grandes, mas não há perspectivas de bons preços a médio prazo. A Cotrijuí/Dom Pedrito está de olho na carne

Mais de 30 por cento de toda a produção de lã gaúcha saiu do Estado na última safra sem gerar nenhum rendimento de imposto. A estimativa é que tenha havido um contrabando superior a oito milhões de quilos só na safra 90/91. O comentário, saído na imprensa no final do mês de junho, foi feito pelo diretor comercial da Federação das Cooperativas de Lã, Vanderlei Klein, com o qual concorda, plenamente, o zootecnista Paulo Arinos Tarouco Pedroso, técnico da Cotrijuí na Regional Dom Pedrito.

Mas o contrabando, que sempre existiu nesta região de fronteira seca, não é o maior problema, diz Pedroso. O pior é que esse produto, de natureza nobre, vive seu momento trágico no mundo, com preços aviltados e sem que haja perspectivas de reação para cima, a curto prazo. Segundo ele, a Austrália, o maior produtor mundial de lã, está

com estoque de 600 milhões de quilos, sem mercado. E por isso, naturalmente, os preços se aviltaram.

Basta verificar que o produto baixou dos 5,00 dólares o quilo na safra de 88/89, para pouco mais de 1,00 dólar, atualmente. Nunca o preço da lã esteve cotado tão baixo, reclama Paulo Pedroso.

**ESTÍMULO À CARNE** - O técnico da Cotrijuí procura estimular os criadores a manterem seus plantéis ovinos melhorados para o aproveitamento da carne. Ele acena com a possibilidade de aumento desse mercado, principalmente em centros consumidores fora do Rio Grande do Sul. No Rio e São Paulo existe um mercado amplo e bastante acessível para consumir carne ovina, mas a oferta é que não está correspondendo, diz Pedroso.

A Cotrijuí Dom Pedrito tem contrato de fornecimento de carne para a Cooperativa de Cafeicultores da Zona de São Manoel - Cafénoel, mas as remessas vão muito espaçadamente devido a pouca oferta de capões e cordeiros no peso de carcaça exigido pelos compradores, que é em torno dos 14 ou 15 quilos.

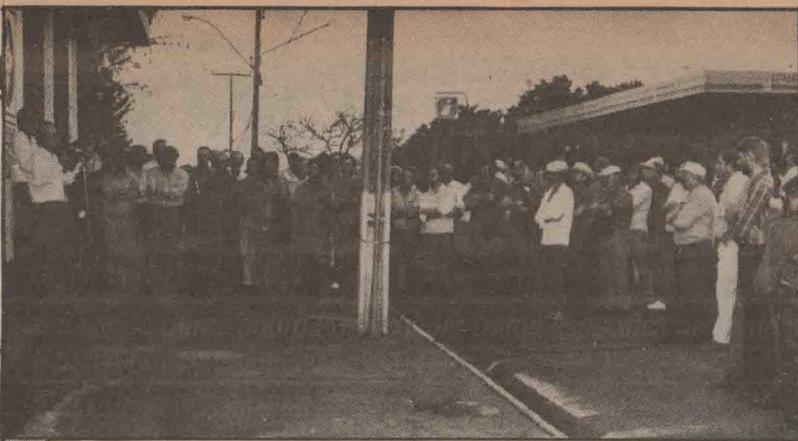
A pouca oferta fica evidenciada. Em dezembro do ano passado foram embarcados 675 cordeiros, com peso de 7.865 quilos. E a segunda remessa,

com 500 capões, pesando 8.430 quilos, somente foi ocorrer a 7 de maio do corrente ano. Pedroso entende que é fundamental que se reduza os espaços entre remessas, e assegura que, se for colocado, principalmente na praça de São Paulo, tem consumo garantido.

**A GRANDE RIQUEZA OVINA** - Dependentemente da crise atual no preço da lã, o técnico da Cotrijuí deposita fé e esperança na ovinocultura. Para ele, a ovinocultura, quando trabalhada em níveis de tecnologia avançada, tem o poder de responder com rapidez do que a bovinocultura em termos de pecuária.

A ovelha, é carne e lã. O que precisa é que se dissemine o hábito de consumir a carne. Mas isso só é possível com a continuidade, diz ele. É preciso investir alguma coisa na formação do hábito alimentar das pessoas que só apreciam a carne bovina. Já dá como prova demonstrativa a importância da formação do hábito pessoal das estâncias, onde predomina o consumo da carne ovina. Nas estâncias, diz Pedroso, o pessoal dá preferência a esta carne, até porque é mais acostumado com seu peso, que é mais leve e de mais fácil digestão, assegura o zootecnista.

# De casa nova



Na inauguração da nova sede, a presença de um grande número de pessoas (foto acima). Ao lado, à esquerda, o corte da fita por Ruben Ilgenfritz da Silva, Paulo Ottonelli, Cláudio Rotilli e Bruno Van Der Sand



estamos dando um passo importante. Não só estamos mudando de sede, como também buscando a nossa independência", disse ainda Ottonelli.

Ruben Ilgenfritz da Silva elogiou o trabalho de organização que a Cocecer vem fazendo, "que não deixa nada a dever a qualquer outra instituição". Disse que, neste últimos anos, o que de mais significativo aconteceu no meio cooperativista foi a possibilidade das pequenas, médias e grandes comunidades poderem se organizar, não só em relação ao seu processo produtivo, mas também em relação aos recursos financeiros. Neste aspecto, considera o cooperativismo de crédito como o grande caminho colocado à frente dos produtores.

O presidente da Cotrijuí lembrou dos tempos em que o crédito rural ditava a forma como as coisas deviam acontecer no campo e da orfandade a que o setor primário se encontra atualmente, "castigado por políticas pesadas em relação ao produtor rural. Os tempos mudaram significativamente, principalmente para nós que ainda estamos calcados em cima de

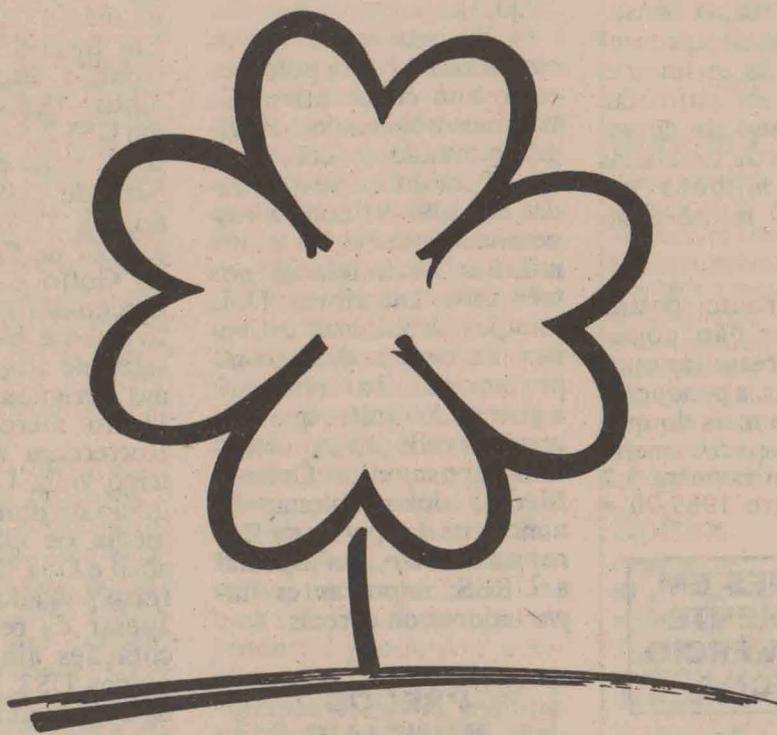
alguns produtos que dependem de mercado externo, como o caso soja, por exemplo", disse apontando como saída uma reavaliação do que vem sendo feito. Garantiu que de nada adianta só contestar. É hora do produtor se integrar a esta realidade e procurar, dentro deste contexto, saídas para melhorar a sua situação. As cooperativas de crédito, no entendimento de Ruben Ilgenfritz, é a única forma de fazer com que o produtor seja realmente o único dono do seu dinheiro e da sua poupança.

**UM EXEMPLO** - Para o presidente da Cotrijuí, o cooperativismo de crédito é um exemplo do muito que outros setores do cooperativismo podem e devem fazer para enfrentar as adversidades vividas no momento. O solo, por exemplo, é uma questão associada ao momento e que exige urgente solução. "Perdemos muito com a erosão, com a perda de fertilidade do solo e com o baixo índice de nossa produtividade", acentuou, alertando para a necessidade de aplicação de recursos e de técnicos para os níveis tecnológicos exigidos pelo atual momento. Mas disse que este é um

problema que exige o envolvimento de todos os segmentos da sociedade.

**LADO A LADO** - Bruno Van Der Sand falou em nome da Cocecer, reforçando a necessidade do produtor caminhar lado a lado no sentido de melhorar a sua situação econômica. "Se sabemos produzir, por que não podemos administrar nossos recursos e financiar nossa agricultura da maneira que acharmos melhor? perguntou o presidente da Credipel, falando em seguida das vantagens do produtor trabalhar com a sua cooperativa de crédito. Ao cumprimentar a direção da Crediaju pela nova fase, Bruno Van Der Sand disse que é hora do produtor trabalhar unido, de acreditar nas entidades que o representam. Garantiu que de nada adianta encaminhar dinheiro para outros estabelecimentos bancários, "se não sabemos onde eles serão investidos. O produtor é quem deve decidir de que maneira vai plantar e de que maneira vai querer financiar a sua lavoura. É ele quem deve decidir sobre a necessidade ou não de obter recursos".

Falando em nome do poder público, o vice-prefeito Cláudio Rotilli reafirmou a determinação de apoiar iniciativas como a da Crediaju. "A Crediaju é um exemplo não apenas para as instituições financeiras do município, mas também para a indústria e o comércio", disse Rotilli fazendo um agradecimento especial às pessoas que acreditam no desenvolvimento de Ajuricaba, "que sabem que esta terra, que neste ano completa 25 anos, tem futuro, tem chance de progresso".



**NO DIA DO AGRICULTOR, O QUE A GENTE DESEJA MESMO É A MAIOR SAFRA DO MUNDO PRA ELE.**

28 de julho, Dia do Agricultor.  
Uma homenagem da Cyanamid.



Argemiro Luís Brum  
Montpellier - França



## MERCADO MUNDIAL DO TRIGO

# Menor oferta e preços em alta

Considerando a liberalização do mercado interno do trigo, deixando a produção local face a concorrência internacional protegida e subsidiada, o Argemiro Luís Brum, tendo por base relatórios do Conselho Internacional do Trigo, analisa, neste artigo, a situação e perspectivas do mercado mundial do trigo

No momento em que o Brasil liberaliza o seu mercado do trigo, deixando a produção local face a concorrência internacional protegida e subsidiada, nos parece interessante realizarmos uma pequena análise sobre a situação mundial deste mercado.

Com base nos relatórios do Conselho Internacional do Trigo (International Wheat Council - IWC), com sede em Londres, nós iremos tratar neste artigo, portanto, da situação e perspectivas do mercado mundial do trigo.

No global, para este ano de 1990/91, o mercado internacional do trigo se apresenta excedentário. Apesar de um crescimento registrado tanto na produção quanto na demanda, verificamos que percentualmente a primeira cresceu de forma mais significativa do que a segunda. Como o comércio se apresenta em recuo, os estoques aumentam e os preços baixam, tendo os mesmos registrado um forte recuo entre novembro/90 e fevereiro/91.

### PRODUÇÃO E CONSUMO EM ALTA

A produção final de trigo, prevista para o atual ano comercial 1990/91, é superior ao inicialmente esperado. A mesma deverá se situar em 595 milhões de toneladas contra 543



Mercado Internacional do trigo para 1990/91  
A produção cresceu mais que o consumo

milhões em 1989/90 e 505 milhões em 1988/89.

Por sua vez, o consumo igualmente se apresenta superior às primeiras previsões, ao ser estimado, para o atual ano em curso, a 569 milhões de toneladas contra 541 milhões em 1989/90 e 537 milhões em 1988/89.

No confronto destas duas previsões não podemos deixar de ressaltar que, em percentuais, a produção deverá crescer mais do que o consumo: respectivamente 9,6 por cento contra 5,2 por cento entre 1989/90 e 1990/91.

### ESTOQUES EM ALTA FRENTE A UM COMÉRCIO EM RECUE

Nestas condições, não é de surpreender que os volumes de trigo em estoque no mundo deverão crescer significativamente no atual ano comercial. As previsões atuais dão conta de que os mesmos passarão das 116 milhões de toneladas, registradas por dois anos consecutivos (1988/89

e 1989/90), para 142 milhões de toneladas em 1990/91.

Por sua vez, o comércio mundial recua pelo terceiro ano consecutivo. Os volumes negociados de trigo no mundo deverão ficar em 92 milhões de toneladas em 1990/91 contra respectivamente 93,97 e 106 milhões de toneladas nos três anos anteriores. Dois grandes problemas estiveram no centro deste comportamento do comércio: a guerra do Golfo, que forçou uma redução importante no consumo do Oriente Médio; e os problemas financeiros dos países da Europa do Leste, em especial a URSS, importantes importadores de cereais.

### PREÇOS MUNDIAIS EM QUEDA

Nestas condições, as cotações internacionais do trigo registraram uma importante queda durante o atual ano comercial. Na Bolsa de Chicago, o cereal esteve valendo US\$ 2,80/bushel (27,2 quilos)

na média de abril passando contra US\$ 3,64/bushel na média de abril de 1990. Em fevereiro passado sua cotação esteve mais baixa ainda, ficando em média em US\$ 2,54/bushel. A partir de então ela vem se recuperando (US\$ 2,98/bushel no dia 12 de junho), em função do final da guerra do Golfo e sobretudo em função das estimativas relativamente baixistas para a safra de trigo 1991/92 como veremos mais adiante. Já no mercado físico de Rotterdam a tonelada de trigo valia US\$ 145,00 no início de junho contra uma média de US\$ 137,71 em abril e US\$ 129,30 em fevereiro passados. Entretanto, apesar da recuperação, as cotações ainda estão longe dos US\$ 156,70/tonelada registrados em abril de 1990.

Com uma maior oferta, a guerra de preços, através de fortes subvenções, impera na prática do mercado mundial de trigo. Os principais países exportadores, como os EUA, a CEE, a Argentina, o Canadá e a Austrália oferecem trigo a preços que podem descer, em certos casos, em torno

de US\$ 70,00/tonelada. Em outras palavras, o preço daquelas regiões, como o de Chicago, que compõem o mercado físico de Rotterdam.

### PARA 1991/92 A REALIDADE PODERÁ SER DIFERENTE

Entretanto, o próximo ano poderá registrar importantes surpresas, especialmente para o Brasil, medida em que o cenário econômico e agrícola mundial, parece depender cada vez mais das importações para abastecer de trigo seu mercado interno.

### PRODUÇÃO MUNDIAL EM QUEDA PARA 1991/92

A consequência imediata do que ocorreu este ano é um recuo na produção do cereal. Os baixos preços internacionais forçaram os produtores a adotarem práticas agrícolas restritas com relação ao trigo, dando a um relativo desânimo aos produtores. Devido à medida em que a produção e a comercialização do trigo, junto aos principais países produtores, ocorrem via fortes negociações, são as políticas locais destes diferentes países que passam a assumir papel central na definição das futuras ofertas de produto.

Atualmente, prevê-se que a área plantada no próximo ano comercial 1991/92 deverá se reduzir entre 226-227 milhões de hectares. Isto representa um recuo mundial de 10 milhões de hectares, o que representa uma produção mundial de trigo deverá ficar em torno de 555 milhões de toneladas, o que representa uma redução de 40 milhões de toneladas em relação ao atual ano comercial, conforme o que se espera acima. A redução poderá acontecer sobretudo nos EUA, na Argentina, Austrália e na URSS.

## Pequeno crescimento no consumo

Nos EUA, prevê-se uma redução de área em 10 por cento, o que poderá levar a colheita a 62 milhões de toneladas contra os atuais 74,5 milhões. Na Europa do Ocidente e URSS a produção deverá ficar em 93 milhões de toneladas, o que significa uma redução de 15 milhões em relação a última colheita. Na Argentina e Austrália será a redução de área plantada que estará na origem do menor volume a ser colhido. No caso australiano, a previsão é que ocorra uma redução de até 50 por cento de área plantada. Por sua vez, a seca deverá reduzir a safra chinesa de trigo em 2 milhões de toneladas e deixá-la em 94 milhões de toneladas. Sem falar no recuo junto a outros produtores de menor importância, como é o caso do Brasil por exemplo.

Uma certa compensação frente ao recuo na produção de certos países, deverá vir do Canadá, da Índia e da Índia, entre outros de menor importância. No caso canadense, o novo programa de apoio ao trigo (plano de garantia à produção bruta) deverá compensar a redução norte-americana. Por este plano, o governo canadense se compromete a comprar por um preço subsidiado praticamente toda a produção de trigo que o produtor não conseguir colocar no mercado imediatamente, os preços da tonelada de trigo naquele país passaram de 165 dólares canadenses. Quanto a CEE, a previsão é de que sua colheita seja, neste próximo ano comercial, um crescimento entre 3 por cento a 4 por cento os atuais 84,4 milhões de toneladas.

De um lado a produção recua significativamente por outro lado, o consumo tende a estagnar para 1992. Um pequeno aumento estaria sendo previsto quanto ao trigo destinado ao consumo humano, previsto em função do crescimento demográfico nos países subdesenvolvidos. No caso destes países, que atualmente des-

tinam ao consumo humano 250 milhões de toneladas sobre um total mundial de 374 milhões, o crescimento previsto em seu consumo é de 2 por cento para o próximo ano. Entretanto, prevê-se uma redução no consumo de trigo destinado à ração animal, na medida em que o preço do cereal tende a subir. Nestas condições, o consumo global mundial está sendo estimado em 570 milhões de toneladas para 1991/92, o que representa um acréscimo de 1,0 milhão de toneladas sobre 1990/91. Temos assim que o consumo será maior do que a produção anual, fato que não ocorreu nos últimos dois anos.

### COMÉRCIO E PREÇOS EM ALTA

Pode-se adiantar que a disponibilidade total junto aos cinco maiores produtores mundiais deverá ficar em torno de 145 milhões de toneladas para 1991/92.

Isto não impede que, em relação às condições vistas até aqui, o comércio venha a sofrer algumas alterações. Dentre elas, podemos destacar que, além dos preços mais elevados, em função da menor disponibilidade do produto, as subvenções terão tendência a se reduzirem igualmente, fato que levará os principais importadores a pagarem um preço mais elevado pelo trigo importado. Ao mesmo tempo, o envio de trigo como ajuda alimentar, que esteve em crescimento neste último ano passado de 7,5 milhões de toneladas em 1989/90 para 8,0 milhões em 1990/91, poderá ser reduzido de forma importante.

Por outro lado, algumas incógnitas ainda se fazem presentes no mercado. A primeira delas diz respeito ao volume que poderá ser importado pela URSS. Sabe-se que sua colheita de cereais não deverá repetir o excelente resultado deste ano. Tudo indica então que ela deverá aumentar suas compras junto ao

exterior, à condição de que os créditos ocidentais para tal fim lhe sejam dados. O recente adiantamento de US\$ 1,5 bilhão feito pelos EUA aos soviéticos vai nesta direção. Assim, prevê-se que a URSS irá importar 16 milhões de toneladas no ano próximo, o que representa 3 milhões acima do importado em 1990/91 (uma parte deste volume deverá chegar sob a rubrica "assistência alimentar").

A segunda incógnita é a quantidade que realmente o Brasil irá importar. Existem dúvidas quanto a real colheita brasileira neste inverno e, por consequência, quanto ao déficit de 4 milhões de toneladas que nosso país teria que suprir através das importações.

Em terceiro lugar, com o final da guerra do Golfo, espera-se que o Oriente Médio importe 12 milhões de toneladas contra as atuais 10,4 milhões. Enfim, as importações da África estariam em crescimento assim como a do Extremo-Ocidente, onde a China poderá importar 13 milhões de toneladas no próximo ano, o que representaria 2 milhões acima do comprado em 1990/91.

Apesar das incógnitas, prevê-se que o comércio mundial chegue a 97 milhões de toneladas no próximo ano. Este volume é superior ao registrado no ano em curso e tende a segurar as cotações em alta na medida em que os estoques mundiais totais estão sendo previstos em 127 milhões de toneladas contra os 142 milhões deste ano (50 por cento desta redução se dará junto aos principais países exportadores).

Uma realidade que poderá comprometer seriamente a política liberalizante adotada para o trigo brasileiro, na medida em que a mesma levou a uma forte redução da produção interna, acompanhada de uma relativa destruição do potencial produtivo, e será confrontada a importar volumes cada vez maiores de trigo a preços em elevação no mercado internacional.

LUBRIFICAÇÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS

# Rimula

## O Super Óleo do seu dia-a-dia



Multiviscoso para motores Diesel turbo e aspirados

Agora você tem um óleo que facilita as partidas a frio e mantém a viscosidade adequada em qualquer temperatura ou condição de serviço, aumentando o tempo de vida do seu motor, diminuindo o número de retíficas e economizando lubrificante e combustível. A melhor maneira de se celebrar uma parceria conquistada pela consagrada linha de produtos Shell para lubrificação de máquinas agrícolas.

### Rimula CT

Recomendado para motores que operem em serviços pesados, mantém o motor sempre limpo e tem aditivos especiais que combatem a oxidação, a corrosão e o desgaste. Menos oficina e muito mais produtividade.



### Tellus

Especial para sistemas hidráulicos industriais e para todas as aplicações que peçam um lubrificante de alto nível de desempenho. Contém aditivos antioxidantes, antidesgaste, antiferrugem e antiespuma.



### Spirax

Protegendo da umidade as engrenagens e outros componentes de eixos, é recomendado para caixas diferenciais, de redução, de câmbio, de direção e juntas universais. Excepcionalmente resistente à deterioração por uso prolongado.



### Retinax

Recomendada para todos os pontos lubrificáveis à graxa, mantém sua estabilidade e resistência tanto em altas como em baixas temperaturas. Uma moderna fórmula de graxa para lubrificação de máquinas agrícolas.



## COTRIEXPORT CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

INCÊNDIO - VEÍCULOS - VIDA - ACIDENTES PESSOAIS - RESIDENCIAIS E OUTROS

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364  
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar -

COTRIJORNAL

 **Shell**  
Líder mundial em lubrificantes

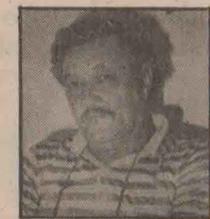
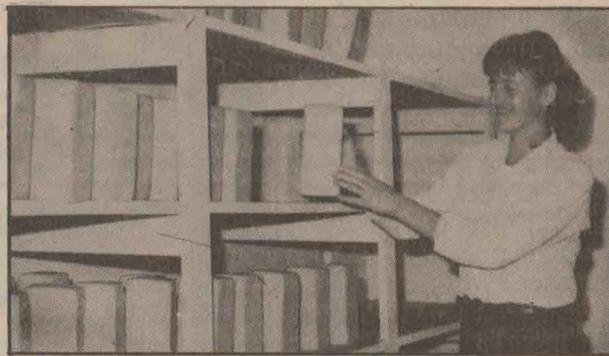
# Uma nova cooperação

Em Tenente Portela, um grupo de produtores de Gamelinha dá início a um novo estilo de cooperação, através da produção de leite para a fabricação de queijo e para terminar suínos com qualidade

Um novo estilo de cooperação surge em Tenente Portela. Com a criação da Agroindústria Portelense, nome dado a um pequeno complexo de produção integrada, sete dos melhores produtores de leite da Cotrijuí naquele município, os quais formam a bacia leiteira de Gamelinha, estão reunindo duas atividades para ganhar mais com a agroindústria. Junto com Egídio Betio, sócio gerente da agroindústria, esses produtores deixaram de comercializar o leite simplesmente para tornarem-se nos principais abastecedores de uma pequena mas moderna fábrica de queijo.

Inaugurada no dia 27 de maio, a queijaria instalada na localidade de Gamelinha, conta atualmente com apenas três funcionários e tem capacidade para a confecção de 300 quilos de queijo por dia, o dobro do que vem sendo trabalhado nos últimos dias, quando a fábrica ainda funciona em caráter experimental. "Estamos finalizando a legalização junto a Secretaria de Saúde", diz o gerente da fábrica e um dos idealizadores da agroindústria, que andou buscando exemplos em outros municípios como Carlos Barbosa e Maravilha, em Santa Catarina.

Entusiasmado com o negócio, com os vários pedidos que vem recebendo e com a receptividade dos "alemães", como costuma se referir aos produtores de Gamelinha, Betio, embora não seja agricultor e sim proprie-



Egídio Betio Gerente da fábrica de queijo

Queijaria Ponta de lança da agroindústria

tário de uma automecânica, salienta com desenvoltura os objetivos da fábrica para verticalizar uma produção com maior lucratividade. Destaca também o empenho do grupo em um investimento com tecnologia de qualidade desde o sistema de refrigeração até as embalagens do tipo "crayvac".

"Contamos com um ótimo grupo de produtores de leite, diz ainda orgulhoso, o administrador, lembrando contudo, que o fornecimento de leite não é feito somente pelos associados, mas por outros produtores da região como Valdemar Breünig, responsável pela maior produção individual de Tenente Portela. Com a entrega do leite na fábrica, o produtor daquela linha leva ainda dois por cento de bonificação, enquanto o dinheiro obtido com a comercialização do queijo é canalizado para uma espécie de fundo de poupança para outros investimentos e para saldar as contas do

projeto que apenas começa com o queijo.

O MAIOR FILÃO - Embora o queijo seja a ponta de lança da agroindústria, o maior filão do complexo são os cerca de mil e 500 suínos em terminação que começam a ser produzidos por todos os associados, a partir de uma alimentação baseada em 60 por cento do soro de leite e 40 por cento de ração sólida. Em fase final de construção, estão instalados próximos a queijaria dois grandes chiqueiros, onde já foram colocados mais de 250 suínos alimentados com esta dieta. Estes animais são oriundos da Apsat de Bom Plano e repassados pela Cotrijuí, para comercialização futura com a cooperativa. "É uma nova forma de comercialização", confirma o gerente da Cotrijuí em Tenente Portela, João Frantz, exemplificando que "com esta associação deixam de receber um bom volume em leite, mas ganhamos,

## Receita dupla



"Para melhorar, ganhando mais de um preço sempre baixo" é o que diz o representante Dealmio Schneider ao justificar a participação na Agroindústria Portelense, a qual é subgerente e que tem como associados Hêlio e Sadi Breünig, Waldair Schneider, Mar Fruhling, Arlindo Albrecht, Albino Schneider e mais o sócio gerente Egídio Betio. Com os seus colegas, Schneider possui uma pequena fazenda leiteira exemplar na região, de onde tira mais de 170 litros de leite ao dia, um volume significativo que passou, segundo o produtor, a gerar uma receita mais atrativa.

Para chegar até aqui os produtores não fizeram por menos. Levantaram a questão com recursos próprios, mas dentro de um período de que "quem tem põe, quem não tem põe depois", conta Schneider. Já os chiqueiros deverão ser pagos com o dinheiro do projeto e de mais alguns financiamentos pleiteados pelo grupo da Portelense. "É um investimento grande mas vale a pena", analisam o produtor e sua esposa Helga ao falarem da recuperação de sua produção, onde um produtor sustenta duas atividades. O leite continua sendo a prioridade número um, dizem os produtores que em apenas 28 hectares próprios e mais 40 arrendados, plantam basicamente milho e milho e também se preparam para o cultivo de alcachofra.

por outro lado, o compromisso de um maior recebimento de suínos e também possibilidade de um maior repasse de concentrados e rações".

A Agroindústria Portelense, portanto, não quer se resumir ao queijo e a terminação de suínos. De acordo com Betio, em um ano a administração deve passar para outro associado, enquanto ele ganha mais tempo para dedicar-se a instalação de uma pequena estrutura de abate, com aproveitamento parcial do rebanho na industrialização de embutidos.

Em Ajuricaba, Guilherme Dolwitch ganha dinheiro e abastece o mercado, com uma pequena mas eficiente fábrica de vassouras

# Varrendo os apertos

Um bom negócio é como diz o seu Guilherme Dolwitch ao se referir a sua pequena mas eficiente fábrica de vassouras, instalada no porão da casa, na Linha 23, interior de Ajuricaba. Hoje proprietário de apenas meia colônia de terra, o seu Guilherme ou simplesmente o Willi como é conhecido em toda a Ajuricaba, não tem nas vassouras apenas uma fonte a mais de renda. O negócio já sustentou e continua sustentando a família, como afirma seu Willi, ao recordar a sua opção por esse trabalho.

Com poucos anos de casamento, em 1953 Willi se viu obrigado a vender quase tudo o que tinha em cima da terra, de forma a pagar despesas altas com uma doença da esposa. A partir dali, com dois filhos pequenos, se viu "solito" para tocar a propriedade, e por isso não pensou duas vezes. Aproveitou os ensinamentos do pai que já fazia vassouras, de forma mais artesanal, e passou a cultivar todo ano, uma pequena área de palha para confeccionar vassouras.

EQUIPAMENTO PRÓPRIO - Para atender uma demanda cada vez mais crescente, o produtor tratou de facilitar o trabalho, mandando construir através de projeto próprio, uma máquina de pedal onde são agrupadas as melhores palhas, uma prensa, uma máquina para costura e um facão especial de corte. Com este equipamento, ele faz atualmente 30 vassouras por dia, todas seguindo um feitiço muito bem explicado por ele. "Nunca uso palha embolorada, e sempre coloco bas-

tante palha para que a vassoura não fique rala e nem chata", demonstra enquanto finaliza mais unidade.

Seguindo rigidamente este ritual há mais de 35 anos, o produtor que até já foi funcionário municipal do setor de obras para se "desapertar", nunca largou as vassouras. Planto, colho e corto a palha sozinho", salienta Willi, como quem justifica um trabalho que embora não seja tão leve, ainda consegue dar mais receita do que o retorno de arrendamento dos poucos hectares que possui.

Com uma produção de aproximadamente 600 vassouras por mês, o produtor da Linha 23 abastece todo o comércio de Ajuricaba, mas já poderia, se houvesse condições, ter ampliado a sua clientela para outros municípios da região. "Já tive muitos pedidos de outros lugares mas não posso pegar compromisso sem ter palha suficiente e mão-de-obra", diz o produtor, que trabalha as vassouras com a palha própria, retirada de um hectare e meio de terra e o restante com o material trazido pelo freguês.

Usando um tipo de palha qualificada por ele como "petiça", com apro-



Guilherme e Ema A palha é um bom negócio

ximadamente 1 metro e meio de altura", o produtor não deixa de tirar as dúvidas a quem se pergunta por que ele não aumenta a área da palha, já que o negócio é rentável. Segundo Willi, se ele fizesse isso, correria o risco de perder uma qualidade, pois tão logo é cortada, a palha não pode ficar exposta à chuva.

FALTA MATÉRIA-PRIMA - Esse cuidado que o velho Willi tanto preza e que pode ser verificada até pela cor amarela e uniforme das vassouras que fabrica, também se observa na própria semente. Em um pequeno galpão onde está instalado um debulhador também artesanal, ele mostra a semente que utiliza e o volume que já possui para semear em setembro deste ano. Depois de falar do equipamento projetado por ele, Willi fala ainda do custo de produção, do material empregado na fabricação das vassouras como



O vassoureiro agrupando a palha selecionada

Em equipamento projetado por ele mesmo

o barbante, o arame e o cabo, o que tem maior peso na receita e é trazido de Santa Catarina ao preço de 100 cruzeiros cada. Tem um gasto para fazer, mas sobra atualmente mais de 300 cruzeiros por unidade, avalia o produtor.

É ali no galpão, junto com a esposa Ema, que acompanha de perto todo o seu serviço, que ele destaca a falta de matéria-prima, dizendo que se contasse com maior volume de palha, o negócio seria um pouco mais amplo. Comparando a outras atividades inclusive mais caras e de maior risco, o vassoureiro de Ajuricaba e a esposa lembram que "muito colono pode ganhar uns trocados", caso fizesse todo ano, um pequeno vassoural.

# Prevenção no porto marítimo

Sem recursos humanos, o trabalho é feito na base do atestado dos comandantes dos navios

O maior portal marítimo de entrada de estrangeiros no Estado do Rio Grande do Sul está localizado no município de Rio Grande, a cerca de 360 quilômetros de Porto Alegre. Ali já foram adotadas as medidas de prevenção lançadas em campanhas pelo Ministério da Saúde.

O chefe local da Inspeção de Saúde nos portos, o médico Neri Siqueira, informou que o principal procedimento adotado pela fiscalização é a exigência de uma declaração assinada pelos comandantes dos navios que chegam ao porto de Rio Grande, atestando que nenhum tripulante apresentou diarreia, vômito e febre alta - sintomas do cólera. Além disso, os médicos e agentes sanitários procuram conversar com o enfermeiro e tripulantes, a fim de colher maiores informações.

Acordo com a Capitania dos Portos do Rio Grande do Sul determinou ainda que os navios não devem atracar no cais e sim ficar fundeados junto ao porto, até serem cheçadas estas informações. Mesmo aqueles navios que já tenham passado por outros portos brasileiros, sofrem a fiscalização. Neri Siqueira, porém, tranquiliza, afirmando que dificilmente chegam em Rio Grande embarcações vindas do Peru, Venezuela, Colômbia, Índia, Indonésia, Moçambique e Angola, países onde existe maior incidência da doença.

**DIFICULDADES** - Mas apesar de todos os esforços, a falta de estrutura humana tem dificultado o trabalho da Inspeção de Saúde para que se possa agilizar com menor margem de risco o processo preventivo da doença. Apenas



O procedimento adotado pela fiscalização... se resume a uma declaração assinada pelos comandantes dos navios, de que nenhum tripulante apresentou sintomas da doença

dois médicos e três agentes sanitários atuam na prevenção, através de exames e outras atividades.

Para fazer um trabalho adequado no terceiro porto de movimentação de carga do país, seria preciso, segundo o inspetor, no mínimo 10 médicos e mais uma dúzia de agentes para qualificar a prevenção. O atual número, na sua opinião, está longe da realidade de combate de uma doença que se alastra com muita facilidade por suas características resistentes. Segundo o médico, estão fora de perigo as pessoas bem nutridas, seguindo uma medicação à base de antibióticos e com a reposição dos líquidos perdidos com a doença. Assim, ela é facilmente curada.

**NÚMEROS** - Não são apenas 17 casos de cólera registrados - dados da Folha de São Paulo do dia 31 de maio - nos estados do Amazonas e Mato Grosso, dos quais 10 são peruanos, que têm preocupa-

do as autoridades sanitárias brasileiras. Dados da Organização Mundial da Saúde - OMS - apontam que já foram notificados 195.058 casos de cólera na América do Sul, sendo que destes, 1.661 pessoas morreram devido a doença. Nas primeiras colocações estão o Peru com 1.537 mortos; o Equador com 112; a Colômbia com 10 e o Chile com dois.

A ocorrência do cólera só foi observado na região norte do País, onde a água é o principal meio de transmissão da doença. O ministro Alceni Guerra afirmou recentemente ao Congresso, que não é possível impedir a entrada da doença no Brasil, mas apenas circunscrever os surtos e tentar evitar a epidemia. O Ministério da Saúde centra sua atuação em medidas preventivas, tendo aplicado agora Cr\$ 20 bilhões em ações que vão da construção de fossas sépticas ao treinamento de pessoal e aquisição de medicamentos.

## O medo é geral

De acordo com o inspetor de saúde dos portos, o cólera é uma doença que afeta principalmente a população carente, que não possui em casa chuveiro ou banheiro devidamente limpos, correndo graves riscos de contágio. As fezes são o principal meio das pessoas adquirirem a doença", diz Neri Siqueira, aconselhando quem não possui água encanada a ferver os alimentos como verduras e frutas antes de comê-las.

Mas se a população carente sofre os maiores riscos, o medo de contrair cólera também tem lugar nas camadas mais altas e esclarecidas da população. Isto pode ser detectado na redução do consumo de certos alimentos. Matéria da Gazeta Mercantil dá conta de que o consumo de peixes e pescados diminuiu no mês de maio cerca de 30 por cento em relação ao mês anterior. O registro é de associações de classes como o Sindicato das Indústrias de Pescados de Itajaí, maior pólo produtor do País.

O consumo de hortifrutigranjeiros - outra fonte possível de contamina-

ção - caiu em maio mais de 50 por cento nos grandes centros em relação ao mês de abril, como informaram grandes atacadistas que operaram na Com-

panhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais de São Paulo - Ceagesp. Nos restaurantes, as informações são também de queda de consumo de peixes.

## O que a pesquisa tem feito

Descobertas na Europa podem facilitar a produção de uma vacina em escala industrial e mais barata para o cólera. O otimismo veio a partir das informações da agência de notícias Reuter, de que cientistas holandeses anunciaram ter descoberto 80 por cento de semelhanças entre as estruturas das toxinas do vibrião colérico e da *Escherichiacoli*, uma das bactérias mais conhecidas e estudadas do mundo. A última está presente nas fezes humanas. Quando por algum motivo entra em contato com o aparelho urinário causa in-

flamações. A cistite - inflamação da bexiga - é a mais comum.

Outro trabalho importante é o dos pesquisadores da universidade argentina de Córdoba, que desenvolveram um método que diagnostica o cólera em apenas 24 horas. Atualmente, é preciso esperar de 48 a 72 horas pelo resultado. Diminuir o tempo de diagnóstico pode ser vital para o paciente, já que permite agir antes do agravamento dos sintomas. O método permitirá também detectar a bactéria do cólera em alimentos e água.

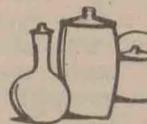
# CÓLERA

## Cuidados a serem tomados

Com esses remédios caseiros, você pode evitar



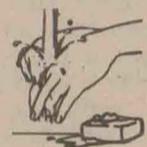
Ferva a água de beber.



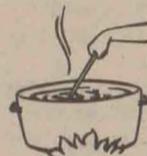
Mantenha a água fervida em vasilhas limpas e com tampa.



Se você mora em palafitas, não use a água que fica debaixo das casas para nada. Não beba dessa água nem fervida.



Lave bem as mãos com água e sabão:



antes de preparar os alimentos;



antes de comer;



depois de defecar.



Utilize o vaso ou latrina; se não for possível, entere as fezes e depois lave as mãos.



Só beba água e leite fervidos.



Todos os alimentos devem ser bem cozidos e preparados na hora.



Só coma peixe ou mariscos bem cozidos.



Proteja os alimentos contra as moscas.



Evite alimentos vendidos na rua, de qualidade duvidosa.



Lave e seque bem pratos, panelas, talheres e outros utensílios de mesa e cozinha.

MINISTÉRIO DA SAÚDE



# Peixes também ficam doentes

Quem ainda pensa que peixe não fica doente, anda muito enganado. O peixe é tão sensível às doenças como qualquer outro animal terrestre. Mas apesar de toda essa vulnerabilidade, o interesse por doenças e anormalidades apresentadas pelos peixes só começou a chamar a atenção a partir do momento em que o homem começou a criá-los em cativeiro. "As enfermidades com animais que vivem na água são maiores do que as apresentadas pelos animais terrestres", assinala o técnico agrícola Altamir Antonini, supervisor do Programa de Piscicultura da Cotrijuí.

Em piscicultura intensiva, principalmente onde a densidade de peixes por unidade é mais acentuada, os problemas de doenças e parasitas têm aparecido mais constantemente. O Altamir cita, como agentes causadores de doenças ou anormalidades que ocorrem nos açudes, as bactérias e vírus, os fungos, os parasitas - protozoários, vermes e crustáceos - o meio ambiente e neste caso influem o oxigênio, o pH, a Amônia livre e os gases - e ainda os animais daninhos - cobras, aves e nutreas, entre outros.

**DE RELEVÂNCIA** - Entre os fatores capazes de causarem doenças ou anormalidades nos peixes, o supervisor do Programa de Piscicultura da Cotrijuí destaca dois deles, "considerados de grande relevância" pelos prejuízos que podem causar. Um destes fatores está relacionado com os parasitas, "que atacam os peixes e os deixam debilitados". É o caso da sanguessuga - muito conhecido entre os produtores como chamixunga - e o Argules - o carrapato dos peixes. "Os parasitas

são muito comuns nos açudes, causando sérios danos aos peixes e a produção", observa.

O segundo fator apontado pelo Altamir está diretamente relacionado com o meio ambiente, "e o que mais tem contribuído para a morte dos peixes na nossa região", conta. O ambiente se torna desfavorável para o peixe quando há falta de oxigênio na água, a Amônia fica livre na água em função do pH e a concentração de excrementos na água atinge níveis elevados.

**COMO EVITAR PREJUÍZOS** - Seguindo o Altamir, o produtor pode contornar estes problemas e evitar a mortandade dos peixes ou perda de produção em seu açude, adotando como norma a observação frequente da sua criação. O ataque de parasitas, por exemplo, pode ser evitado mediante o uso de água de boa qualidade, boa alimentação, alevinos de procedência conhecida e de qualificação zootécnica e ainda, fazendo um exame periódico nos peixes.

O uso de cal virgem, quando o açude estiver seco, além da solarização do fundo - lama -, são práticas que não só podem quebrar o ciclo dos parasitas como também serve para corrigir o pH da água.

No caso de ocorrência de doenças, o Altamir não vê outra saída senão o tratamento dos peixes à base de medicação antibiótica que tanto pode ser fornecida misturada a ração, como sob a forma de vacinas. "Mas como todo o tratamento curativo é caro, o ideal é prevenir adotando medidas apropriadas", aconselha.

## PESQUISA & DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

Coordenação do Eng. Agr. M. SC Volney Viau — Pesquisador do CTC

### FUNDACEP

**A** Fundação Centro de Experimentação e Pesquisa/Fecotrigo, está comemorando 20 anos de geração de tecnologia para os produtores cooperativados. Em seu trabalho é destaque a criação de novas cultivares, especialmente de trigo, soja, triticale e milho. O CTC vem desenvolvendo trabalhos integrados com esta instituição, procurando aumentar a disponibilidade de conhecimentos aos produtores da região. Estão de parabéns os pesquisadores da Fundacep.

### ADUBAÇÃO VERDE E ROTAÇÃO DE CULTURAS

**R**ealizou-se de 25 a 27 de junho a III Reunião de Adubação Verde e Rotação de Culturas na cidade de Cascavel, no Paraná. Nesse encontro, ficou evidente a importância da rotação de culturas e adubação verde dentro do sistema de produção. Estas duas tecnologias proporcionam melhores rendimentos das culturas, podendo reduzir a utilização de insumos tais como adubo, inseticidas, fungicidas e herbicidas. Entretanto, para que isso seja alcançado, há necessidade de qualificada assistência técnica e eficiente administração da propriedade. A Cotrijuí dispõe de espécies adaptadas para a rotação de culturas e adubação verde.

### GIRASSOL

**O** girassol é uma alternativa agrônômica para cultivo em agosto. Sendo plantado nesta época, proporciona o cultivo de milho, sorgo ou milho no tarde. Temos assim, dois cultivos na mesma estação de crescimento.

O girassol é tido como planta mais resistente à seca, devido o grande volume ou seu sistema radicular. Para que isto se evidencie, não deve ser plantado em área com solo compactado, pois neste caso as raízes não terão condições de se desenvolverem e buscar água nas camadas mais profundas do solo. O girassol tolera baixas temperaturas - 5 a 8°C - nos estádios iniciais de desenvolvimento - até 4/5 folhas. Para potencializar a produção de grãos deve haver a participação de abelhas, pois elas auxiliam na polinização da flor.

O óleo de girassol é de alta qualidade, valendo em média entre 5/10 por cento mais que o óleo de soja no mercado internacional. No Brasil, vale hoje 30 por cento a mais que o óleo de soja. Análise realizada pela Rogbras demonstra que a extração de óleo de girassol proporciona, a nível de indústria, uma margem bruta 100 por cento superior a extração do óleo de soja.

### CANOLA

**A** colza que apresenta baixos teores de ácido erúico e glicosinatos recebe a denominação de canola ou colza 00 (doble zero). O cultivo dessa oleaginosa vem aumentando no mundo devido a alta qualidade do óleo obtido das suas sementes. A canola contém somente seis por cento de ácidos graxos saturados - que promovem a formação do colesterol no organismo - enquanto que a soja contém 15 por cento, a palma 27 por cento e o côco 51 por cento.

Em 1974 a Cotrijuí iniciou trabalho de pesquisa com este tipo de colza, com a introdução de cultivares da Alemanha, que deu origem a CTC-4, selecionada no CTC e, atualmente cultivada no Rio Grande do Sul. A colza - canola - não deve apresentar teores de ácido erúico superior a dois por cento e, no máximo 30 micromoles de glicosinatos por grama de farelo desengordurado. Análise da cultivar CTC-4, realizada em 1978, revelou zero de ácido erúico e 14 micromoles de glicosinatos.

### AVEIA DE QUALIDADE

**A** indústria que processa o grão de aveia exige padrão de qualidade mais rígido que o moageiro do grão de trigo. Se por um lado não pode ter aveia misturada no trigo comercial, também não pode existir trigo ou outros grãos misturados a aveia destinada à indústria.

O padrão de qualidade para a aveia é o seguinte:

Aveia branca	90% (mínimo)
Aveia fina	2% (máximo)
Aveia preta	2% (máximo)
Aveia descascada	5% (máximo)
Impurezas	2% (máximo)
Grãos manchados	15% (máximo)
Cereais	48 (máximo)
Sementes silvestres	10 (máximo)
Outros grãos	8 (máximo)
Peso hectolitro	52 (mínimo)

Os resultados das análises do produto comercializado em anos anteriores têm revelado índices de sementes silvestres, mostrando que o produtor deverá ter mais cuidado com as invasoras que ocorrem na lavoura de aveia. O produto comercial que não estiver dentro deste padrão será rejeitado pela indústria.

## horta & pomar

**A**lgumas práticas recomendadas para os meses de julho e agosto, válidas tanto para a horta como para o pomar:

- \* Construção de estufas plásticas ou reformas com a substituição dos plásticos velhos;
- \* Semeadura do tomate para produção em estufas;
- \* Aquisição de semente de batatinhas para, em seguida, dar início ao plantio;
- \* Controle preventivo de doenças do alho e da cebola;
- \* Conclusão da poda das frutíferas e tratamento com calda sulfocálcica;
- \* Plantio de mudas frutíferas.

#### HORTALIÇAS RECOMENDADAS PARA SEMEADURA NESTE PERÍODO

ESPÉCIE	CULTIVAR	ESPÉCIE	CULTIVAR
** Alface	Regina Crespas Kagraner	** Chicória	Escarola
** Almeirão	Pão-de-Açúcar Folha larga	** Rabanete	Comet
** Beterraba	Early Wonder		Crinson Gigante
*** Cenouras	Nantes Chantenay	* Tomate (Agosto)	Comprido Vermelho e branco
* Couve Flor	Schirömaru Teresópolis		Grupo Santa Cruz (paulista)
*** Rúcula	Cultivada		— Ângela
* Repolho	Híbridos * Louro de verão Coração de boi		— Santa Clara
			— Santa Cruz
			Grupo Salada (gaúcho)
			— Híbrido Monte Carlo
			— Híbrido Master
			— Híbrido Colorado
			— Híbrido Akamaru
			— Tropic
			Floradade
		*** Batatinha	Baronesa Rosa
			Baronesa Branca
			Bonito (branca)

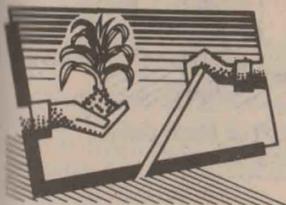
\* Transplante necessário

\*\* Admite transplante e semeadura direta

\*\*\* Não devem ser transplantadas

**IMPORTANTE:** Escalonar épocas de semeadura para garantir uma produção constante e de qualidade. Para a maioria das espécies, as semeaduras devem ser realizadas a cada 30 dias.

## INFORME TÉCNICO



# Calda sulfocálcica

A calda sulfocálcica é um produto preparado com enxofre, cal e água. O produtor pode fazê-la em casa ou até adquiri-la pronta.

### Material

- \* 2 tonéis
- \* 25 litros de água limpa
- \* 4 quilos de cal em pó (virgem)
- \* 5 quilos de enxofre peneirado
- \* 1 bastão de madeira
- \* 1 pano para coar
- \* 1 vasilha de madeira, vidro ou plástico
- \* 1 balde
- \* espalhante adesivo

### Como fazer

Colocar os 25 litros de água num tonel e levar ao fogo para esquentar. Em um balde com água retirada do tonel, misturar o enxofre com um pouco de espalhante adesivo - mais ou menos meio copo.

Em outro tonel colocar os 4 quilos de cal virgem para queimar com 2 a 3 litros de água morna retirada do tonel. Quando a cal começar a ferver, misturar o enxofre já preparado. À medida que se mistura o enxofre sobre a cal, mexer a solução com o bastão de madeira. Depois completa-se com o restante da água quente.

Colocados os 25 litros de água no tonel, fazer uma marca ou sinal da altura da água sobre o recipiente. Ferver a mistura por uma hora com fogo não muito forte, sempre mexendo com o bastão. Sempre que a água do tonel baixar da marca, acrescentar mais até atingir o sinal. Após a fervura, deixar a calda esfriar. Depois de fria, ela deve ser coada com um pano. Guardar a calda em um recipiente de vidro, madeira ou plástico bem fechado. Usar a calda até um mês depois de pronta. Para saber a quantidade de calda para cada litro de água, utilizar o Aerômetro de Beaumé - tabela.

### Observações

Caldas sulfocálcicas e emulsões oleosas não devem ser usadas e nem misturadas em intervalos inferiores a três semanas. Pela natureza cáustica da calda, é preciso muito cuidado na sua preparação e aplicação. Convém usar óculos, chapéu e luvas, ou então, proteger as mãos com uma gordura.

		Concentração	Época de aplicação
Alho	- Ferrugem	0,1°	Fase de crescimento
Oaqui	- Contra esporos e micélios dormentes	4°	Em estado de dormência
Cebola	- Ferrugem	0,3°	Fase de crescimento
Citros	- (1) Feltro, Rubelose e ácaro	0,4° - 0,8°	Antes da brotação
Ervilha	- Ferrugem	0,3°	Fase de crescimento
Fava	- Ferrugem	0,3°	Fase de crescimento
Feijão	- Ferrugem	0,3°	Fase de crescimento
Figo (2)	- Contra esporos e micélios dormentes	4°	Em estado de dormência
Maçã	- Contra esporos e micélios dormentes	4°	Em estado de dormência
Maçã	- Sarna, Monília	0,5°	Fase de florescimento
Pera	- Contra esporos e micélios dormentes	4°	Em estado de dormência
Pera	- Sarna, Monília	0,5°	Fase de florescimento
Pêssego	- Contra esporos e micélios dormentes	3,5°	Em estado de dormência
Uva	- Contra esporos e micélios dormentes	4°	Em estado de dormência

Observações: Para plantas frutíferas, aplicar durante o inverno. Controla também moscos, líquens, ácaros e cochonilhas. No caso dos citros, aplicar quando não houver ramos novos. No figo, evitar aplicação com altas temperaturas.

### TABELA DE DILUIÇÃO

Concentração original	Concentração da calda a preparar (Densidade Bé)								
	4°	3,5°	3,0°	2,0°	1,5°	1,0°	0,8°	0,5°	0,3°
33°	9,4	10,9	12,9	20,2	27,3	41,4	52	84	142
32°	9,0	10,5	12,4	19,3	26,2	38,7	50	81	137
31°	8,6	9,9	11,9	18,5	25,1	38,1	48	77	131
30°	8,2	9,5	11,3	17,7	24,0	36,5	46	74	129
29°	7,8	9,1	10,8	17,0	23,0	34,8	44	71	120
28°	7,2	8,7	10,3	16,2	21,9	33,3	42	68	116
27°	7,1	8,3	9,8	15,4	20,9	31,9	40	65	110
25°	6,4	7,4	8,9	13,9	18,9	29,0	36	59	101
22°	5,3	6,2	7,5	11,8	16,2	24,7	31	51	86
20°	4,7	5,5	6,6	10,5	14,4	22,0	28	45	77
17°	3,7	4,4	5,3	8,5	11,7	17,0	23	37	64

Para preparar uma calda com 4° Bé, partindo de uma calda original de 32° Bé, procurar na tabela o encontro das colunas 32° e 4°, resultando em 9,0, o que significa adicionar 9,0 litros de água e um litro de calda original de 32° Bé.

Quanto ao material, recomenda-se o uso de pulverizadores de latão, ou interiormente estanhados. Aplicar somente a calda com água e espalhante adesivo. Não fazer misturas com outros produtos.

# Tratamento de inverno em frutíferas

\* João Agostinho Boaro

O inverno é um excelente período para que o produtor faça algumas práticas de controle de doenças e pragas que possam, mais tarde, prejudicar as frutíferas. O tratamento de inverno é, portanto, preventivo, de grande eficácia e de baixo custo. Ele deve ser conduzido no período em que a planta se encontra em repouso - entre os meses de maio a agosto -, bem antes da fase de floração e brotação.

O tratamento de inverno consiste na eliminação de todos os galhos e ramos secos, doentes ou mal situados, bem como dos galhos improdutivos. Esta toalete da planta é complementada com a caiação de todo o tronco com uma pasta cúprica - ver fórmula - até atingir a primeira porção dos galhos mais grossos. Essa mesma caiação deverá ser aplicada nos cortes feitos para a remoção dos galhos.

Os ramos a serem eliminados devem ser cortados bem rentes aos galhos onde se fixam, de modo a serem deixados tocos remanescentes. A eliminação dos galhos indesejáveis é normalmente realizada durante a poda, principalmente naqueles casos em que a poda é uma prática indispensável - caso do pessegueiro, figueira, ameixeira. Já para os citros, a poda se resume na eliminação dos ramos doentes, secos ou improdutivos.

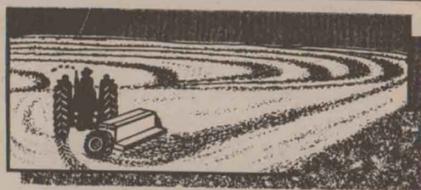
A complementação do tratamento de inverno ocorre com uma pulverização de calda sulfocálcica para controle dos focos de pragas e doenças que ainda persistem nas plantas como ácaros, fungos e cochonilhas.

O tratamento de inverno traz resultados imediatos no aumento da produtividade, não só em consequência da melhoria da sanidade conferida, como também pelo estímulo vegetativo das plantas.

João Agostinho Boaro é engenheiro agrônomo e supervisor de Hortigranjeiros da Cotrijuí

## Fórmula da pasta cúprica

- \* 1 litro de água
- \* 50 ml de óleo mineral
- \* 20 gramas de um fungicida
- \* base de cobre



# SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí, com a colaboração do engenheiro agrônomo Roberto Carbonera, pesquisador do CTC

## Um novo perfil de cultivo para a região

A última década foi marcada pela busca de alternativas para a produção da agropecuária regional. Alguns segmentos obtiveram ganhos significativos como aconteceu com a produção leiteira, a rotação de culturas e a cobertura do solo no inverno, refletindo-se em aumento expressivo na produtividade do trigo, da aveia e da cevada. Por outro lado, a produção de grãos no verão manteve-se praticamente a mesma. A soja, o milho, o feijão não obtiveram ganhos em rendimentos.

Se por um lado, as culturas de trigo e aveia apresentavam rendimentos instáveis e insuficientes por um longo período passaram a ter ganhos reais duplicando o rendimento médio na Região Pioneira e no Rio Grande do Sul, mantendo-se estáveis nos últimos quatro anos.

As importações de trigo que, historicamente situavam-se em quatro milhões de toneladas, fo-

ram reduzidas para um milhão em 1990. No entanto, o atual governo não entendeu o esforço empreendido pela pesquisa, assistência técnica e a dedicação dos produtores, retirando todo e qualquer apoio à produção. Por conta disso, o país volta a importar quatro milhões de toneladas em 1991. É, sem dúvida, um retrocesso. Esperamos que o governo tenha aprendido a lição.

Por outro lado, as culturas de verão não mudaram o perfil na última década. A área cultivada de soja manteve-se estável, em torno de 300 mil hectares na região, com rendimentos que não demonstraram tendências de alta. Em anos bons, os rendimentos são os mesmos de 10 anos atrás. Pior ainda é observar que das últimas 10 safras de soja, quatro delas frustraram, com rendimentos inferiores a 1.200 quilos por hectare, que não chegaram a cobrir os custos de produção. A última safra, sem dúvida, foi

a pior desde que iniciou o plantio de soja na região. Este fato demonstra o quão débil é a nossa estrutura de produção no verão, com reflexos em toda a economia regional.

Mesmo se não considerarmos os aspectos de política agrícola e os fatores climáticos, devemos reconhecer que precisamos avançar tecnicamente com as culturas de verão. Devemos implantar, já nesta safra, novos conceitos como por exemplo, a realização de rotação de culturas de soja com milho, girassol, sorgo, feijão e forrageiras para a produção de biomassa para a alimentação ou para a recuperação do solo. Isto implica em reduzir a área plantada de soja, mas alcançar maiores rendimentos com plantios mais tecnificados. Sem dúvida, este é um passo difícil de ser dado, mas o produtor precisa reconhecer que ele é imprescindível para forçar uma mudança no perfil de cultivo da região.

## LEITE

# Em busca da eficiência e da eficácia

*A condição de atividade complementar, não pode tirar do leite o caráter de seriedade e de profissionalismo*

"O leite não é um negócio que enriquece os produtores como a soja pode um dia ter enriquecido alguém. O leite realmente é uma atividade complementar". A afirmação é do engenheiro agrônomo Cláudio Escosteguy. Além de profissional autônomo, o Cláudio atua junto a Assessoria e Serviços de Projetos em Agricultura Alternativa, Região Sul. Ele esteve em Ijuí, em fins de maio, coordenando, no Centro de Treinamento da Cotrijuí, um curso sobre "Alimentação e Nutrição do Rebanho Bovino", dirigido aos técnicos da Área de Leite da cooperativa.

A característica de atividade pequena leva o leite, segundo o Cláudio, a ser entendido pelo produtor como um complemento às demais atividades. Mas essa condição jamais pode tirar do leite o caráter de seriedade, de especialização, tanto no que diz respeito ao manejo do rebanho como dos recursos forrageiros. Embora reconheça que transformar o produtor de soja em produtor de leite seja uma tarefa difícil, "até pelas suas características de pequena atividade", o Cláudio continua apostando na atividade como opção viável dentro de um sistema de produção grãos/leite. **LIMITES** - Alguns fatores, somados a uma série de preconceitos têm, segundo o engenheiro agrônomo, interferido no avanço da atividade leiteira na região. Cita como um destes exemplos, o caso da produção de soja. Diz que da forma como vêm sendo gerados os sistemas de produção na região para áreas superiores a 30 hectares, a soja ainda continua sendo um negócio minimamente rentável. "A produção de grãos continua sendo, mesmo que o produtor tenha passado para um sistema diversificado, a principal atividade, pois é ainda, especialmente na soja e no trigo, onde se encontra a sua maior experiência", diz apontando o peso dos aspectos cultural e econômico nesta amarra que ainda limita a expansão da atividade na região.

Mas um sistema de produção grãos/leite só terá sentido e apresentar resultados, se for concebido de comum acordo com os produtores. Não acredita na difusão de uma tecnologia ou de um sistema, sem a participação dos produtores. "Além de procurar saber se realmente os aspectos cultural e econômico estão limitando a atividade, também é preciso conhecer os projetos dos produtores", adiantou. Pelo lado dos produtores, defende a idéia de que eles precisam entender melhor a atividade, "encarando-a não apenas como um grande negócio, mas também como uma exploração que pode garantir um fluxo de caixa mensal, que não só pode manter a família, como também pagar os custos operacionais da propriedade como um todo". **MUITOS MODELOS** - Assim como defende o sistema de produção grão



**Cláudio Escosteguy**  
Atividade complementar

/leite para a região, o Cláudio levanta uma outra questão, que também precisa ser entendida pelo produtor: o da diversidade. "É preciso pensar a diversidade na diversificação", explica referindo-se aos muitos modelos de diversificação existentes. Diz que cada um deles e sua implantação está diretamente relacionado com as condições da comunidade, da cultura, da economia, da agroecologia, do solo e do clima. Considerando estes aspectos, pensa ser possível, na região, o desenvolvimento de sistemas de produção de leite, "desde que demonstrem ser tão rentáveis quanto a produção de grãos".

Comparativamente, a produção de leite leva, segundo o agrônomo, algumas vantagens em relação a produção de grãos. Isso porque, o leite é uma atividade menos sujeita às variações climáticas, apresentando menos prejuízos no caso de uma estiagem. "O leite tem a vantagem de apresentar mecanismos de compensação que o grão não tem quando se defronta com uma estiagem longa, como ocorreu neste último verão", diz Cláudio. **A INTEGRAÇÃO** - Este é um assunto que ainda não está incomodando os produtores. Mas de qualquer forma, o Cláudio acredita que a Integração dos Mercados do Cone Sul não só vai exigir eficiência, mas também eficácia na atividade. "O produtor vai ter que achar um jeito de conseguir manter essa eficiência no tempo", alerta, não concebendo a idéia de amanhã, diante de um novo problema climático, o produtor vir a reduzir a sua eficiência. Ao advertir o produtor para a busca de alternativas sustentáveis sob o ponto de vista econômico e ecológico, ele volta a insistir na questão da eficácia. "Então, mais do que eficiente, ele terá que ser eficaz", reforça.

Acha que a pouca preocupação dos produtores em relação a Integração dos Mercados do Cone Sul tem a ver com o fato de que ela ainda não está sendo sentida no seu dia-a-dia e muito menos acontecendo na prática. "Nem o produtor e nem a sociedade civil estão sentindo alguma mudança, muito menos a necessidade desta Integração. A linha de produção deve buscar um desenvolvimento sustentável, tanto do ponto de vista econômico como ecológico e também um desenvolvimento que promova a justiça social".

## COLUNA DO LEITE



Coordenação: Médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer  
Colaboração: Engenheiro agrônomo Jair Mello

### NOVOS PREÇOS PARA O LEITE

Os novos preços estipulados para o leite já vão incidir sobre o pagamento referente ao mês de junho.

Período	De 1º a 13	De 14 a 30
Classificação		
Leite consumo	Cr\$ 60,00	Cr\$ 70,00
Leite indústria	Cr\$ 54,00	Cr\$ 60,00
Preço (líquido) médio na nota:	Cr\$ 51,46	

### SEGUNDO PERCURSO

A Cooperativa Central Gaúcha de Leite, por decisão do seu Conselho de Administração, retirou a cobrança do desconto de segundo percurso. Esta era uma reivindicação antiga dos produtores de leite. Para os produtores de leite que não mais descontam cota capital sobre o produto, o preço líquido do leite, emitido na nota, será de Cr\$ 52,72.

### CURSO NO CTC

Os cursos de gado leiteiro que vêm acontecendo no Centro de Treinamento da Cotrijuí estão abertos a todas as Unidades. Elas tanto podem participar de forma individual ou em grupo. A Unidade interessada em participar do curso deve entrar em contato com o Paulo Gieseler no CTC ou com o Orlando Bohrer, supervisor de Leite em Ijuí. Um caso de curso com programação individual é o do Posto de Santo Augusto, marcado para os dias 23, 24 e 25 de julho, beneficiando, além de produtores de Santo Augusto, também de Coronel Bicaco e Chiapetta. O curso vai tratar de manejo, propriedade, instalações, sanidade, aração, pastagens e inseminação artificial.

### FINANCIAMENTO DE INSUMOS

Os financiamentos para aquisição de insumos continuam à disposição dos produtores de leite associados da Cotrijuí. Os produtores interessados em participar do programa poderão obter maiores informações junto aos departamentos técnicos das Unidades.

### TROCA: FORRAGEIRAS E FERTILIZANTES POR LEITE

Já está em pleno andamento o programa troca de sementes de forrageiras de verão e fertilizantes, por leite. Os produtores deverão ter desenvolvido os pedidos, preenchidos, pelo freteiro ou na sua Unidade, até o dia 20 de julho. A entrega dos insumos está programada para a primeira quinzena de agosto. As espécies forrageiras que integram o troca-troca são as seguintes: milho, sorgo forrageiro, milho germinal, crotalária e guandu. Dos fertilizantes, o produtor pode adquirir para pagar com produto, a uréia e o adubo 5-20-20. O pagamento, tanto de semente como dos fertilizantes, será feito em três parcelas, a ser descontadas nos meses de setembro, outubro e novembro.

### OS BONS DE LEITE

Ignorar a crise e buscar uma maior produção de leite por área de terra e por animal. Esta foi a meta alcançada pelos produtores de leite da Cooperativa de Produtores de Leite de Alta Paulista Ltda, a Coplap, de Tupan, interior de São Paulo ao longo dos últimos 10 anos. Neste período eles conseguiram, mesmo diante de uma crise sem precedentes, aumentar a média individual de produção de leite em mais de 150 por cento. Em 1980, a média diária de produção para cada cooperado era de 57,80 litros de leite. Em 1990, esta média saltou para 148,18 litros de leite/dia, representando um crescimento de 156,37 por cento. Esse crescimento da média individual de produção está representando um acréscimo de Cr\$ 165.460,00 em valores reais de abril de 1991, na média mensal dos cooperados. Uma outra comparação, dando mostras da elevação da renda mensal dos produtores de leite de Tupan: em dezembro de 1980, a média de 57,80 litros de leite por dia correspondia a 4,79 salários mínimos da época. Em dezembro do ano passado, com o aumento da produção diária para 148,18 litros, o produtor de leite passou a ter uma renda equivalente a 17,84 salários mínimos. Estes dados referentes a produção de leite do município de Tupan, foram publicados no jornal O Campo, da Coplap, edição de maio deste ano.

### PROGRAMA DE LITRAGEM MÍNIMA

O Programa de Recebimento Mínimo de Leite deverá ser divulgado entre os produtores ainda neste mês de julho. O atraso na divulgação do Programa ocorreu em função de que o mesmo será acrescido de um outro: o de Metas e Dimensionamento da propriedade. Será um programa global e abrangente a todos os associados produtores de leite da Cotrijuí na região.

## Reuniões... Cursos... Dias de Campo... Reuniões...

### CONGRESSO DE ENGENHARIA AGRÍCOLA

De 21 a 26 de julho, acontece em Londrina, no Paraná, o 20º Congresso Brasileiro de Engenharia Agrícola. O tema principal é Engenharia Agrícola na Definição dos Planos Estratégicos para a Agropecuária Brasileira, é o tema central do Congresso. Maiores informações poderão ser obtidas pelo telefone (0432) 26-1525.

### DECISÃO NA AGROPECUÁRIA

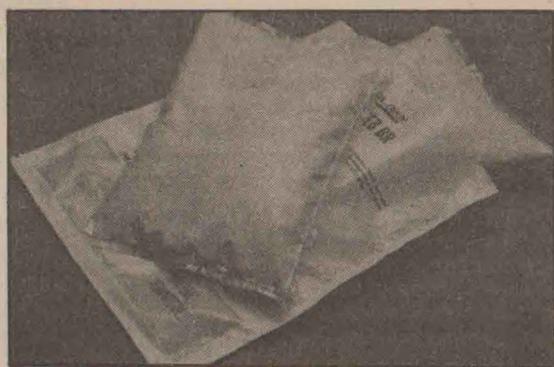
De 12 a 16 de agosto será realizado o Curso de Análise de Decisão na Agropecuária. O curso terá 40 horas de duração, com aulas expositivas e laboratórios de processamento de dados. A finalidade deste curso é o treinamento dos participantes no manuseio e montagem de programas de decisão em situações de risco, aplicados às diversas áreas da administração da agropecuária e da agroindústria. Os interessados em participar deste Curso poderão obter maiores informações junto à Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz, Av. Carlos Botelho, 1025, CEP 13400, Piracicaba, São Paulo. Ou ainda pelos telefones (0194) 226600 ou 223491 e telex 19.7443.

## Novidades

### Embalagem solúvel

Como parte de um programa de pesquisa voltado ao meio ambiente, a Ciba Geigy do Brasil, através da sua Divisão Agrícola, está lançando uma embalagem hidrossolúvel para sua linha de defensivos agrícolas, como o fungicida Ridomil-BR e o inseticida Trigard 750 PM, destinado ao controle da mosca-minadora na cultura do crisântemo.

A embalagem, feita com um tipo especial de plástico biodegradável, à base de álcool polivinílico, dissolve-se totalmente em contato com a água, em poucos minutos. Dessa forma, o usuário não entra em contato direto com o defensivo, o que garante maior segurança no manuseio do mesmo. O plástico biodegradável evita também o problema de descarte das embalagens que podem causar danos ao meio ambiente e especialmente a sua reutilização inadequada. Outras vantagens das novas embalagens solúveis, segundo a empresa, estão relacionadas com a minimização de erros na medição do produto, a redução da exalação do cheiro do defensivo, a resistência ao óleo, graxa e ao manuseio. Ainda mais: não é afetado pela umidade da mão ou do ar. Esse tipo de embalagem já vem sendo utilizado na Europa há mais de dois anos. Para o lançamento no Brasil, a Ciba Geigy já investiu 250 mil dólares.



Um Involúcro-plástico especial identifica a marca e...  
... protege a "embalagem especial"

### Acácia: negócio e meio ambiente

A acacicultura já se transformou num excelente negócio para os agricultores da região do Vale do Taquari, principalmente. Mas além do bom negócio para os produtores, também se revela numa solução para o equilíbrio do meio ambiente naquela região montanhosa. O cultivo da acácia nas regiões dobradas que margeiam os vales e planícies, ajuda a deter a erosão nas encostas.

Essa filosofia de ação está sendo estimulada pela Seta S.A. - Extrativa Tanino de Acácia. Na visão de

Roque Carlos Ritter, superintendente dessa empresa, a acacicultura proporciona aos produtores o bom casamento da produção com a possibilidade de preservar o meio ambiente natural. Além de se constituir em riqueza renovável, ainda mantém o solo protegido da erosão.

A Seta, através de sua subsidiária, Setaf, produz as mudas para replante em suas lavouras próprias, e fornece para terceiros, através de seu viveiro localizado no município de Portão.

### NOVOS RUMOS DA GENÉTICA E DA BIOTECNOLOGIA

De 04 a 08 de agosto acontece o Simpósio Internacional "Novos Rumos da Genética e Biotecnologia em Plantas, Animais e Microrganismos na Agroindústria. Participam deste evento cientistas do Brasil e do exterior, especialistas de grande conceituação no assunto. Maiores informações sobre o Simpósio poderão ser obtidas junto à Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz - Av. Carlos Botelho, 1025 - CEP 13400, Piracicaba, São Paulo. Ou ainda pelos telefones (0194) 226600 - 223491 e telex 19 7443.

### CIÊNCIA DO SOLO

A Sociedade Brasileira de Ciência do Solo promove, de 21 a 27 de julho, em Porto Alegre, o XXIII Congresso Brasileiro de Ciência do Solo. O Congresso acontece junto a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus Centro, rua Paulo Gama, 110. Maiores informações junto a Faculdade de Agronomia/UFRGS, junto ao Departamento de Solos, Cx Postal 776, Av. Bento Gonçalves, 7712 - CEP 90001 - Porto Alegre. Ou ainda pelos telefones: (0512) 39.1355, 36.8399 e 36.9822.

### MILHO E FEIJÃO

No dia 02 de agosto acontece em Ajuricaba o Seminário de Milho e Feijão. O evento integra a programação comemorativa dos 25 anos do município e é uma promoção do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, unidade de Ajuricaba. A finalidade do Seminário que acontece na Afucotri, é o de incentivar o cultivo do milho e do feijão no município, tentando, ao mesmo tempo, alertar os produtores em relação às perdas. Um estudo feito mostra que hoje o produtor só não produz mais milho e feijão, por erros cometidos durante o plantio.

### MANEJO DO SOLO

A Cotrijuí, unidade de Ajuricaba, promove, no dia 29 de julho, o Seminário sobre Manejo do Solo. Destinado a produtores e técnicos da região, o Seminário acontece a partir das 14:00 horas, no Salão Paroquial da comunidade de Linha 23. As palestras estão a cargo dos engenheiros agrônomos Sérgio Feltraco, da Cotrirosa, de Santa Rosa e Armando Dalla Rosa, da Cotrisa, de Santo Ângelo. Como debatedor vai atuar o engenheiro agrônomo da Cotrijuí, especialista em solos, Rivaldo Dhein. A finalidade do Seminário, segundo o chefe do Departamento Agrotécnico da Unidade, o engenheiro agrônomo Jorge Alberto Sito, é o de retomar os trabalhos de microbacia da Linha 23.

## Monitoramento Tilt no trigo

O sistema de Monitoramento Tilt na cultura do trigo, um dos serviços oferecidos pela Ciba-Geigy aos produtores, integra, hoje, a rotina de larga faixa da comunidade rural tritícola brasileira. Como acontece em relação a outros programas semelhantes da Empresa, o Monitoramento Tilt tem por objetivo contribuir para que se dê o correto uso dos defensivos. Ou seja: que sua aplicação seja feita no momento exato, na dose correta, com maior segurança para quem aplica.

Desenvolvido a partir de 1987 no Rio Grande do Sul e Paraná, o programa de Monitoramento Tilt no trigo ganhou a adesão dos produtores e suas cooperativas e hoje sua abrangência inclui os estados do Mato Grosso do Sul, São Paulo e Santa Catarina, com mais de 30 mil visitas realizadas.

O sistema de Monitoramento Tilt na cultura do trigo teve início com uma experiência piloto junto a agricultores no Planalto Médio do Rio Grande do Sul e no Oeste do Paraná, que tiveram suas lavouras amostradas quanto aos diversos aspectos da cultura - adubação, controle de pragas e doen-

## AGENDA ATIVIDADES DO DEPARTAMENTO AGROTÉCNICO MÊS DE JULHO

### Julho

- \* Dias 17 e 18 - Curso de Alimentação e Manejo de Pastagem para o Gado de Leite. Local: CTC
- \* De 22 a 26 - Treinamento para filhos de associados. Local: CTC
- \* De 24 a 26 - Curso de Manejo do Gado Leiteiro - Sanidade e Alimentação. Local: CTC.

### Agosto

- \* De 05 a 09 - Treinamento para filhos de associados de Ijuí. Local: CTC
- \* De 19 a 30 - Novo treinamento para filhos de associados. Local: CTC
- \* Dia 22 - Curso de Apicultura - Criação de Abelhas. Local: CTC
- \* Dia 22 - Reunião sobre o Gado Leiteiro e Forrageira. Local: CTC
- \* Dia 29 - Curso de Criação de Terneiras - Alimentação, Manejo e Sanidade. Local: CTC

### EVENTOS PARA TÉCNICOS

### Julho

- \* Dia 26 - Seminário sobre Máquinas na Pecuária Leiteira. Local: Afucotri de Ijuí.

### Agosto

- \* Dia 07 - Reunião com produtores de tomate de Ijuí. Local: Auditório da Cotrijuí, em Ijuí. Horário: 14 horas.
- \* Dia 09 - "Dia do Peixe". Local: Santo Augusto.
- \* Dia 20 - Reunião com produtores de moranga. Horário: às 14 horas.

### Termohigromolhógrafo: tecnologia de ponta a serviço do produtor

Para a safra de 1991 estão sendo instalados 10 aparelhos Termohigromolhógrafos, um equipamento que além de medir a umidade relativa do ar e sua temperatura indica eletronicamente o tempo - em horas - em que as folhas de trigo permanecem molhadas.

O Termohigromolhógrafo foi

desenvolvido em tecnologia nacional por uma equipe de pesquisadores ligados à cultura do trigo e contou com o apoio da Ciba-Geigy. É mais um serviço exclusivo oferecido aos triticultores brasileiros e que, ao lado do Monitoramento Tilt, forma um dos maiores projetos a nível mundial no campo da epidemiologia e previsão de doenças do trigo.

BANCO COOPERATIVO

# Sem avançar o sinal

"O Banco Cooperativo é, realmente, uma antiga aspiração do setor, em especial, daquelas lideranças mais expressivas do cooperativismo brasileiro. Mas nada de pressa, nada de avançar o sinal sem que ele esteja verde, alicerçado por uma estrutura capaz de absorver, com perfeito respaldo de demanda, a procura que será feita por um segmento da economia cada vez mais necessitado de créditos para produzir".

É o pensamento do presidente da Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul, economista Ademar Schardong, com o peso da competência e do pioneirismo e liderança que o nosso Estado ocupa no contexto do cooperativismo de crédito no país.

**QUE BANCO QUEREM?** - Enfático, Schardong prossegue dizendo que o banco já existe, e funciona em todos os níveis que a atividade requer. A Cococer só não é banco, no nome. Mas em sua estrutura operacional e física, na prestação de serviços e guarda de valores de seus associados depositantes, é um banco. E mais, funciona com o respaldo do Banco do Brasil, o único estabelecimento que ainda repassa crédito para o setor primário da economia, neste momento de crise financeira generalizada.

É preciso que digam que banco querem, reclama o presidente da Cococer. Será um estabelecimento com estrutura e feição jurídica de uma S.A., com acionistas e capital estrangeiro ou uma espécie de caixa nacional das cooperativas de crédito, a exemplo do modelo implantado nos países europeus? É preciso que isso fique bem claro desde o início para que se saiba que rumos tomar desde já.

**CONSOLIDAR O SISTEMA** - Nosso banco, o banco do sistema cooperativo, tem que vir ao natural, recomenda. E ele tem a experiência de dez anos na Cococer, para aconselhar isso. A Central tem hoje um universo de 84 mil associados em 61 cooperativas - às vésperas de 62, com a formação da Cooperativa de Crédito Rural de Lagoa Vermelha). Tem um patrimônio líquido de 2,5 bilhões de cruzeiros; 7 bilhões de empréstimos, 1,5 bilhão em caderneta de poupança, e com perspectiva de chegar ao final do ano com o volume de 10 bilhões de cruzeiros de empréstimos.

Se isso não é banco, então não sei o que poderá vir a sê-lo. É claro que é um banco de pequeno porte, como ocorre com a maioria dos bancos brasileiros. Aliás, é importante ressaltar que existe no Brasil mais de uma centena de bancos em situação difícil. Eu não desejo que um banco



Ademar Schardong, presidente da Cococer  
O banco já existe e funciona com respaldo

das cooperativas, quando vier, se enquadre nesta categoria.

**O BANCO É A SOLUÇÃO** - Não. Dá para sentir que só banco não soluciona os problemas do setor, que, como se nota, são de natureza conjuntural. Um dos fatores que mais tem contribuído para o empobrecimento do campo é o verdadeiro êxodo do capital gerado pela atividade primária. O dinheiro gerado do campo após o árduo e penoso trabalho do agricultor, acaba sendo carregado para financiar setores da economia, nas cidades.

Por isso se dá tanta ênfase a criação de um banco tipicamente rural e, ou, cooperativo. Mas é preciso ficar bem claro que a vinda de um banco com essas características, por si só, não resolve nenhum dos problemas que abordamos.

**O BANCO VIRÁ A SEU TEMPO** - Por que um banco cooperativo? Schardong diz: temos que entender que a retirada do governo do âmbito da economia é apenas questão de tempo. Pelo que se sabe o governo vai, cada vez mais, impossibilitando-se de prosseguir bancando a conta. O crédito oficial está no fim, por terem se esgotado as fontes tradicionais de recursos.

Mas a contratação dessa realidade não nos obriga a apressar a criação de um banco sem as necessárias bases. A meu ver, em primeiro lugar, temos que capitalizar o sistema. Uma das formas que antevejo é fazendo com que as cooperativas de produção operem mais com as suas co-irmãs e - muitas vezes - coligadas, cooperativas de crédito. Em segundo lugar, gestionando junto ao Banco Central para modificar alguns restrições que acabam por travar

o desenvolvimento do cooperativismo de crédito. E aí se colocam a compensação de cheques e o impedimento que pessoas físicas, profissionais de outras áreas, operem com as cooperativas de crédito.

Essa proibição caracteriza uma injustiça, diz Schardong. Se tais profissionais - médicos, engenheiros, advogados, etc. - obtêm seus ganhos na comunidade, por que não podem aplicar suas sobras ali, onde foi gerada a riqueza, tendo que depositar em agências bancárias cujas matrizes ficam a milhares de quilômetros de distância, e quase sempre, em outros estados?

O banco virá no seu devido tempo. Mas o tempo somente será determinado pela capacidade dos nossos produtores rurais e suas cooperativas, capitalizarem as suas co-irmãs de crédito.

**ENQUANTO O BANCO NÃO VEM** - Enquanto isso, a Cococer trabalha e se consolida, a semelhança de um verdadeiro

banco cooperativo. Na assembléia geral, realizada no dia 12 de julho, foi submetida a apreciação do quadro, para aprovação, uma série de medidas que irá proporcionar uma fase mais dinâmica em termos de rentabilidade e crescimento.

Dentre essas medidas despontam a captação remunerada, o depósito a prazo e RDC Rural, que pode ser a prazo fixo e com taxa pré-fixada. Vem também a poupança a médio e longo prazos. Uma poupança declarada para noventa dias, já vai render Taxa Referencial e mais juros. As cooperativas de produção poderão aplicar a prazo fixo, com taxa pré-fixada, para saques vinculados a empréstimos. São medidas de muito efeito, considera Ademar Schardong.

**HÁ CONSCIENTIZAÇÃO E PARTICIPAÇÃO?** - A participação vem crescendo na medida em que os agricultores passam a confiar nas cooperativas de crédito. E isso tem levado tempo, mas já evoluiu. Agora, o que eu mais questiono, estranha Schardong, é sobre a pequena participação das cooperativas de produção, nas de crédito, quando tudo levaria a crer que se somariam. O fato, em grande parte, se explica pelo atrelamento que elas ainda têm em relação as outras instituições financeiras. E essa, a meu ver, adverte Schardong, é uma das razões pelas quais se deva pedir calma aos que querem apressar o banco cooperativo. Se as cooperativas de produção relutam hoje em prestigiar as de crédito, não poderá ocorrer o mesmo, quando o banco estiver operando? Por isso - finaliza - vamos prosseguir com calma, com os pés no chão.

# Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU  
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIJIÚ

Elaboração: Irene Lorenzoni  
Montagem: Z Comunicação

**TE RROR !!**

**História para quem não tem medo.**



**Vampiro**

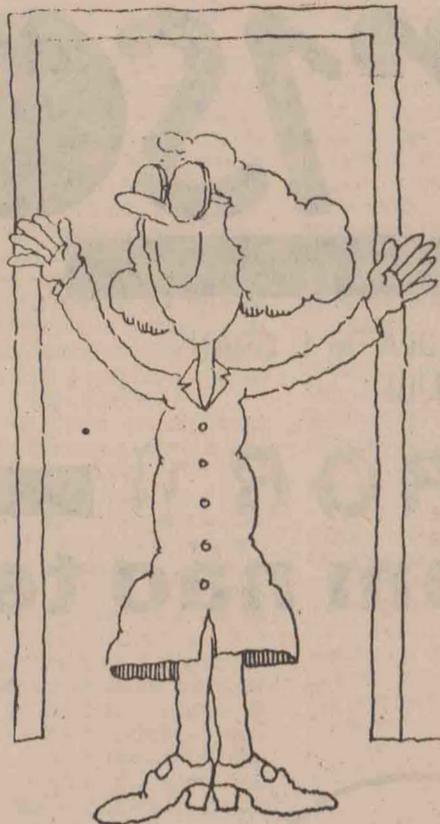
**Bicho da Goiaba**  
**Brincadeiras**  
**CRUZADINHA**  
**MÁGICA**

## Minhas Aulas

Adoro minhas aulas, estudo e brinco bastante. Quando chega a hora de ir para casa fico muito triste.

No outro dia faço os meus temas e estudo bastante para que no fim do ano eu passe. Também tenho muitas amigas, elas se chamam, Vanessa, Ivana, Sandra e Eliane. E mais ainda a professora que se chama Cledir. E fico muito

contente que tem aula para meus colegas e para mim e mais ainda porque tenho uma professora muito esforçada.



Cristiane Raquel Goi  
Escola de 1º Grau Irc. 19 de Outubro

## A História do Porco

O porquinho nasce da porca, ele vive nos poteiros ou chiqueiros. Quando o leitãozinho nasce, logo toma leite até que fique um pouco fortinho.

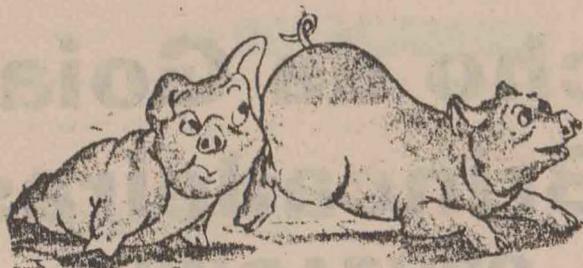
O couro do porco serve para fazer bolsas e com a carne a gente faz linguiça e mortadela.

Depois que está maior, já come pasto e outros alimentos. Ele é assim. É gordinho, orelhudo e fofinho.

O porco ronca, arrotta e faz outras bobagens. Tem alguns porcos que não são higiênicos, tem outros porcos que são, porque os donos cuidam mais. Já pensou se tivesse um porco magro? Eu garanto que ele ia logo engordar. Alguns porcos tem furos nas

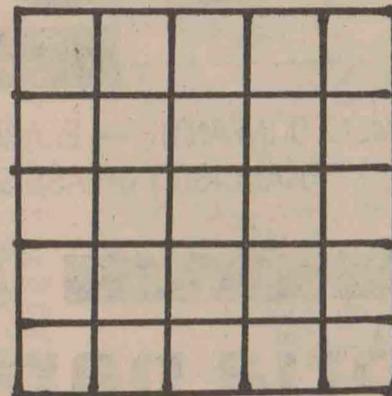
orelhas que é o seu registro, assim como nós, que temos nossa Certidão de Nascimento. Para eles venderem o porco tem que desenhar a orelha furada do porco. O desenho não pode ser diferente. Se for diferente, eles não podem vender o porco porque eles estão logrando a pessoa. Mas pelo que eu sei, eles são gente boa e não logram as pessoas. Cada furo na orelha tem um tipo de qualidade ou centímetro, como um veterinário me explicou. Eu falei com o próprio veterinário do CTC, que trabalha lá.

Fernanda Corrêa  
2ª série



As mesmas palavras que você colocar na direção horizontal aparecerão na direção vertical.

- 1 - Envolve a gema do ovo.
- 2 - A língua dos antigos romanos.
- 3 - Partícula mínima.
- 4 - Combinar versos na poesia.
- 5 - Pequena fruta silvestre.

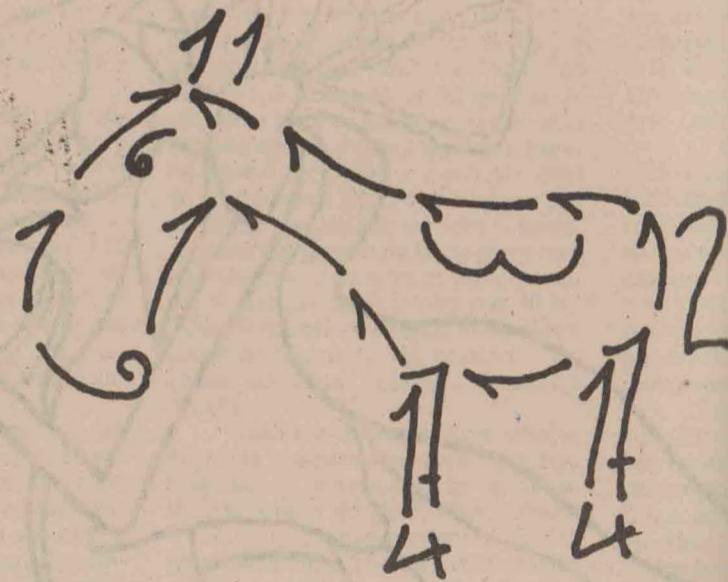


**CRUZADINHAS**

Respostas: Clara / Latim / Atomo / Rimar / Amora.

## A IDADE DO CAVALO

Este cavalo é todo desenhado com números. Descubra qual é a idade que ele tem, somando todos os números que aparecem no desenho. Some os números em unidades.



Resposta: 54 anos.

## expediente:

Suplemento Infantil  
Elaborado na Escola de 1º Grau  
Francisco de Assis - FIDENE/ UNIJUÍ  
Elaboração: Irene Lorenzoni  
Montagem: Z Comunicação

# Textos Produzidos pelas crianças

## Futebol entre os bombachudos

Um dia, quando fui jogar bola no potreiro do vizinho só havia bombachudos.

Como eu fui de calção, não podia jogar bola porque era torneio de futebol. Só jogava quem tinha bombacha.

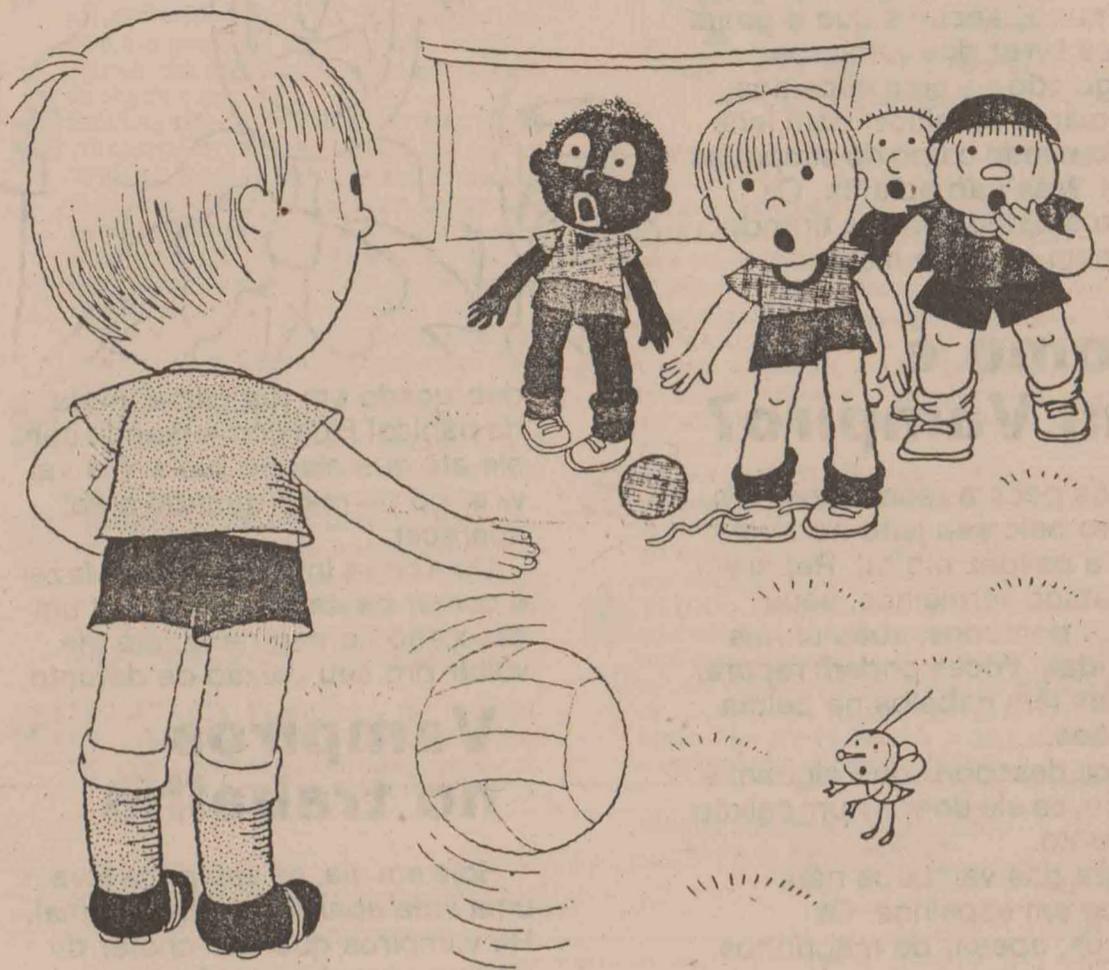
Fiquei muito brabo. Fui para casa e vesti uma bombacha.

Quando começou o jogo eu estava pronto. Veio muita gente do interior.

Só era falta para cima de falta. Era preciso proteger as canelas porque um time jogava de pés descalços e o outro time com botas.

Até o juiz tomou um "botaço" no dedo.

E assim terminou o jogo e todos estavam muito machucados.



Marcio Haas - 4ª série

## A história de Jóia

Antigamente na cidade de Jóia as pessoas viviam assim:

Elas plantavam mais milho, arroz, e feijão, e se alimentavam dos próprios produtos que plantavam, porque naquele tempo não havia indústrias.

O solo era preparado com enxada e tração animal.

A plantação era feita assim, as pessoas faziam com as mãos ou máquinas de mão.

A colheita era feita de foice.

Antigamente não existia hospital, nem prefeitura, nem eletricidade e não existia Cotrijuí, CTC. Só existia uma indústria, era o moinho que foi o marco inicial de Jóia.

Naquele tempo não existiam esses implementos que usam agora para trabalhar na terra com tratores.

Não existiam as patrôlas para fazer as estradas.

Existiam poucas escolas e pouco comércio.

O vestuário deles era roupa de gaúcho, com bombachas e vestidos compridos.

Hoje na cidade de Jóia é assim. Eles plantam mais trigo e soja, e depois colhem e transportam para as indústrias para serem transformados em outros produtos.

O solo é feito com trator e muito pouca tração animal.

A plantação é feita com plantadeira e muito pouca com máquina de mão.

A colheita é feita com ceifa, e muito pouca com foice.

Agora existe hospital, ambulância, farmácia, posto de saúde, para melhor atender a saúde das pessoas.

Agora a energia elétrica é mais desenvolvida, existe telefone, televisão e rádio.

Hoje tem trator para o preparo da terra, tem patrôla para fazer as estradas, existem mais escolas e melhor educação, está sendo mais desenvolvida, tem mais indústrias, e tem uma sede que é a cidade.

No futuro eles pretendem dar mais graus de estudos na educação, e querem construir uma BR que ligue a cidade de Jóia a Augusto Pestana.

O prefeito Jorge Miguel Vieira Leal quer construir uma rádio

daqui quatro anos, criar o DDD, melhoria da educação rural, e mais energia elétrica no meio rural.

Alexandro R. Lima  
Escola Fernando Ferrari - Jóia

## Do Gramofone ao Laser

Só foi possível reproduzir a gravação sonora a partir de 1877 quando Thomas Alva Edison inventou o fonógrafo, o irmão mais velho da vitrola. Para quem não sabe, Thomas A. Edison foi um dos maiores inventores da história, patenteando mais de mil invenções.

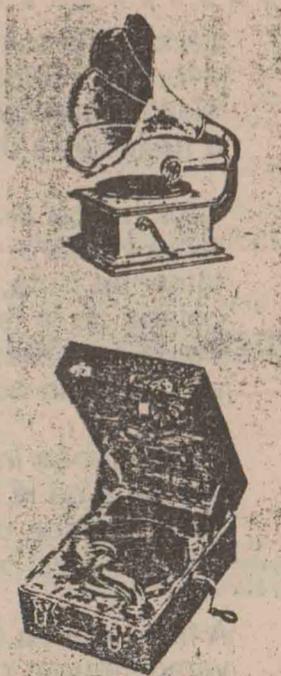
No início deste século, os discos eram tocados no gramofone, aquele trambolhão que funcionava se a pessoa desse corda. Foram necessários mais alguns anos para se chegar à vitrola que se conhece hoje.

Lá pelo ano de 1930 já se podia falar na existência de uma indústria fonográfica. Quer dizer, já existiam as fábricas de disco e de vitrolas. Nessa época a maioria das gravações era de discos de ópera.

A qualidade das gravações foi melhorando com o avanço da tecnologia. Por volta de 1950, as indústrias conseguiram fabricar aparelhos mais baratos e já era bem mais fácil ter uma vitrola em casa.

Nos anos sessenta, a grande novidade foi o processo estéreo, que distribui a reprodução do som gravado em duas caixas acústicas.

A última inovação técnica na área chegou no final da década passada. É o disco laser ou compact disc, também chamado CD. É um disco revestido de metal que não é lido por uma agulha tradicional de vitrola. Os aparelhos que reproduzem esse disco usam um raio laser para fazer essa leitura.



Suplemento Folhinha de São Paulo

## Os Vampiros

Colin e Jackie Hawkins  
Trad. e Adap. Esther Pillar Grossi

Há muitos séculos que a gente tenta se livrar dos vampiros, perseguindo-os com espelhos, com colares de alhos, com leite talhado e todo o tipo de simpatias e figas. Mas não adianta. Os vampiros estão sempre tirando sarro com o nosso medo.

### Como é um Vampiro?

Vocês podem reconhecer um vampiro pelo seu jeito horrível e por sua palidez mortal. Reparem seus lábios vermelhos, seus caninos pontudos, suas unhas compridas. Vocês podem reparar que eles têm cabelos na palma das mãos.

É fácil descobrir que alguém é vampiro, se ele dorme num caixão de defunto.

A cara dos vampiros não aparece em espelhos. Os vampiros, apesar de magrinhos, têm muita força porque eles só se alimentam de sangue.

### As visitas dos Vampiros

Quando um vampiro aparece no quarto da gente, à noite, é uma coisa horrorosa. O que se deve fazer se isto acontecer?

Sabe-se que os vampiros viram pó e eles são tocados por um raio de sol. Por isso, se acordares, de noite, com um vampiro



debruçado em tua cama, nada de pânico! Fica conversando com ele até que clareie o dia. Ele vai virar pó de mico quando o sol aparecer.

Uma coisa interessante de fazer é comer bastante alho e dar um assoprão no seu nariz, até ele voltar pro seu caixão de defunto.

### Vampiros no trabalho

Hoje em dia, os vampiros levam uma vida aparentemente normal. Há vampiros que são chofer de ônibus, vampiros professores, políticos, comerciantes, policiais, médicos, açougueiros, dentistas e até astronautas.

### A Vida de Família

Existe o vampiro Pai, a vampira Mãe e os vampiros filhos. Eles formam uma família normal de vampiros.

Todos vêm com fome para a mesa, quando a mãe chama para o almoço.

## O Nenê Vampiro

Quando nasce um vampirinho novo é aquela festa!

A vovó vampira gosta muito dos netinhos.

Ela dá de presente uma aranha ao netinho, quando nasce o seu primeiro canino.

Antes dos vampirinhos dormirem, a Mamãe Vampiro lê histórias para eles.

Eles gostam muito da história dos Três Ursos que comem mingau de sangue.

Eles gostam também da história do Vampirinho Vermelho que foi levar uma cesta de morceguinhos para a vovozinha.

Depois que os vampirinhos dormem, Papai e Mamãe Vampiros vêm na televisão velhos filmes de vampiros.

À meia-noite eles sobem a escada que vai dar nos quartos. À meia-noite e cinco eles apagam todas as luzes.

À meia-noite e dez, na escuridão, dá neles aquela vontade de virar lobo, que sai para virar lá fora.

- Lembrem-se de uma coisa, crianças:

Se um vampiro pintar no quarto de vocês, durante a noite, não se assustem!

Conversem com ele até de manhã, que o primeiro raio de sol vai reduzi-lo a pó.

Mas se vocês fizerem amizades com ele durante a conversa, deixem que ele vá embora antes de amanhecer.

Afinal, a gente protege os amigos.



## Bicho da Goiaba

Ao luar a bicharada:  
o pai, a mãe, a filharada,  
cada um no seu buraco.  
Goiaba no dente,  
barriga contente.

Das grimpas da goiabeira  
espiam a vizinhança:  
povo de olho rasgado,  
planta verde, abastança.  
O terreiro irrigado,  
a terra é só festança.

Lado de cá nem tanto  
roça de milho e feijão.  
O caipira reza, meu Santo,  
mande chuva neste mundão!

Lado de lá a mulherada,  
avô, pai, a filharada.  
Menino cresce igual mamão  
e na lavoura dá de mão.

O bicho-pai ensimesmou:  
tanta verdura,  
tamanha fruta,  
goiaba de lá tem mais mel?  
Polpa polpuda, um disparate,  
até semelha abacate.

A bicha-mãe invejou:  
madame de lá tão roliça,  
decerto nada de suco,  
vive curtindo preguiça.

A filharada se ouriçou:  
vamos mudar de pé?  
Mas o pai ponderou:  
fruta ensacada, então não é?

Vestem roupa nas frutinhas,  
a bicha-mãe concordou.  
Mal despontam as coitadinhas,  
o homem já ensacou.

E não sobra um furinho?  
Fez beicinho a filharada.  
Mas quem sabe, com jeitinho,  
a gente papa a goiaba.

Que meninada sabida,  
vamos logo na corrida.  
Menina, ajunte a trouxa!  
Menino, ajude aqui!  
É preciso uma tesoura  
e boca-de-siri.

Só que gosto de goiaba,  
goiaba não tinha não.  
Verdade que carnosa,

mas nem doce ou amargosa,  
sem sal, algo insosso,  
nem mesmo sabor de osso.

O pai, a mãe, a filharada,  
viola no saco, pé na estrada,  
enquanto é noite calada  
e mal rompe a madrugada.

Nada neste chão  
é melhor do que goiaba.  
Mas que seja amarela  
com cheirinho de bichada.

Bóia por todo lado,  
cabeça na janela.  
A vida puro regalo,  
dormitório na panela.

Alciene Ribeiro Leite